

MARÍLIA DE CAMARGO CÉSAR

ENTRE A CRUZ E O ARCO-ÍRIS

A COMPLEXA RELAÇÃO
DOS CRISTÃOS
COM A
HOMOAFETIVIDADE

O que a Bíblia diz
e não diz sobre
homossexualidade e
como gays e igrejas
podem lidar com
a questão

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MARÍLIA DE CAMARGO CÉSAR

ENTRE A CRUZ E O ARCO-ÍRIS

A COMPLEXA RELAÇÃO DOS CRISTÃOS
COM A HOMOAFETIVIDADE


GUTENBERG

Copyright © 2013 Marília de Camargo César
Copyright © 2013 Editora Gutenberg

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL
Alessandra J. Gelman Ruiz

ASSISTENTE EDITORIAL
Felipe Castilho

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Geisa Oliveira

REVISÃO
Gabriela Ubrig Tonneli
Cecília Martins

DIAGRAMAÇÃO
Tristelune Production

CAPA
Diogo Droschi
PRODUÇÃO DO E-BOOK
Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

César, Marília de Camargo

Entre a cruz e o arco-íris : a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade / Marília de Camargo César. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2013.

ISBN 978-858-235-096-6

1. Cristãos 2. Jornalismo 3. Relações homoafetivas I. Título.

13-08766

CDD-079

Índices para catálogo sistemático:
1. Relação dos cristãos com a homoafetividade :
Jornalismo 079

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com.br

Para Robin, com afeto.

A tuberculose e o câncer não são as grandes doenças. Penso que uma doença muito maior é não ser querido, não ser amado. A dor que essas pessoas sofrem é muito difícil de compreender, de penetrar. Acho que isso é o que nossa gente em todo o mundo está passando, em cada família, em cada casa. Esse sofrimento repete-se em cada homem, em cada mulher e criança. Penso que Cristo está sofrendo Sua paixão novamente. E é você e sou eu quem temos de ajudar-lhes. Temos de ser Verônica,¹ de ser Simão² para eles.

Madre Teresa de Calcutá

1 Verônica, segundo a tradição católica, foi a mulher que enxugou a face de Jesus com seu véu quando ele estava a caminho do Calvário.

2 Simão de Cirene ajudou Jesus a carregar a cruz em um trecho do percurso da via dolorosa.

Agradecimentos

A André, marido e cúmplice, pela preocupação, pelo cuidado e por suportar uma esposa monotemática ao longo de dois anos.

A Ricardo Alexandre, pela forma generosa e companheira com que participou do projeto editorial e editou os originais e pela sugestão do título.

A Mark Carpenter e Renato Fleischner, por inicialmente apoiarem uma ideia controversa.

A Editora Gutenberg, que, com sua iniciativa destemida, colabora para um debate mais lúcido sobre um tema muito relevante.

A Luciana Villas-Boas, pela atenção e pelo carinho dispensados a uma autora carente.

A Hellyângela Águida, Cláudia Daré e Vera Lúcia Gonçalves, que comigo dividiram as surpresas e angústias desta caminhada peculiar.

A Sérgio Pavarini, pelo diálogo aberto e por oferecer o ombro quando as coisas apertaram.

A Robinson Borges, pelas críticas contundentes que me levaram a rever conceitos.

A Maurício Zágari, pela valiosa revisão de conteúdo teológico.

Aos pastores Ed René Kivitz, Osmar Ludovico, Ariovaldo Ramos, Ricardo Barbosa e Caio Fábio de Araújo, por tudo o que têm me ensinado.

A Marcos Kachy, por pagar aquele mico por mim na Barnes & Noble, em Orlando.

Aos que colaboraram das mais diferentes maneiras, seja em conversas pacientes e esclarecedoras, na sugestão de literatura, websites, artigos e

fontes, seja na leitura parcial do manuscrito: Adriana Caldas do Rego Freitas Maluf, Adriana Leles, Adriano Francisco, Ageu Lisboa, Alcyr Este, Araken Barreto, Carlos Bregantim, Carlos Osvaldo Pinto, Carlos Catito Grzybowski, Celene Camargo Cesar Stierli, Célia de Gouvêa Franco, Edith Modesto, Elias José da Silva, Fátima Regina de Souza, Gilberto Garcia, Hivana Malafaia, Isabelle Ludovico, José Marcelo C. Cesar, Leandro Bacheга, Levy Franco, Luiz Alexandre de Camargo Cesar, Maria Luiza Guião Bastos, Milton Camargo Cesar, Milton Camargo Cesar Sobrinho, Philip Yancey, Sérgio Franco, Sérgio Viula e Zenon Lotufo.

E a minhas incríveis filhas, Marina e Luiza, por saberem a hora de romper o isolamento da escrita e me atrair de volta ao melhor lugar do mundo.

Prefácio

O assunto do sermão é a história do rapaz cego de nascença a quem Jesus devolveu a visão, no capítulo 9 do evangelho de São João. Do púlpito, o pastor André Fontana nos provoca: “Por que os discípulos são citados logo no começo do texto, se eles, de fato, não têm envolvimento nenhum no episódio?”.

Boa pergunta. Nunca havia atentado para esse desvio na narrativa. Olhando agora, parece um desvio abrupto, quase agressivo, no qual surgem os seguidores de Jesus de Nazaré, homens muito interessados em saber quem era o “culpado” pela cegueira daquele moço, se o pecador era ele próprio ou os pais dele.

O pastor Fontana prossegue, esclarecendo: “Bem, os discípulos são citados porque Jesus quer ensinar algo para seus seguidores”. Ou seja, para nós. Para mim. E o que ele quer me ensinar está nos versículos a seguir:

Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. Convém que eu faça as obras dAquele que me enviou enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.

João 9,3-4

No auditório, recebi aquela verdade bíblica como uma revelação embebida nos quase dois anos em que acompanhei o trabalho da jornalista Marília Camargo Cesar neste seu terceiro livro, *Entre a cruz e o arco-íris*, e fiquei profundamente impactado pela barafunda de questionamentos e confrontos a que a leitura dos primeiros manuscritos me causou. Naquela

manhã de domingo, aprendi com Jesus que, enquanto desperdiço meu tempo em discussões filosóficas estereis sobre os motivos, os “culpados”, as motivações e os impulsos dos que vivem de maneira “antinatural” do ponto de vista bíblico, as obras de Deus não são manifestadas. Amanhã é noite, amanhã é tarde demais. Não há tempo a perder com teorizações.

Não sei se estava muito sensível à questão homossexual (certamente estava), mas questioneei profundamente em meu coração o quanto o discurso belicoso dos evangélicos contra os gays tem manifestado a glória de Deus, honrado a missão de Jesus de Nazaré. Pouco, muito pouco, ou nada, ou mais provavelmente, muito pelo contrário, como atestou o Barna Group: quando 91% dos jovens americanos pensavam nos cristãos evangélicos, não pensavam em justiça, amor ou perdão, e sim em “antigays”.

Esta e outras informações desconcertantes estão em *Entre a cruz e o arco-íris* e são doloridas para mim.

Lembrei-me de Randy Potts, neto do tele-evangelista Oral Roberts (um dos nomes mais conhecidos do movimento pentecostal americano no século XX), naquele já histórico vídeo *It Gets Better*, de agosto de 2011. Vestindo uma camiseta amarela com uma estampa de duas mãos em posição de oração, Potts declamou um trecho de uma carta que escreveu postumamente a seu tio Ronnie, primogênito do pregador Roberts. Ronnie era gay e se suicidou aos 37 anos, após ter se divorciado e assumido sua homossexualidade. Contou o jovem Potts, em uma introdução escrita em seu vídeo:

Ele (Ronnie) escreveu em cartas publicadas após sua morte que havia saído do armário logo em sua adolescência, mas apenas para amigos próximos e para sua família, seu pai inclusive [...]. Oral Roberts não queria um filho gay. Sua retórica anti-homossexual era tão veemente que até hoje pode ser encontrada no YouTube, 40 anos depois. Eu também sou gay. E minha mãe, como o pai de Ronnie, não quer um filho gay. Ela fez questão de me dizer, há apenas um ano, no funeral do meu avô, diante de quatro mil pessoas, que o inferno existe, e é para lá que estou indo. Meu tio e eu crescemos em um mundo dominado por evangélicos que ensinaram, e continuam ensinando, que as

chamas do inferno esperam por homens e mulheres gays. Este é o legado evangélico “cristão” para gays como eu e meu tio: ameaças, *bullying*, morte.

O vídeo de Potts foi tão impactante que o *Washington Post* o convidou para escrever um artigo para o blog *On Faith*. Ele o intitulou “A mensagem de Jesus aos homossexuais: vai melhorar”. Citando o evangelho de Marcos, em especial a história do paralítico que queria ser curado por Jesus, Potts escreveu:

Dois mil anos depois, há um tipo de gente na América que, como o paralítico, está procurando ser tratada: minha gente, os homossexuais. Pessoas que meu avô e a maioria de sua geração descrevem como uma “abominação”. [...] Podemos sentar e debater sem fim se Deus considera os homossexuais uma abominação. Podemos sentar e falar, por anos a fio, se seu amor se estende aos homossexuais, se ele ama o pecador e não o pecado ou se dizer que estamos indo para o inferno é parte das boas novas que Jesus veio trazer para a Terra. Podemos ter tal debate, enquanto esse mesmo grupo, de homens e mulheres gays, está clamando, implorando por ter suas feridas cicatrizadas. Eles estão morrendo, suicidando-se, enquanto os saduceus e os fariseus debatem o assunto.

Lembrei dos risinhos, dos apelidos e da falta de amor com que tratei, junto com meus amigos, os homossexuais que tentavam buscar Jesus nos acampamentos de meus tempos de adolescente. Abaixei a cabeça e, simplesmente, chorei de vergonha. Mas também de alegria, por saber que, em um *home office* de São Paulo em que Marília escreveu este livro, assim como naquele blog em Washington ou naquela comunidade batista em Vinhedo, Jesus continua falando, com coerência e amor idênticos aos utilizados com seus aparvalhados discípulos na antiga Jerusalém.

Marília Camargo Cesar trabalhou em *Entre a cruz e o arco-íris* em paralelo aos muitos afazeres como editora-assistente no jornal *Valor Econômico* e aos ainda maiores deveres como esposa e mãe de suas duas lindas filhas. Nas conversas que tivemos sobre o roteiro deste livro, ela defendia que a jornada

empreendida fosse apresentada exatamente como uma jornada, repleta de questionamentos e descobertas, de certezas desafiadas, de sua sede por respostas que transbordassem tanto o amor de Jesus quanto o zelo pela vida abundante que nos prometeu. Porque é certo que as igrejas evangélicas, incluindo aí as comunidades sérias, estão a quilômetros de oferecer resposta à questão gay. A sociedade anseia por isso, e o barulho que a pergunta causa torna-se mais alto e constrangedor a cada dia.

A jornada que você está prestes a acompanhar nas próximas páginas é uma trilha recortada em meio a alguns dos territórios mais minados de nossa época: encontra-se entre a solidez de nossas convicções religiosas mais antigas e a obscuridade de nossos desejos carnis mais íntimos; está entre as liberdades individuais e a crença milenar de que a natureza que se vê não é a natureza como concebida pelo Criador; entre o alívio de aceitar-se e o desafio de negar-se a si mesmo; está na diferença entre ser fiel a princípios e ser indiferente a seu semelhante; entre dizer que amamos a Bíblia e viver à base de clichês, como o famoso “amar o pecador e odiar o pecado” que, na prática, não significa nada.

Em 20 anos de jornalismo, fiz bons amigos homossexuais nas redações pelas quais passei. Recebi alguns em casa, com outros dividi projetos pessoais, uns me aconselharam, de tantos fui conselheiro. Com uma carreira, em especial, ligada à cultura e à música, aprendi a respeitar gente dada a “abominações” muito maiores do que seriam suas orientações sexuais. E chego ao fim da leitura deste livro concluindo ter tido pouco a dizer durante todo esse tempo. Ao menos, a respeito do que suas almas me perguntavam. Estava dividido demais entre a convicção ortodoxa dos textos bíblicos e a empatia inexplicável que acende amizades. No fundo, era indiferente à vida daqueles que Deus colocou em meu caminho.

Talvez esteja aí a maior virtude de *Entre a cruz e o arco-íris*. Em meio a debates hermenêuticos sólidos (eles estão no livro), a observação objetiva, como nos ensina o bom jornalismo (está lá também, o tempo todo), o livro

tem, em cada parágrafo, o calor e os olhos úmidos de quem empreendeu uma jornada de amor na direção dos semelhantes. Pessoas com leituras fundamentalistas de seus livros sagrados ou com leituras liberais; teólogos reformados ou inclusivistas, gays ateus, cristãos homossexuais e gente que apostatou da fé; convertidos que optaram pela castidade e os que entenderam que santidade tem pouco a ver com orientação sexual. Mães, pais, pastores, ovelhas, professores, cidadãos, gente, enfim, mais diversa em opinião e histórias de vida do que comporta nossa hipócrita noção de “diversidade”.

Não é um livro de respostas prontas (nem a Bíblia é), mas um exercício profundo e inspirador de alguém que decidiu agir em um campo repleto de discursos fáceis, de um lado e de outro, argumentos desonestos, interesses políticos, comerciais e correção política. Os fariseus e os saduceus, caso desejem discutir, que o façam. Há muita informação aqui para eles também.

Bem-aventurados aqueles que, hétero ou homossexuais, saírem da leitura deste livro dispostos a fazer as obras de Deus.

O tempo é curto, como se sabe.

Ricardo Alexandre
Jornalista

Sumário

Prefácio

Uma conversa difícil

Silencioso desespero
a questão que chamou minha atenção

O sobrevivente

É possível reorientar o desejo?

Menino com enxoval de menina

Ministério em ruínas

Um pouco de história

Mais antigo que a Bíblia
Salada de rúcula
Desintoxicação cultural

Ex-padre e ex-prostituta

Experiência sublime

Ex-pastor, ex-líder de jovens, ex-ex-gay

Venha como está
Lembranças inconvenientes

Mais um pouco de história

Reino dividido
Gênios e poetas

a voz dos terapeutas

Tratamento e cura
Chamado à consciência

a origem da homossexualidade

O nascimento das igrejas inclusivas

Em nome de Cristo

Conversão e reversão

Experiências traumáticas

Mais perto quero estar, meu Deus, de Ti

Ideias incômodas

a teologia inclusiva, ponto por ponto

Movimento global e ideológico

Amor fraterno

Eunucos de nascença?

Ioiô emocional

Militantes e militantes

Liberdade de expressão

Baixando o porrete

Sem mordança

Cidadania plena

As novas configurações familiares

Configurações pós-modernas

Uma questão pastoral

Penitência e arrependimento

Não foi assim desde o princípio

Direito ao livre exame

O drama das mães

Pais acolhidos

Onde foi que eu errei?

O pastor sábio se faz ouvir

Uma batata quente

Reflexões finais Em busca de maturidade

É melhor fugir?

Uma conversa difícil

Que sua boca me cubra de beijos, pois seu amor é melhor que o vinho! Leve-me com você, depressa, seja meu rei, e leve-me para seu quarto, amado meu, descansa sobre meus seios. Venha, vamos fazer do gramado nossa cama; os cedros serão as vigas de nossa casa, e os pinheiros serão o telhado. Eu me sinto feliz demais em seus braços e seus carinhos são doces para mim. Leve-me ao salão de festas e ali nós podemos nos entregar ao amor. Depois disso, eu me sentirei tão fraca que precisarei de passas e maçãs para recuperar as forças e me refrescar, pois é como se eu estivesse para desmaiar de amor. Lembro-me de sua mão posta sob minha cabeça enquanto a outra me abraça. É doce beijar sua boca, e tudo em você me agrada. Eu sou de meu amado e meu amado é meu.

Éramos cerca de 200 jovens reunidos naquela grande sala de aula, em Atibaia, no auge de nosso vigor. O preletor, um doutor em Teologia, dava-nos lições sobre o livro bíblico de *Cantares de Salomão* (também conhecido como *Cântico dos Cânticos*), do qual retirei os versos acima. Trazíamos a inquietação, a exuberância e as oscilações hormonais próprias da fase da vida em que fazemos as mais incômodas perguntas.

Muito culto, aquele senhor apresentava-nos essa que é uma das mais belas narrativas de amor erótico jamais escritas. *Cantares de Salomão* faz parte da relação dos livros poéticos do Antigo Testamento, ao lado de *Jó*, *Salmos*, *Provérbios* e *Eclesiastes*, na Bíblia protestante. O professor explicava didaticamente como as declarações explícitas de desejo entre um homem e

uma mulher eram, na verdade, uma alegoria para ilustrar o amor de Jesus Cristo por sua Igreja.

Entender as declarações em *Cantares* como um hino de amor de um Deus que se entrega por sua “noiva”, e vice-versa, é uma linha teológica tradicional e muito difundida. Essa leitura se originou no judaísmo ortodoxo que diz que Javé é o amante descrito no livro, e Israel, sua amada. Trata-se de uma interpretação também favorecida pelos pais da Igreja e por muitas vertentes protestantes.

Embora haja outras interpretações mais literais e explícitas, essa foi a única versão que nos foi apresentada naquela ocasião, pobres de nós. Não creio que o renomado professor estivesse sonhando informações de forma deliberada: ele apenas tinha convicção daquilo que ensinava. No fim da aula, houve tempo para perguntas e algum debate, mas ninguém, que eu me recorde, pôs em xeque a versão do professor. Hoje me espanta essa postura passiva, que não combina em nada com a juventude. Pois existe uma grande abertura para se questionar as lições daquele teólogo. O mais correto e abrangente de sua parte, talvez, fosse oferecer-nos a hipótese do romance divino como apenas uma das visões consideradas pela hermenêutica.

Afinal, a Bíblia é um livro fascinante, no qual seus escritores não tiveram medo de expor as contradições da natureza humana. Ela conta histórias de pessoas de carne e osso, e não de super-heróis assexuados. Ao longo de uma narrativa que corre por séculos, desde a Antiguidade remota, sobram episódios de paixões arrebatadoras, traições, incestos, maquinações políticas, vinganças e não poucos assassinatos. Em meio a esse mosaico está sempre presente a figura de um Deus singular, um criador justo e compassivo, dono de todas as coisas, que sente ciúmes de seus filhos e a eles quer revelar seu caráter.

E a Bíblia fala também de sexo de uma maneira profundamente erótica e poética! Entretanto, ao se depararem com essa realidade, muitos teólogos e pastores preferem pular o livro de *Cantares*. Ou fingir que ali foi inserido

quase que por engano. Apesar disso, é possível encontrar, nos últimos anos, leituras esparsas como a de Eugene Peterson,³ que comenta sobre o texto de Salomão:

[...] Os poemas são de conteúdo explicitamente sexual. Podemos dizer que o livro faz uma conexão entre o amor conjugal e o sexo, uma conexão muito importante e bíblica. Alguns eliminariam o sexo ao falar de amor, supondo que o estão tornando mais santo. Outros, quando pensam em sexo, não consideram o amor. O *Cântico dos Cânticos* proclama uma plenitude integrada a tal ponto que ocupa o centro do ensinamento cristão sobre o amor comprometido e dedicado a um mundo que parece se especializar no sexo sem amor.

O fato é que, se realizar um debate isento e maduro sobre sexualidade sempre foi complicado no contexto das igrejas cristãs – tanto católicas quanto evangélicas –, que dirá trazer à luz uma discussão ampla sobre a homoafetividade. A maioria alegará que não é um tema que necessite de discussão, pois a Bíblia é clara como a luz do sol a esse respeito: a homossexualidade é uma abominação, um pecado mortal, que conduz todo praticante a um destino eterno tenebroso. Sob tal ponto de vista, o reino dos céus poderia ser comparado a uma grande festa para a qual apenas os heterossexuais foram convidados.

Na verdade, não se trata de uma conversa fácil, e, nessa arena, muitos lutam com as armas de que dispõem em favor daquilo em que acreditam. Pastores surgem na televisão, inflamados, amaldiçoando a homossexualidade como um pecado sem perdão. Ativistas gays, por outro lado, combatem a postura das igrejas, na tentativa de amordaçá-las e impedi-las, por vias legais, de ensinar o que as escrituras sagradas estabelecem a respeito do assunto. Assim atesta o teólogo e escritor Richard Foster: “A homossexualidade é um problema tão difícil de ser tratado atualmente dentro da comunidade cristã que tudo o que for dito será severamente criticado”.⁴

Historicamente, as lideranças moderadas da Igreja no Brasil preferem omitir-se. Os de formação católica, por exemplo, carregam o peso de uma cultura que por muito tempo tratou o sexo como um elemento demoníaco. Talvez, em seu íntimo, concordem com São Francisco de Sales, que ensinava que o sexo, para casais cristãos, devia ocorrer como entre os elefantes: em um local discreto, uma vez a cada três anos e apenas para gerar elefantinhos.

A Igreja, contudo, nada mais é que o reflexo de uma sociedade assumidamente preconceituosa. Uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo revela que 92% dos brasileiros consultados admitem que há preconceito contra gays e lésbicas no Brasil. É um índice mais elevado que o verificado em relação aos idosos (85% dos não idosos disseram que as pessoas discriminam os mais velhos em nosso país) ou aos negros (90% dos entrevistados reconheceram a existência de racismo).

Não debater publicamente a sexualidade é diferente de não praticá-la. Outro levantamento feito exclusivamente entre o público evangélico brasileiro revela que a juventude cristã protestante está bem ativa na liberação de seus impulsos. Dentre os consultados, 56% afirmaram ter tido relações sexuais antes do casamento, ainda que essa seja uma das proibições mais claras e amplamente divulgadas nos púlpitos das igrejas. Em um comentário surpreendentemente otimista sobre o resultado desse estudo, um pastor escreveu:

De fato, espanta o elevado número de cristãos que dizem ter feito sexo antes do casamento, quando sabidamente a Igreja, e mesmo grupos ligados à saúde, defendem a abstinência. Mas devemos festejar os 44%, que fazem valer os princípios bíblicos e seguramente colhem frutos por isso.⁵

A pesquisa também trouxe um dado curioso: os neopentecostais são o grupo entre os evangélicos que mais admite iniciar a vida sexual antes do matrimônio.

Silencioso desespero

A parcela da comunidade evangélica que evita o debate dá de ombros a um tema que ganha relevância na agenda política e social da nação, ao mesmo tempo em que entrega à solidão seus irmãos homossexuais, pessoas destinadas a enfrentar sozinhas a dor e as chagas emocionais decorrentes da invisibilidade.

Por mais que pareça estranho, muitos cristãos desconhecem o fato de que há um rebanho formado por homossexuais que congrega nas igrejas, anônimos, sem poder assumir quem são, levando vidas que Henry David Thoreau definiu como de “silencioso desespero”. São pessoas comuns, e não as *personas* estereotipadas e escandalosas que a mídia costuma fotografar em paradas gays.

São cristãos sinceros e que nutrem o desejo de servir ao mesmo Senhor adorado pela maioria heterossexual, homens e mulheres que foram aceitos pelo amor incondicional de um Deus que, segundo a Bíblia, não faz acepção de pessoas, mas que descobriram, na prática, igrejas que a fazem.

Rejeitados por suas comunidades de fé ao revelar sua orientação sexual, boa parte deles foi afastada, não de maneira explícita ou formal, mas pela pior forma de ódio, que é o desprezo ou a indiferença. Outros foram alijados de um convívio fraterno no qual, antes, podiam expressar os talentos e os dons recebidos do Alto. Como uma pequena multidão de agentes secretos, vagam por aí, sem criar vínculos, frequentando igrejas de modo descompromissado, para não se expor. Muitos já tentaram de tudo para deixar de sentir a atração erótica por pessoas do mesmo sexo, o que os atormenta constantemente com o peso da culpa.

Aqueles que foram excluídos tomaram um de três rumos diferentes: ou abandonaram definitivamente a igreja local, sem, contudo, abdicar da fé; ou deixaram a igreja e a fé, tornando-se o que a Bíblia chama de apóstatas; ou se envolveram em comunidades gays, as chamadas “igrejas inclusivas”, que crescem no Brasil em ritmo espantoso a despeito do escândalo e das reações violentas que suscitam. Em todo o Brasil, há registradas 28 dessas

comunidades inclusivas, que se reúnem sob quatro bandeiras, em nove estados. Há seis anos, não havia nenhuma. É pouco, se comparado aos Estados Unidos, por exemplo, com cerca de 6.800 congregações inclusivas registradas.

A questão que chamou minha atenção

Partindo da mais absoluta ignorância sobre a questão da homoafetividade, comecei a ler livros e artigos, a entrevistar pessoas, a frequentar cultos em igrejas inclusivas e a conhecer melhor as histórias de seus frequentadores. Nessas andanças, uma cena me volta sempre à lembrança: a ternura e a vulnerabilidade demonstradas por um rapaz, na primeira dessas igrejas em que estive, no centro de São Paulo.

Sem saber que eu era jornalista, Silas, de 19 anos, músico capaz de tocar diferentes instrumentos, veio abrir a porta e me saudou com um abraço afetuoso. Filho de um pastor da Assembleia de Deus, ele foi convidado a se retirar da igreja da família depois de assumir que era gay.

Naquela mesma noite, conversei com Edvaldo, um homem forte de quarenta e poucos anos, *office boy*, que passou boa parte de sua juventude trabalhando como voluntário em uma Igreja Batista na zona norte de São Paulo. Ele também havia sido expulso daquela comunidade depois de “sair do armário”. Perguntei a ele se gostava da igreja em que estava no momento, se era melhor que a antiga. Ele baixou os olhos, pensou um pouco e respondeu: “Gosto daqui, pois não preciso esconder quem eu sou. Mas, se eu pudesse, voltaria para a outra igreja, porque ali o ensino era mais forte”.

Edvaldo disse que sentia falta do convívio com os amigos e da “palavra” da igreja de sua juventude. Ironicamente, ele demonstrava desejar um vínculo institucional, em um país em que cresce expressivamente o número de evangélicos “desigrejados”.

Embora muitas das histórias que encontrei sejam de pessoas vitimizadas, nunca foi minha intenção apresentá-las como vítimas em busca de

compaixão. Como jornalista, o objetivo deste trabalho é expor um quadro da situação dos homossexuais cristãos brasileiros e mostrar como as igrejas, os teólogos, a psicologia, a ciência e a política estão tratando essas pessoas. Ou como estão se omitindo em relação a elas.

Também quis entender o pensamento dos pastores das igrejas inclusivas e que tipo de teologia fundamenta suas crenças e liturgias. Além disso, procurei ouvir pais e mães e saber em que circunstâncias se deu e qual foi o impacto da descoberta da orientação sexual de seus filhos.

Foi essencial confrontar meus próprios preconceitos. Embora minha formação cristã protestante reformada me leve a crer que o plano original de Deus para a humanidade esteja fundamentado no relacionamento entre um homem e uma mulher, e desses dois indivíduos com o seu Criador, era necessário buscar em mim os vestígios da homofobia internalizada e da intolerância, além do desejo oculto de responder à pergunta que, para muitos cristãos, vale um milhão de dracmas: será que para salvar uma alma é necessário convertê-la à heterossexualidade?

Na busca pela imparcialidade, a intolerância dos ativistas gays contra os cristãos também era um ponto a ser abordado. Como disse Blaise Pascal: os extremos se tocam (“les extrémités cest touchent”).

Debater pré-julgamentos de lado a lado, mostrar o que as escrituras dizem a respeito, de forma contextualizada, e saber se os seguidores de Jesus Cristo estão praticando de fato os ensinamentos bíblicos eram algumas das propostas da pesquisa que originou este livro, iniciada em janeiro de 2011 e concluída no início de 2013. Enfim, eu queria descobrir se o convite para a grande festa levava em conta a identidade de gênero.

Esse quadro dramático e que impõe tamanho sofrimento me fez lembrar outra vez de Richard Foster, quando afirmou: “Qualquer coisa dita para tentar ajudar vale o risco”.

3 PETERSON, E. *A mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*. São Paulo: Vida, 2011, p. 919.

4 FOSTER, R. *Dinheiro, sexo e poder: Um chamado à renovação ética*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 113.

5 Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2011/05/o-crente-e-o-sexo-pesquisa-parte-2.html>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

O sobrevivente

“Por que razão não deveria pular?”, pensou, olhando para os carros que velozmente passavam sob o viaduto. Os olhos vidrados, as mãos trêmulas e frias como as de um cadáver, o rosto abatido pelo cansaço; ele envelheceu repentinamente sem se dar conta. Todas as marcas de um viver dissoluto e vazio bateram inesperadamente à sua porta, cobrando sua fatura. Procurava um motivo para não saltar dali e acabar logo com tudo, a dor de uma caminhada trôpega ao longo da qual havia feito “coisas horríveis, coisas horríveis”.

As roupas eram escandalosamente justas e coladas ao corpo: calça de cintura baixa, camiseta que revelava o umbigo e as costelas, sandálias coloridas de plástico. Era apenas a sombra do que fora havia tão pouco tempo, um jovem musculoso e atraente, com um corpo que o ajudava a fisgar clientes pelas avenidas. Ele olhava para baixo, a luz dos faróis dos carros riscando a madrugada, e pensava como foi que perdera tudo naquelas ruas: a beleza, a postura, a decência e a sanidade. Desperdiçou a juventude caçando homens em banheiros fétidos e se vendendo para comprar drogas. Havia dez anos, levava aquela vida desregrada e louca, uma existência suja que agora ansiava por encerrar.

Quando tomou coragem para subir na grade de ferro do Viaduto do Chá, no centro velho de São Paulo, ouviu a voz de um homem, como a de um pai, que hoje ele desconfia ter sido não mais que um sussurro soprado em seu coração. A voz lhe disse mansamente: “Meu filho, não faça isso, porque te amo”.

Aquilo o paralisou, como um golpe na nuca. Na mesma hora desceu dali, ajoelhou-se na calçada e começou a chorar. Chorou e soluçou e, no dia seguinte, procurou a ajuda de um tio, que o encaminhou a uma casa de recuperação.

Permaneceu internado por nove meses, período simbólico, segundo ele, de seu renascimento como gente. Pediu a Deus que lhe desse uma nova chance. Largou as drogas e afastou-se dos anjos caídos com quem sempre vagava pela cidade. Não conseguiu – nem se preocupava com isso ainda – mudar a maneira afetada de falar e de se vestir, pois era expressão de sua identidade. A transformação exterior só viria mais tarde.

A voz que o trouxe de volta de um estado de entorpecimento alterou por completo os rumos da vida de José Neto, hoje um homem de pouco mais de 40 anos, com quem conversei, em uma manhã friorenta e nublada, em um café da cidade de São Paulo. Ele relembrou a experiência mística daquela noite, que marcou a decisão de abandonar uma vida de devassidão como garoto de programa para fazer parte de uma comunidade evangélica.

Neto descobriu, alguns meses mais tarde, que era portador do vírus da Aids. Seu relato impressionou-me e, ao mesmo tempo, deixou-me bastante intrigada. Não conseguia visualizar a pessoa que ele descrevia, raquítica, com trejeitos de mulher, arrogante e debochada. Perguntei se tinha fotografias daquela época para mostrar, mas ele negou: havia jogado tudo fora. Não era um tempo que gostasse de recordar, nem do qual se orgulhasse.

Olhando em seus olhos escuros e analisando a maneira serena com que me contava uma história arrepiante, parecia narrar um filme. “Fiz coisas horríveis, coisas horríveis”, repetiu algumas vezes, enquanto abria o porta-remédios para ingerir seu coquetel diário de onze comprimidos.

Os medicamentos que tomava havia quase vinte anos ajudavam a manter a síndrome sob controle, mas lhe causavam mal-estar constante, falta de apetite e perda de massa muscular. Apesar de ter virado estatística e de estar entre os mais de 600 mil brasileiros contaminados pelo vírus HIV desde que

a Aids foi descoberta, em 1981, Neto é hoje um sobrevivente. Depois de passar mais de dez anos na vida “das avenidas”, como diz, ele vem seguindo já há duas décadas por outro caminho.

Neto trabalhou com portadores do HIV na capelania do Hospital Emílio Ribas, em São Paulo, durante onze anos. Também se formou em Teologia e começou um trabalho pastoral em uma comunidade carente, em um bairro de periferia. É uma localidade pequena, frequentada por tipos que ele conhece bem: garotas de programa, traficantes, travestis e usuários de drogas.

Casou-se com uma colega do hospital que, como ele, é soropositiva. Não foi fácil, em princípio, pois era inexperiente com as mulheres. Quando ela engravidou, veio o pânico: o filho, possivelmente, nasceria com a marca dos pais em seu sangue. Mas não foi o que ocorreu. Neto acredita que Deus o poupou desse sofrimento.

Quando perguntei o que ele buscava nos dias em que ganhava a vida pelas ruas da cidade, respondeu de pronto: “Ali todos estão em busca de uma família”.

Neto deixou de se comportar como homossexual e constituiu família, mas não pode afirmar que os sentimentos homoeróticos que sempre nutriu tenham desaparecido. Teve algumas recaídas ao longo do processo de mudança interior, que o fizeram questionar se viver o cristianismo como um homem heterossexual não era utopia. Hoje está convicto de que é possível. Mas ele não é ingênuo: “É preciso querer, é fundamental estar disposto a renunciar a muitas coisas e a cortar alguns relacionamentos”.

Neto afirma que dedicar-se a uma disciplina espiritual também é essencial. Orar, meditar sobre o texto bíblico e cercar-se de amigos que o encorajem são armas muito eficientes nesse tipo de batalha.

É possível reorientar o desejo?

Esse homem viveu no limite e sua história retrata um extremo: um gay que durante toda a juventude vivenciou sua homossexualidade não apenas para ter prazer, mas como forma de sobrevivência. Ele andou pelos

subterrâneos da existência e deus, como diz aquela velha canção, “uma volta pelo lado selvagem” da vida.

Sua conversão ao evangelho de Jesus Cristo marcou um recomeço e mudou aquele homem em todos os aspectos. Menos em um: embora adormecida, a vontade de estar com outros homens permaneceu. Ele a mantém no cabresto, dedicando-se a Deus, à família e aos semelhantes.

Ficou claro desde o início da pesquisa que originou este livro que é possível mudar de atitude e passar a comportar-se como uma pessoa heterossexual. Conheci homens e mulheres que assim o fizeram. Mas seria possível reorientar o desejo?

O desejo, esse fluxo intenso de energia que chega a nos cegar e muitas vezes tem poder para enterrar-nos vivos na culpa. O que eu almejava descobrir era se uma pessoa em luta contra uma inclinação homoerótica, como uma “pulsão de morte”, poderia ter transformado, por fé ou por ação divina, o que parecia ser inerente à sua natureza.

A maioria dos cristãos discorda que o desejo homossexual seja inerente à natureza; acredita que seja uma perversão. Uma anomalia, um desvio de caráter, uma falha moral, uma escolha deliberada e rebelde contra um Criador que determinou no Gênesis apenas dois gêneros, macho e fêmea. E como todo ato de rebeldia, deve ser submetido a Deus, que tem poder para mudar até o que parece imutável. Descobrir se isso era a realidade ou não me motivou a ir fundo na pesquisa.

As histórias que relato a seguir fazem parte dessa busca.

Menino com enxoval de menina

O pastor Cláudio (nome fictício) estava em meio a um processo de divórcio quando nos encontramos, em uma tarde fresca de outono, em sua cidade natal, no Centro-Oeste do país. A conversa teve o tom do desabafo de um homem que já não suportava o peso de manter um relacionamento de fachada apenas para satisfazer as exigências de seu ministério religioso. O esforço para preservar um casamento sem amor levou o casal a muitas crises e a adoecer, até o ponto de acreditar que a atitude mais sensata seria a separação.

Nos três anos anteriores, Cláudio teve relações sexuais com sua mulher somente duas vezes, pois havia muito tempo que não sentia interesse por ela. Não que em algum momento de sua união de dez anos o desejo tenha sido latente. Ele admite que se casou para atender à pressão da comunidade como pastor da Assembleia de Deus. Jovem, saudável, bem-sucedido em suas funções e que atraía cada vez mais pessoas para a igreja, era inaceitável aos fiéis que ele continuasse solteiro. “Quando tinha 27 anos, uma verdadeira campanha foi iniciada na igreja para que eu me casasse. Não sou um homem muito bonito, mas sei que também não sou feio, e havia muitas mulheres ali que se insinuavam para mim. Posso dizer, sem falsa modéstia, que eu poderia escolher, se quisesse, com quem iria me casar”, ele disse.

Chegou a ficar noivo, mas vivia o noivado como um farsante. Nunca sentiu nada pelas mulheres que o assediavam. Nada. Encontros com eventuais namoradas eram apenas para cumprir uma obrigação. Quando terminavam, sentia-se aliviado.

Os afetos de Cláudio pendiam para o masculino desde a adolescência. Criado em uma família pobre, de quatro filhos, foi vítima contumaz de abuso sexual na infância, ora por vizinhos, ora por membros da família, que o ameaçavam caso revelasse a alguém. O pai abandonou o lar quando ele, o caçula, tinha 7 anos. As violações sexuais começaram justamente naquela fase: a mãe saía para trabalhar, e as crianças ficavam em casa sozinhas. Isso aconteceu de forma sistemática entre seus 7 e 11 anos de idade.

Cláudio atribui sua orientação sexual, em parte, a essas experiências dolorosas de infância. Ele vai mais longe e diz que sua história de vida começou “ainda no ventre de sua mãe”, que o gerou como se ele fosse menina. “Todo o meu enxoval foi feito para uma menina. Na época, os exames que revelavam o sexo do bebê eram muito caros e não havia como saber. Mas minha mãe sempre quis menina, e assim fui esperado. Contam-me que, quando cheguei em casa, nos braços de minha mãe, minha irmã falou: ‘Pode devolver, porque queremos uma garota’.”

Cláudio acredita que, de alguma maneira misteriosa, toda sua constituição psicobiológica foi afetada por esse desejo. Embora desconheça, ao pensar dessa forma ele está em acordo com um conceito de Reich segundo o qual todo indivíduo traz no corpo as marcas da psique e que os eventos que definem a vida de uma pessoa se iniciam já na fecundação.

Viver sem o carinho de um pai e exposto à crueldade de seres humanos abusivos deixou marcas indeléveis naquele homem, que até pouco tempo antes não conseguia lembrar essas histórias sem chorar. Quando nos conhecemos, porém, ele parecia sereno, e disse que, pela primeira vez, conseguia falar sobre aquilo sem revolta. Cláudio estava em terapia havia alguns meses, e as sessões aparentemente o ajudavam bastante.

Quando seu casamento ruiu, o pastor foi ao conselho da igreja para dizer que estava pensando em divorciar-se. Precisava de tratamento para questões íntimas e profundas e isso era inadiável. Os outros líderes resolveram dar-lhe

seis meses de licença, esperando que ele e sua mulher se reconcilhassem. Cláudio assegurou que, infelizmente, aquilo não seria possível.

Ministério em ruínas

Em um culto dominical, o pastor tomou uma atitude inesperada e que, para muitos, foi seu suicídio ministerial: resolveu abrir o coração para a comunidade. Revelou a crise matrimonial, o adoecimento físico e emocional do casal e foi sincero a ponto de relatar seus conflitos na área da sexualidade.

Falou acerca do abuso na infância e sobre os efeitos daquilo em seus sentimentos e em suas inclinações homossexuais. Foi sutil, sem aprofundar muito o assunto. Cláudio nunca teve trejeitos efeminados, e ninguém nunca suspeitou de nada.

Naquela noite, do alto do púlpito onde já pregara muitos sermões sobre a alegria do amor conjugal, ele foi honesto sobre seus pensamentos e suas dúvidas. Mas jamais mencionou o fato de ter tido, em algumas ocasiões do passado, encontros furtivos com rapazes em cinemas e quartos de hotel. Nem foi necessário. No dia seguinte, seu trabalho pastoral de quinze anos, ao qual havia se dedicado com fervor, desmoronou. “Todos na região estavam comentando que eu tinha declarado à igreja que era homossexual. Disseram até que eu tinha saído de casa para morar com um homem. Começaram muitos boatos sobre minha vida, uma situação que foi se agravando.”

Amigos ligaram para dizer que ele havia cometido um erro grave ao abrir-se publicamente e que aquilo lhe custaria o ministério. Mas ele estava desesperado e só queria se ver livre daquele peso. “Se eu pudesse voltar àquele dia, levando em conta o meu compromisso com Deus e os meus princípios, não sei se faria diferente. Acho que teria contado de qualquer forma.”

Muitos acreditam que Cláudio é um homossexual ativo e que se desviou dos caminhos do Senhor. “Minha agenda de convites para pregar esvaziou-se rapidamente. Numa escala de zero a cem, de cem caiu para zero. Mesmo não tendo nenhum relacionamento, pois meus conceitos bíblicos e

teológicos não me permitem isso.” Ele conta que, a certa altura, cansou-se de pedir perdão a Deus: “Não preciso de perdão, mas de libertação”, concluiu.

Cláudio afastou-se voluntariamente do cargo e procurou ajuda terapêutica. Além de Teologia, o pastor estudou Administração de Empresas, diploma que passou a lhe garantir seu sustento. Abriu um microempreendimento na área de crédito e espera poder refazer logo sua vida financeira. No fundo, entretanto, ele crê que a fase pessoal turbulenta vá passar e que dentro de um ano ou dois poderá retomar suas atividades ministeriais. Cláudio está seguro de que tem todas as credenciais para isso, mesmo de acordo com as rigorosas regras da Assembleia de Deus.

O pastor tem certeza de que não é um homossexual, mas sim um heterossexual com problemas de identidade, apesar de uma vertente da Psicologia e da Psiquiatria afirmar que a homossexualidade é uma orientação e, portanto, permanente. Embora tenha lutado a vida toda contra essa inclinação, ele crê que chegará o dia em que poderá virar essa página cinzenta de sua história, o tempo cruel em que seu desejo não podia ser controlado.

Um pouco de história

Embora a Assembleia de Deus em geral condene a homossexualidade e não aceite membros ou líderes que sejam gays praticantes, a igreja do pastor Cláudio demonstrou solidariedade com as dificuldades conjugais do ministro e lhe ofereceu uma licença para buscar apoio psicológico. Atitudes como essa não acontecem sempre. Em muitas denominações protestantes, um líder que admita ser atraído sexualmente por outros homens terá seu problema exposto publicamente diante da congregação e será forçado a se retirar do ministério. Em alguns casos, terá de se afastar do cargo e será convidado a tornar-se um membro comum, com impedimentos, como não participar da Ceia do Senhor.

Um exemplo de como muitos evangélicos lidam com a questão pode ser encontrado na biografia do clérigo e escritor Mel White, que comanda a Catedral da Esperança, uma igreja inclusiva americana. White escreveu *Stranger at the Gate: To Be Gay and Christian in America*, em 1995, livro no qual relata sua luta contra a homossexualidade e posterior autoafirmação como um homem cristão e gay. A obra fez sucesso nos Estados Unidos, com mais de 80 mil cópias vendidas, e o autor passou a ser convidado a dar palestras e entrevistas por todo o país. Em uma dessas viagens, foi convidado a debater num programa de rádio com um pastor presbiteriano de Seattle. Os dois travaram o seguinte diálogo:

“Você alguma vez leu Levítico 20?”, perguntou o pastor, meio irritado.

“Sim”, eu respondi. “E o que aquela passagem significa para você?”

“Significa”, respondeu o pastor com firmeza, “que você deveria ser morto.”

“E quem deveria cometer o assassinato?”, perguntei. “Você, irmão?”

“Não”, ele respondeu rapidamente, “este é um dever da autoridade civil.”
Então, depois de uma pausa, ele acrescentou: “É por isso que precisamos
eleger outros bons homens de Deus para este governo.”⁶

Mais antigo que a Bíblia

A aversão dos cristãos à homossexualidade tem raízes milenares. Quando se assiste hoje a tele-evangelistas pregando enfaticamente contra esse comportamento, é preciso considerar uma herança religiosa e cultural iniciada nas areias do deserto do Neguev, ainda nos tempos de Moisés, mais de mil anos antes de Cristo.

Exemplos de histórias de relações entre pessoas do mesmo sexo podem ser encontrados em tempos ainda mais remotos. Há relatos de práticas homossexuais em muitas das sociedades pagãs do Oriente antigo. O primeiro registro arqueológico que aponta para um comportamento gay é de cerca de 2400 a.C.: dois egípcios chamados Khnumhotep e Niankhkhnum retratados em pinturas encontradas em suas tumbas conjuntas abraçados e de mãos dadas.

Rituais homoeróticos faziam parte de religiões politeístas da Mesopotâmia. Documentos históricos, além de gravuras, esculturas e a decoração de utensílios domésticos, apontam para cenas de intimidade entre homens no Egito. Entre os hititas, povo vizinho de Israel, havia até mesmo uma lei que autorizava o casamento entre homens, por volta de 1400 a.C. Segundo historiadores, a afetividade entre pessoas do mesmo gênero é mais antiga que a Bíblia. Há documentos originados no Egito, 500 anos antes de Abraão, que revelam práticas homossexuais não somente entre os homens, mas também entre seus deuses.

Os ídolos do paganismo pareciam agradecer-se das oferendas dos fiéis nas orgias realizadas com intuito de garantir boas colheitas, a fertilidade e a continuidade da prole. Eram cerimônias cheias de erotismo e que, em alguns casos, incluíam sacrifícios de crianças ou de mulheres virgens, sempre para

atrair o favor da divindade. O Antigo Testamento cita alguns exemplos de divindades, como Adramaleque, adorado a noroeste da Mesopotâmia, com o nome de Adade-Milki, e Anameleque, um deus babilônico. Ambos exigiam sacrifícios de crianças no fogo. Aserá, principal deusa de Chipre, era na verdade uma prostituta sagrada e sempre adorada em ambientes de prostituição.⁷

O historiador William Naphy escreve que a maioria das religiões que antecedem o surgimento do monoteísmo no Oriente Médio tinha como referências deuses

e deusas com uma imagem de ambivalência sexual. Antes da chegada do monoteísmo de molde judaico e, mais tarde, cristão e islâmico, as religiões do Oriente abundavam em todas as variedades e permutações de atividade sexual. Mais importante que isso, os deuses eram sexualmente ativos. Por exemplo, no Egito, o deus Osíris teve uma relação sexual incestuosa com a irmã (Ísis), da qual resultou o deus Hórus. A grande deusa da Babilônia, Ishtar, seduziu o herói mitológico Gilgamesh, ele próprio envolvido com outro herói. Em Canaã, El (o deus principal) teve relações sexuais com Aserá.⁸

Naphy observa ainda que “como os devotos viam os seus deuses tomar parte em tantos atos sexuais, não admira que o sexo e a atividade sexual se tivessem tornado um componente importante não só da crença religiosa, mas também do seu culto e exercício. As pessoas seguiam o exemplo dos seus deuses e deusas”.⁹

Na Grécia antiga, alguém que questionasse as relações entre dois homens seria visto com incredulidade. O pensamento grego não concebia a ideia de “homossexualidade”, já que o comportamento predominante entre os homens era bissexual. As mulheres eram seres de segunda categoria, usados para a procriação, e a cultura levava os homens mais velhos a iniciar os mais jovens em todas as áreas do conhecimento, que incluíam a estética, as artes, a filosofia e a descoberta do prazer do sexo. O professor, magistrado e político

Regis Fernandes de Oliveira observa: “Para um grego, desejar um homem ou uma mulher era fruto unicamente do ‘apetite’ que a natureza tinha implantado no coração do homem para aqueles que são ‘belos’, qualquer que seja seu sexo”.¹⁰

A mitologia grega fundamentava a crença de que, além de homens e mulheres, um terceiro gênero havia sido criado: o dos andróginos. Em *O banquete*, de Platão, uma curiosa descrição “criacionista” da humanidade, aparece desta forma:

Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. [...] Eis por que eram três os gêneros, e tal a sua constituição, porque o masculino de início era descendente do sol, o feminino da terra, e o que tinha de ambos era da lua, pois também a lua tem de ambos; e eram assim circulares, tanto eles próprios como a sua locomoção, por terem semelhantes genitores.¹¹

A mitologia também explicava a origem da pederastia, ou seja, a relação consensual entre homens gregos adultos e adolescentes: Orfeu, um ser mitológico, teria se apaixonado por adolescentes após a morte de sua mulher, Eurídice. Outra lenda afirma que aquela prática, na verdade, começou com o músico Tamíris, que amava Jacinto, que amava Apolo.

Entretanto, mesmo em uma sociedade que cultuava o belo e na qual o envolvimento íntimo entre homens era natural, e o corpo, fonte de louvor e inspiração, havia restrições. Nem tudo era permitido. Relacionar-se com outros rapazes era uma prática livre e comum, mas homens adultos que tivessem relações entre si eram malvistas. Os mais velhos também deveriam ser sempre o lado ativo. Desejar estar do outro lado era considerado inadequado e até mesmo patológico.

Os gregos valorizavam o papel de “ativo” no comportamento sexual, porque este consiste em dominar, em penetrar, em exercer sua superioridade perante o outro. Surge o homem objeto do prazer. Exemplo dessa relação de dominação e submissão fica evidente, por exemplo, no caso dos escravos. Sua condição de inferioridade em relação ao senhor o torna objeto sexual. A má conduta sexual de um homem, sua passividade no comportamento sexual, a prostituição masculina, acarretava sua desqualificação cívica e social.¹²

As manifestações artísticas dessa fase estão repletas de desenhos e ilustrações explícitas de sexo entre homens. O historiador Maurice Sartre escreve:

Na realidade, as coisas acontecem como se cada indivíduo masculino adulto possuísse uma vida sexual dupla: uma vida privada, orientada para as mulheres, que permanece discreta e jamais merece ser mencionada; e uma vida pública, orientada para os belos rapazes e objeto de todas as atenções e todos os comentários. Salvo exceções, somente esta vida amorosa confere a seus protagonistas prestígio social e reputação brilhante.¹³

Se Atenas convivia com a bissexualidade de seus cidadãos, em Esparta, o vínculo homoerótico estava no centro de uma estratégia militar, que incentivava os amantes a se protegerem mutuamente nas frentes de combate.

Salada de rúcula

A sociedade romana foi influenciada pela grega e também tolerava a prática da pederastia e da bissexualidade. Dos doze primeiros césores, os imperadores romanos, somente um, Cláudio, viveu uma vida exclusivamente heterossexual. O escritor romano Suetônio, um indiscreto narrador dos hábitos imperiais, atribuía a essa opção incomum de Cláudio suas limitações nas esferas política e social. Ser um imperador e escolher relacionar-se sexualmente somente com mulheres era como poder servir-se à mesa de um banquete e escolher só uma porção de *salada de rúcula*.

À exceção de Cláudio, os demais líderes romanos desfrutaram do convívio íntimo com outros homens. Júlio César ficou famoso por ser “o

melhor marido das mulheres e a melhor mulher dos maridos”. Adriano apaixonou-se pelo pajem Antínoo, trinta e quatro anos mais jovem, fez do rapaz seu amante e para ele construiu a Villa Adriana, próximo a Roma. Calígula era o mais excêntrico: vestia-se de mulher, como um travesti. Nero, o mais pervertido, teve dois maridos e manteve relações com a própria mãe. Para despertar seu apetite, na verdade, bastava ser um mamífero.

Como acontecia na sociedade grega, os romanos também tinham suas restrições e não viam com bons olhos os cidadãos que se submetessem passivamente a amantes de condição social inferior. Apesar de uma cultura tolerante à bissexualidade, o grande alvo do homem romano era ser o *pater familias*, zelando pelas finanças da casa e pela continuidade da linhagem. William Naphy cita a historiadora Amy Richlin ao notar:

Os romanos, como os gregos, não dividiam os atos sexuais em “homossexuais” (maus) *versus* “heterossexuais” (bons). Os romanos (homens) adultos desejavam, amavam e tinham relações com mulheres e *pueri* (rapazes). Na verdade, a poesia romana elogiava, com mais frequência, as virtudes do sexo com rapazes adolescentes do que as do sexo com mulheres (ou raparigas adolescentes). Contudo, os romanos foram peremptórios na fixação de suas próprias distinções: homem + rapaz (bom, ao menos para o homem) e homem + homem (mau). A primeira relação era socialmente aceitável e se chamava propriamente pederastia – e tinha muito em comum com a situação na Grécia. A segunda, porém, era a homossexualidade descrita (e reprovada) pelos romanos como aquela em que um homem adulto escolhe ou prefere ser penetrado por outro homem. Os romanos percebiam perfeitamente que se tratava de uma questão de gosto e preferência, mas não deixavam de reprová-la.¹⁴

Se a cultura greco-romana está repleta de fatos e mitos a respeito da homossexualidade, a origem do povo judeu, que viria a influenciar de maneira decisiva a vida no Ocidente alguns séculos mais tarde, já de saída se mostra distinta. O Deus de Israel era singular, em tudo diferente dos deuses da Mesopotâmia, dos ídolos romanos e do panteão grego. A ética de Javé é

feita de valores com os quais o próprio Nietzsche viria a concordar: “A orgia não é alegria, mas a ausência dela”.

A Bíblia revela uma divindade preocupada em distinguir seus seguidores. Deus não quer nada com os ídolos pagãos e ordena que seu povo fique bem longe deles. Que não se case com as mulheres que os cultuam nem siga seus exemplos: “não adorem nem sirvam os deuses deles. Não adotem nenhum de seus costumes, porque vou fazê-los desaparecer da face da terra, assim como vou pôr abaixo seus símbolos fálicos de pedra”.¹⁵

O Senhor vai, assim, ditar normas detalhadas que afetarão toda a maneira de viver de seu povo. Javé é um Deus cuidador e, como um pai, quer ensinar seus filhos a se afastarem do que é mal e a se comportarem bem em sociedade, de forma que sejam sempre saudáveis e prósperos.

O envolvimento divino pode, assim, ser percebido em todas as áreas da vida, da alimentação à maneira como os israelitas se relacionam sexualmente. As leis expostas em Levítico vão distinguir, por exemplo, as carnes que são próprias para comer daquelas que são impuras; na saúde e na higiene pessoal, vão determinar que todos lavassem as mãos antes das refeições, algo que hoje soa trivial, mas que para uma sociedade nômade, caminhando pelas agruras do deserto, se mostrava um cuidado preventivo contra doenças.

No sistema de produção, as leis vão ditar a melhor forma de semear a lavoura, decretando inclusive um período de descanso para a terra e proibindo a mistura entre as sementes cultivadas. É curioso notar a perenidade desses conceitos. Alguns estudiosos, como Rodrigo Freitas Palma, advogado especialista em relações internacionais, consideram esses textos as primeiras leis ecológicas da história da humanidade. Outros ainda usam Levítico em suas argumentações em defesa de um *shabat* para a renovação natural do solo e para criticar o plantio das sementes transgênicas.

Javé chega ao ponto de adentrar a intimidade dos casais, ao proibir, por exemplo, as relações sexuais durante o período menstrual: “Quando uma mulher tiver um fluxo de sangue, a impureza de seu período menstrual

durará sete dias. Qualquer pessoa que tocar nela estará impura até a tarde” (Lv 15,19). É uma demonstração extraordinária de cuidado com as mulheres, em uma época em que eram menosprezadas socialmente. Ele vai além e estabelece, no arcabouço de sua legislação, que os homens jamais se deitassem com outros homens e muito menos com animais. Fazer isso, segundo o livro de Levítico, seria uma abominação, algo totalmente detestável. E deveria ser punido com a morte. William Naphy observa:

Embora os atos homossexuais fossem totalmente condenados e a morte decretada como castigo, o rol de pecados para os quais havia um castigo semelhante confirma que o importante não era tanto o sexo em si, mas a pureza de comportamento e caráter. Uma pessoa devia ser apedrejada ou queimada por: ser médium espiritual; amaldiçoar os próprios pais; blasfemar ou praguejar; ser filho rebelde ou bêbado; adultério; violação e, no caso de uma mulher, não ser virgem quando casasse. Além disso, a lei também classificava como abominável usar roupa de dois tipos de tecido ou semear duas espécies de sementes em um único campo – assim como os atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Finalmente, o número de situações ou atos que poderiam levar alguém a ser excluído (temporária ou permanentemente) do povo de Israel era igualmente eclético: ter os testículos defeituosos; ser filho ilegítimo; sofrer de eczema; ter poluição noturna; morar em uma casa com umidade ou caruncho.¹⁶

Desintoxicação cultural

Exegetas explicam que o Deus de Israel tinha em mente, com esse extenso código de leis, “descontaminar” o povo escolhido dos costumes e da cultura egípcios, de quem havia sido escravo durante 400 anos. Eles deveriam “desintoxicar-se” de hábitos inadequados e superstições idólatras que pudessem ter adquirido no cativeiro, preparando-se para finalmente viver uma nova vida, como uma nação livre. Um trecho do livro de Levítico em que essa Constituição está detalhada nos informa:

Não tenham relações com a esposa de seu vizinho, contaminando-se com ela. Não entreguem nenhum de seus filhos para ser queimado como sacrifício ao deus Moloque. É um ato de blasfêmia contra seu Deus. Eu sou o Eterno. Não

tenham relações com um homem como se tem com uma mulher. Isso é abominável. Não tenham relações com um animal, contaminando-se com ele. Não se contaminem de nenhuma dessas maneiras. Foi assim que os outros povos se contaminaram, os que expulsarei da terra diante de vocês. Até mesmo a terra foi contaminada, e vou castigá-la por causa de suas iniquidades. A terra vomitou seus habitantes (Lv 18,20-25).¹⁷

Enquanto trilhava o caminho que o levaria à terra de Canaã, o povo teria tempo de aprender a se comportar adequadamente diante do Deus de seus antepassados, de dedicar-se à família e à comunidade, de cozinhar alimentos saudáveis, de educar bem os filhos. Eles preparavam-se para um novo tempo, em que seriam observados atentamente pelas tribos vizinhas como o povo cujo poderoso Deus livrara do cativeiro, o Deus cujo nome é impronunciável, o Deus invisível e desconhecido de Israel. Para tornar-se um exemplo para as nações, eles precisavam começar do zero e purificar o coração. Eugene Peterson explica bem essa dramática transição:

O livro de Levítico [...] é uma espécie de intervalo longo para instruções, uma preparação meticulosa para uma vida “santa” numa cultura que não tem a mínima ideia do que significa essa palavra. No momento em que esse povo entrar em Canaã, encontrará, pelo caminho, um campo minado de deuses e deusas que foram fabricados para apelar para nossas fantasias espirituais: “Dê-nos o que queremos, quando queremos, de acordo com as condições que estabelecemos”.¹⁸

A ideia, portanto, era formar uma nação singular, com bases constitucionais sólidas, com lastro legal, social e moral. A condenação à prática da homossexualidade se insere nesse contexto, uma dentre infindáveis instruções contidas naquele documento. O historiador Luiz Cappellano, homossexual e ativista da causa LGBT, vê na proibição da lei judaica contra a prática homossexual uma preocupação bem mais pragmática:

A condenação à homossexualidade por parte dos antigos judeus se insere em um contexto mais amplo, que é o da sedimentação da sociedade patriarcal, em

substituição à matriarcal, e da garantia da linhagem masculina, para garantir a propriedade/posse da terra.

Assim, se as práticas sexuais não fossem reguladas, como garantir a legitimidade dos herdeiros? Ou seja, se continuasse a existir grande permissividade sexual dentro do grupo como seria possível garantir qual macho havia fecundado determinada fêmea? Embora as práticas homossexuais sejam estéreis, não levando à concepção, geram um precedente de permissividade indesejável, ao menos naquele momento. Além disso, tendo sido recém-descoberto o papel do homem na concepção, ocorre uma “sacralização do pênis/esperma” que levará os antigos judeus a escreverem que “o homem, cujos testículos foram esmagados ou o membro viril cortado, não será admitido na assembleia do Senhor” e “se dois homens estiverem em disputa, e a mulher de um vier em socorro de seu marido para livrá-lo do assaltante e pegar a este pelas partes vergonhosas, cortarás a mão dessa mulher sem compaixão alguma”. A genitália masculina se tornara tão sagrada que não deveria ser manipulada por um indivíduo considerado “inferior” como a mulher!¹⁹

É certo que, para os israelitas, recém-saídos da escravidão e rumando para conquistar um território novo, multiplicar o tamanho de seu exército era de vital importância. E, para isso, coibir relações estéreis constituía um fator muito relevante. Mas é problemático do ponto de vista das escrituras limitar somente a questões de cunho expansionista e estratégico-militar uma legislação tão minuciosa como a descrita no livro de Levítico. O Deus dos israelitas, fica claro na carta magna, é um Deus moral. Ele não se relaciona sexualmente, como fazem muitos deuses do paganismo. E a Javé não interessa apenas inspirar a formação de uma nova sociedade com base em um código litúrgico, ético, civil e penal superior ao dos povos circunvizinhos.

Ele se apresenta como um Senhor criterioso, detalhista, amoroso e, por isso mesmo, desejoso de relacionar-se intimamente com seu povo. Ele anseia por imprimir nele a sua principal marca – a da santidade. Como um pai, esse Deus sente o peso de muitas frustrações e da desobediência de sua prole.

A reprovação formal à prática homossexual, portanto, tem origem nesse contexto. Ela nasce na legislação judaica, mas é a disseminação do

cristianismo no início da era cristã a grande responsável por espalhar pelo Ocidente a sentença condenatória contra a homossexualidade. A postura até então liberal dos romanos será radicalmente transformada quando o imperador Constantino se converte à mensagem do evangelho – por volta de 312 d.C., acredita-se. Em 380 d.C., Teodósio I assina o Edito de Tessalônica, adotando a fé cristã como religião oficial do Império.

É sob essa influência de um imperador cristão que um Império Romano pagão e bissexual passa a empenhar-se sistematicamente na perseguição aos chamados sodomitas. São os fundamentos da Torá, herdados pelos cristãos, e elevados à máxima potência pelo apóstolo Paulo em suas epístolas, que vão desencadear mudanças inclusive na legislação romana.

O professor de Direito da Universidade de Paris X Nanterre e militante pró-direitos dos homossexuais Daniel Borrillo, que compara os opositores ao casamento gay aos nazistas, defende que:

A crença na qualidade natural e a moralidade das relações heterossexuais monogâmicas – e, correlatamente, a percepção da homossexualidade como prática nociva para o indivíduo e para a sociedade – levam o imperador Teodósio I, em 390 d.C., a ordenar a condenação à fogueira de todos os homossexuais passivos. De acordo com a compilação de leis romanas vigentes sob a influência cristã, conhecida como Código Teodosiano (feito por ordem de Teodósio II e publicado em 438 d.C.), a atitude passiva, associada necessariamente à feminilidade, implicava uma ameaça para o vigor e a sobrevivência de Roma. A fim de justificar tal severidade, foi necessário apoiar-se nos fundamentos bíblicos da condenação: o Antigo Testamento fornecerá as narrativas de Sodoma e Gomorra; o Novo Testamento, pelo viés das epístolas paulinas, vai permitir a renovação da inveterada hostilidade contra os homossexuais.²⁰

Trata-se aqui do início de uma nova ética. Em vez de apedrejar seus sodomitas, como faziam os judeus antigos, os romanos passarão a queimá-los vivos. Lançar seres humanos rebeldes em grandes fogueiras torna-se assim uma prática bem conhecida dos inquisidores durante toda a Idade Média,

uma forma de punição iniciada com Teodósio I. O edito do imperador anunciava que todos os que “aviltam vergonhosamente seus corpos ao submetê-los, como se fossem mulheres, ao desejo de outro homem, dedicando-se assim a relações sexuais estranhas, esses devem expiar tal crime nas chamas vingadoras, diante de todo o povo”.²¹

Apesar da condenação formal, só mais tarde, entre os séculos XIII e XV, é que a perseguição vai se intensificar. Em meados do século XIII, o direito consuetudinário (surgido dos costumes, sem passar por um processo legislativo formal) da região francesa de Touraine-Anjou vai decretar que, ao “suspeito de devassidão [*bougrerie*] contra a natureza, a justiça deve prendê-lo e enviá-lo ao bispo; e se for comprovado seu ato, ele deverá ser queimado”.

Na região de Orléans, a lei previa que “o sodomita comprovado deve perder os bagos e, ao se tornar recidivista, deve perder o membro; e, se cometer o ato pela terceira vez, deve ser queimado”.²² O fogo, segundo os inquisidores, purificava a alma do pecador. Daniel Borrillo escreve que o

[...] Cristianismo, herdeiro da tradição judaica, transformará a homossexualidade no único comportamento suscetível de ser qualificado como natural e, por conseguinte, como normal. Ao outorgar esse caráter natural, em conformidade com a lei divina, às relações sexuais entre pessoas de sexo diferente, o cristianismo inaugurou, no Ocidente, uma época de homofobia, totalmente nova, que ainda não havia sido praticada por outra civilização.²³

- 6 WHITE, M. *Stranger at the Gate: To Be Gay and Christian in America*. Nova York: Plume, 1995, p. 335.
- 7 CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2000, p. 4133.
- 8 NAPHY, W. *Born to be Gay: História da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 20.
- 9 *Ibidem*.
- 10 OLIVEIRA, R. F. de. *Homossexualidade — uma visão mitológica, religiosa, filosófica e jurídica*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011, p. 58.
- 11 *Idem*, p. 54.
- 12 OLIVEIRA, R. F. de. *Homossexualidade — uma visão mitológica, religiosa, filosófica e jurídica*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011, p. 61.
- 13 SARTREC, M. A homossexualidade na Grécia Antiga. In: *Amor e sexualidade no Ocidente*. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 49.
- 14 NAPHY, W. *Born to be Gay: História da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 63.
- 15 Êxodo 23,24. Cf. PETERSON, Eugene. *A mensagem*. São Paulo: Vida, 2011.
- 16 NAPHY, W. *Born to be Gay: História da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 38.
- 17 PETERSON, E. *A mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*. São Paulo: Editora Vida, 2011.
- 18 PETERSON, E. *A mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*. São Paulo: Editora Vida, 2011, p. 139.
- 19 CAPPELLANO, L. C. *Breve histórico da homossexualidade*. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/lucappellano/breve-historico-da-homossexualidade-humana>>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- 20 BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- 21 BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 54.
- 22 *Idem*, p. 55.

23 *Idem*, p. 57-58.

Ex-padre e ex-prostituta

Se o pastor Abelardo Nogueira tivesse nascido quatro séculos antes na Europa, e não no Brasil, teria morrido a morte dos hereges. Em uma longa batina, seria lançado na fogueira da Inquisição, o destino dado, entre outros, a livros suspeitos, pessoas acusadas de bruxaria, prostitutas e sodomitas. Se vivesse em uma comunidade menos radical, teria sido “somente” castrado e perdido seu título religioso.

Abelardo, que sofreu abuso sexual na infância, durante dez anos foi padre franciscano no interior de São Paulo. Coursou um seminário católico no Paraná, que concluiu em São Paulo, onde ficou conhecido como um dos primeiros sacerdotes a abrir uma casa de apoio para portadores do HIV, no início da década de 1980.

Durante o tempo em que exerceu o sacerdócio, ele teve muitos amantes, colegas de batina. Eram relacionamentos de todos os tipos: ora paixões que o arrebatavam, ora encontros rápidos, apenas para satisfazer aos desejos da carne. Ele diz:

Eram relações clandestinas, que causavam muito sofrimento. No meio clerical, isso é mais comum do que se pensa. Padres andando com outros padres não é algo que chame a atenção, como se andassem com mulheres. Mas, aos poucos, isso foi me levando à depressão, até que um dia entrei em crise.

Colaborou para seu estado de espírito presenciar a dor dos pacientes soropositivos em fase terminal que atendia na instituição, mantida com o dinheiro de agentes sociais ligados à Igreja Católica. O trabalho envolvia

cuidado clínico, terapêutico e também preventivo. Era um período em que ainda não havia tratamentos eficientes para a Aids. Ser diagnosticado HIV positivo era como receber uma sentença de morte.

Naquela época, o preconceito dentro e fora dos hospitais era enorme, e eu entrei de cabeça nessa luta. Tive, inclusive, alguns casos com pacientes soropositivos, mas essa era mais uma questão afetiva do que sexual. Foi uma experiência que mexeu muito comigo. Não que eu tivesse medo de morrer ou de pegar Aids. As histórias dos doentes é que eram todas de muito sofrimento. Comecei a ter uma crise de fé, a pensar “para aonde é que vão todas essas pessoas?”.

Tornou-se uma realidade dura demais ver tantos jovens morrendo em seus braços, rapazes raquíticos, recém-saídos da adolescência. Outro fator que roubou uma porção de sua fé foi perceber que seu trabalho rendia prestígio e reconhecimento para a igreja, que recebia, por isso, doações cada vez mais generosas.

Aquilo começou a me incomodar. Mas foi difícil abrir mão de uma estrutura eclesiástica que me blindava. Eu tinha segurança financeira, poder e admiração de uma sociedade que valorizava o que eu fazia. Era um padre franciscano, mas nunca vivi a pobreza. Viajava para a Europa duas vezes por ano e sempre tive fatura. Em 1995, porém, depois de passar por uma experiência muito forte com Deus, decidi abandonar tudo e começar de novo, do zero.

Experiência sublime

Abelardo prefere não falar sobre essa epifania. Diz ser algo tão sublime que palavras poderiam diminuí-la. Ele revela apenas que orou, apresentando a Deus sua revolta, o desconforto com a hipocrisia e a culpa pelo sexo praticado às escondidas. Confessou seus pecados e esperou. O ex-padre conta que naquele mesmo dia mudou o rumo de sua história.

Considero que aconteceu comigo o que chamam de um milagre. Eu orei e me sujeitei a deixar para trás tudo o que já tinha vivido. Largar tudo e partir para uma nova experiência. Queria algo sólido, uma vida espiritual autêntica.

Eu enxergava muitas coisas das quais não gostava, dentro e fora, e queria muito mudar.

Em princípio, a rota que decidiu seguir era nebulosa. Ele a enfrentava, arrastando consigo uma carga pesada de dúvidas e ressentimentos. Chegou a escrever um relato, *A falsa mãe*, no qual denunciava conflitos internos do catolicismo romano. O livro vendeu bem, e as vendas foram curiosamente maiores nas igrejas evangélicas por onde passou, sempre a convite de pastores que gostavam de divulgar seu testemunho de ex-padre e, agora, segundo anunciava, ex-gay.

Virou um “testemunheiro”, jargão usado no meio evangélico para descrever quem vai de igreja em igreja contando o antes e o depois do encontro com Jesus Cristo.

Em determinado momento, contudo, isso também o perturbou, pois começou a enxergar o equívoco de reduzir a complexidade de uma pessoa ao rótulo de “ex-gay”.

Conheceu um pastor cuja família resolveu “adotá-lo”, levando-o para passar temporadas em sua casa. Ali, Abelardo foi recebido e nutrido, física e afetivamente, como um filho deve ser. O cuidado dessa família, que enxergou sua solidão e sua orfandade, foi essencial para que ele se firmasse na fé e redirecionasse sua vida.

Algum tempo depois, conheceu Adriana, com quem se casou e teve duas filhas. Sabendo do histórico de Abelardo, ela temeu, em princípio, mas resolveu arriscar. Os dois estão juntos desde 1998. Certa noite, após contar sua história para uma comunidade evangélica, ele foi saudado pelo líder, que deu glórias a Deus pela “cura efetuada” na vida de Abelardo. O pastor disse bem alto à congregação: “Meus amados, a prova que Deus curou este homem da homossexualidade está bem aqui: sua mulher, com quem ele é casado há muitos anos”.

Desconfortável com aquela declaração, Abelardo pegou o microfone e disse, de forma carinhosa, que estar ali com a esposa na verdade não provava

nada. “Conheço muitos casais heterossexuais em que um dos cônjuges tem práticas homossexuais, às vezes o homem, às vezes a mulher”, ele falou, para a consternação de todos.

Abelardo afirmou, no dia em que nos encontramos para jantar, em um shopping center de São Paulo, que era possível, com a ajuda divina, mudar de conduta e manter-se fiel a uma convicção. Quanto ao desejo, aí já era outra história. Quinze anos haviam se passado desde sua conversão, e ele nunca voltou atrás no compromisso assumido diante de Deus. Jamais se relacionou com outro homem.

Mudança interior definitiva? Nessa área não creio que aconteça. Conheço pessoas que lutam com seus impulsos e que buscam caminhos alternativos. E conheço um Deus que mostra o caminho a você, o Deus da cruz, que lhe dá graça para superar as dificuldades e não é impiedoso quando você cai, que não está lá com um porrete para massacrá-lo. Deus não faz isso, embora a Igreja faça.

Abelardo deixa claro por onde passa para falar de seu passado homossexual que suas pulsões continuam latentes, mesmo depois de tantos anos de casamento: “Estou sempre preparado para cair”, diz, em uma afirmação que pode chocar muitos. Não seria justamente essa consciência de vulnerabilidade a razão da força interior de Abelardo? Ele me fez lembrar das palavras do apóstolo Paulo: “Quando sou fraco é que sou forte”.

Insisti em saber se ele teve dúvidas, antes de se casar, se seria capaz de se dar bem com uma mulher no campo sexual. Se chegou a se envolver com outro homem depois de casado ou se havia, de alguma maneira, conseguido blindar suas emoções.

Sim, tive dificuldades e muitas dúvidas sobre o casamento. Até hoje tenho. Que casal não as tem? Paixões? Não, nunca mais me permiti viver isso. Tenho um objetivo muito claro: levar o evangelho de Jesus Cristo. Quero ser útil neste mundo. Meu trabalho não me permite voltar a essas experiências. A gente tem que saber conviver com nossos espinhos na carne. Eu não quero mais isso para mim. Às vezes era bom, mas sofri muito também.

Ele prossegue:

Do meu círculo de amizades antigas, do tempo dos padres, muitos morreram de Aids, outros tornaram-se alcoólatras ou levam uma vida sem sal. Mas, se você me perguntar se o meio evangélico é diferente, vou dizer que não. Crente não bebe, não fuma, não faz nada além de ir à igreja. Crente não pode ter fantasias, não pode ler *Cantares de Salomão*.

O pastor Abelardo conferiu novo significado a sua vida atribulada tornando-se missionário e coordenando trabalhos sociais junto a caminhoneiros, adolescentes em situação de risco e prostitutas. À frente da ONG Nossa Missão, seu jeito despojado e pouco convencional tem sido uma forma eficiente de comunicar o amor de Deus para essas pessoas. Lutando contra rótulos e visões estereotipadas, ele teve dificuldade em enquadrar-se em um ministério tradicional. Mesmo assim, está vinculado à Igreja Presbiteriana do Brasil, na qual dirige um trabalho evangelístico focado em missões urbanas.

Abelardo segue seu caminho, dedicando-se às pessoas que lhe são mais caras e que deram sentido à sua vocação pastoral. Em uma conversa longa e de lembranças dolorosas, seus olhos brilharam poucas vezes: uma delas foi quando falou de Dos Anjos, uma cafetina que conheceu havia cinco anos, ao iniciar um trabalho social em parceria com uma igreja de Belo Horizonte. As prostitutas faziam ponto nas imediações da igreja, nos domingos à noite, e os cultos noturnos simplesmente se esvaziaram. Ele então resolveu abrir o salão da congregação para oferecer lanches, todas as tardes, para aquelas mulheres desprezadas.

Elas chegaram timidamente, em princípio, e, com o tempo, foram aumentando em número. Comiam um sanduíche, tomavam suco e sempre, antes de sair, ouviam uma mensagem rápida a respeito do amor incondicional de Deus por elas. Dos Anjos, a prostituta mais velha da região, era desbocada e falava para quem quisesse ouvir que não gostava de crentes. “São piores do que nós”, dizia a Abelardo, no começo de uma relação

tempestuosa. “Vocês vêm aqui querendo nos mudar. Eu nasci prostituta e assim vou morrer”, ela o desafiava.

O trabalho já completara cinco anos, sem que nenhuma das mulheres tivesse se convertido. O missionário estava desanimado. Na semana em que decidiu sugerir a suspensão do projeto social e evangelístico para a liderança da igreja, foi surpreendido por uma notícia. Durante a mensagem para as prostitutas, à tarde, após o lanche, Dos Anjos se levantou com lágrimas nos olhos para dizer a todos os presentes que algo nela havia mudado. “Esse Jesus de quem vocês falam, acho que ‘quero ele’ para mim.”

Dos Anjos começou naquele momento a sofrer um processo de transformação interior. Ela deixou a vida de prostituição e começou um grupo de oração e estudo bíblico em sua casa. Ali, naquele lugar pobre que já foi um bordel, ela hoje fala para suas ex-colegas de profissão sobre o amor incondicional de Deus.

Ex-pastor, ex-líder de jovens, ex-ex-gay

Nem todos têm uma história de resistência estoica como a do pastor Abelardo para contar, o relato de como uma convicção pessoal pode levar alguém a controlar uma pulsão em nome de uma causa maior. Nem todos os homossexuais têm, da mesma maneira, um histórico de abuso sexual na infância. E nem todos os que sofreram abuso atribuem ao fato a causa de um interesse homoafetivo.

Coincidentemente, contudo, muitas pessoas com quem conversei disseram ter sido violadas sexualmente por parentes ou conhecidos nos primeiros anos de vida, e se lembram da experiência como algo traumático. Uma vertente da psicologia considera o comportamento homossexual uma construção influenciada por fatores como a educação, o meio social e, possivelmente, alguma predisposição genética. Os adeptos dessa linha também confirmam ser muito frequente a ocorrência de abuso sexual na vida de pacientes que os procuram para poder lidar com transtornos na área da sexualidade. Há alguma literatura que faz associação entre os dois elementos.

O fato é que a violação da intimidade de uma pessoa em formação é um problema gravíssimo no Brasil, e os números são alarmantes. Estima-se que, a cada oito minutos, um menor seja vítima desse tipo de crime. O serviço telefônico Disque 100, mantido pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, registrou, entre 2003 e março de 2011, 52 mil denúncias de violência sexual (abuso e exploração comercial) contra crianças e adolescentes. Oito em cada dez vítimas são meninas. A Bahia é o estado que lidera o *ranking* de ocorrências, com 7.708 casos, seguido de São Paulo,

com 7.297, e Rio de Janeiro, com 5.563. Para aumentar a consciência nacional quanto a essa chaga social, o dia 18 de maio foi estabelecido o Dia Nacional de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Venha como está

Não foram poucas as pessoas que entrevistei a relatarem uma mudança de comportamento depois de conhecerem o evangelho de Jesus Cristo. Talvez pelo recorte da pesquisa – focada na comunidade cristã –, tive contato com homens e mulheres que descobriram motivação e força espiritual para contornar algo que para muitos é incontornável. O envolvimento com igrejas com um ambiente familiar e pessoas que as abraçaram e formaram ao redor delas um círculo de amizade, aceitação e incentivo ajudou muito. Não serem alvo de cobrança pesada demais também foi essencial. Consideram que os cristãos que os acolheram fizeram como Cristo, dizendo apenas “Venha como está”, enquanto a maioria ainda prefere dizer “Mude e, então, apareça”.

Saulo Navarro, mineiro de 44 anos, bancário, testemunhou esse acolhimento ao chegar à pequena igreja na qual se converteu, em Curitiba. Ali ele conheceu uma família que tinha um grupo de oração em casa. Foi “adotado” e tratado amorosamente, como alguém que “estava” homossexual. Ele conta que conheceu homens maduros e que diferiam do padrão masculino que lhe era familiar, que não viam as mulheres apenas como objetos de prazer.

Deixar anos de prática homossexual exigiu de mim cura das feridas da alma, foi um processo gradativo e levou seis anos. Se tivessem me prometido mudança instantânea e isto não ocorresse, eu poderia ir embora por não ver meus desejos e vontades transformados de um instante para outro e, pior, poderia desacreditar do maravilhoso Evangelho de Cristo. Mesmo no erro fui muito amado pelas pessoas que me evangelizaram. Aprendi que Jesus realmente veio ao mundo para buscar e salvar a todos que estão cativos do erro. Precisava buscar Deus de todo meu coração, de toda minha alma e meu

entendimento, pois não há transformação se não houver busca. Foi preciso abrir mão das situações que até então dominavam minha vida.

Saulo é casado há sete anos e tem uma filha. Ele percorre igrejas no Paraná dando palestras e aconselhamento para famílias interessadas no tema da homoafetividade.

Bem mais comum que conhecer homens e mulheres que abandonaram a prática homossexual, contudo, foi encontrar aqueles que, após lutar duras batalhas, concluíram que o mais coerente era assumir sua orientação sexual e vivê-la sem restrições. Mas, para um cristão, o preço desse processo de autoaceitação pode ser altíssimo. Na história do professor Sérgio Viula, a fatura incluiu perder aquilo que para muitos seria perder tudo – o dom da fé.

Sérgio deixou para trás as causas pelas quais um dia lutou e a bandeira espiritual que durante muitos anos levantou. Ele trabalhou como missionário e pastor no Rio de Janeiro durante 12 anos, mas, desde 2003, professa ser ateu. Professor de inglês numa escola particular da cidade, Sérgio tem formação e pós-graduação em Teologia e liderou, por mais de seis anos, um programa de apoio a jovens com conflitos relativos à homossexualidade. O grupo se chamava Movimento pela Sexualidade Sadia (Moses).

O Moses fez sua estreia na Parada Gay do Rio, em 1997. Os ativistas cristãos participaram do desfile distribuindo folhetos evangelísticos e mensagens de amor e aceitação para a comunidade LGBT. Os membros do grupo eram, em sua maioria, ligados à Igreja Missionária Evangélica Maranata de Irajá, bairro do subúrbio do Rio. A proposta inicial era ensinar as igrejas a lidar com as questões homossexuais, treinar lideranças para aconselhamento e produzir para a mídia literatura e respostas teologicamente consistentes.

Sérgio converteu-se ao cristianismo evangélico aos 16 anos, influenciado por uma colega de trabalho. Passou a frequentar as reuniões da igreja regularmente, numa fase em que estava, como ele definiu, “no meio do turbilhão de desejos típicos da adolescência”.

Ele foi um menino que amava meninos, e não meninas. Desde muito cedo, identificou em si uma forte atração por garotos, mas escondeu isso de todos, já que vinha de uma rigorosa formação católica. Na puberdade, iniciou a vida sexual com um amigo, por quem se apaixonou. O relacionamento terminou por iniciativa do namorado, e essa decepção amorosa o levou a buscar outros rapazes, só que com objetivos meramente carnavais.

Convertido na adolescência, Sérgio logo levou a família para a igreja, e todos se converteram e ali permanecem até hoje. Também passou a pregar com entusiasmo. No livro *Em busca de mim mesmo*, escrito depois de ter deixado a igreja, ele relata:

Fiz minha primeira leitura da Bíblia toda em três meses, começando um mês antes de ingressar na igreja. Depois, li a Bíblia toda de novo em seis meses. A terceira leitura levou um ano. Isso quer dizer que em menos de dois anos eu já havia lido a Bíblia de capa a capa três vezes.²⁴

Após um ano de conversão, casou-se com uma amiga da igreja. Ele ainda nutria desejos homoafetivos, mas os mantinha reprimidos, pois se sentia apaziguado internamente. Uma rotina intensa de trabalho na congregação, à qual se dedicava com fervor, o ajudava. O relato do dia de sua conversão, que consta de seu livro, ilustra essa fase:

Compreendi que o abraço dos irmãos, as palavras encorajadoras e emocionadas do pastor, os louvores bem cantados e bem tocados, tudo conspirava para que eu me sentisse absolutamente renovado.²⁵

Sérgio descarta qualquer ação sobrenatural no caso:

Eu simplesmente pude, pela primeira vez, descarregar o peso de emoções reprimidas que me comprimiam. Sem perceber essa dinâmica emocional de imediato, saí dali como quem havia encontrado um tesouro. Comecei a falar de Jesus para minha família, e não demorou muito para que todos estivessem convertidos.²⁶

Casou-se, apaixonado por sua mulher, e permaneceu casado por 14 anos. Tiveram dois filhos. Naquela época, fez dois cursos de Teologia, um deles no respeitado Seminário Teológico Betel. Fez também duas pós-graduações na mesma instituição. Foi ordenado pastor batista e trabalhou em duas congregações, uma pentecostal e uma batista, ambas no município de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Amava a apologética – a defesa da fé contra as heresias –, e uma busca rápida no Google mostra alguns artigos em que ele rebate com veemência doutrinas teológicas mais liberais, que admitem a homossexualidade entre seus fieis.

Ao lado do jornalista João Luiz Santolin, por exemplo, Sérgio Viula assina a reportagem de capa da revista *Defesa da fé* de maio de 2000. Sob o título “Teologia Gay: Intimidade entre iguais desafia a Igreja Evangélica no Brasil”, os dois rebatem artigo do antropólogo Luiz Mott, ideólogo do movimento gay da Bahia, que havia sido publicado na revista *Sui Generis*, um semanário gay. O artigo de Mott, intitulado “Jesus era gay?”, recebeu uma contra-argumentação contundente, com fundamentos históricos e teológicos, revelando o preparo e as convicções do então pastor batista. Um trecho desse artigo:

Mott vai além da guerra de palavras e ataca o Levítico afirmando que ‘do imenso número de leis do Pentateuco apenas duas vezes há referência ao homossexualismo [...] que inúmeras outras abominações do Levítico – como comer carne de porco ou o tabu em relação ao esperma ou ao sangue menstrual [...] foram completamente abandonadas’. O que o antropólogo ignora é que se há duas referências ao homossexualismo no Pentateuco (Lv 18,22; 20,13), e ambas são proibitivas e punitivas, já se vê que Deus reprova a prática do homossexualismo sem necessidade de qualquer outro argumento. Além deste erro grosseiro, confundir preceito moral com cerimonial – ou seja, rituais – é um equívoco imperdoável mesmo para um iniciante em hermenêutica. Cerimônias foram removidas mediante o sacrifício de Cristo na cruz (Cl 2,14-17). Moralidade, não.²⁷

Lembranças inconvenientes

Sérgio viveu 18 anos na igreja, primeiro como membro fiel, depois como conselheiro, pastor e cofundador do grupo que ficou conhecido nacionalmente por ajudar pessoas gays a deixar a prática homossexual. Quando nos encontramos, em uma bela tarde de primavera em um café em Copacabana, no Rio de Janeiro, ele afirmou que, nos três anos em que esteve à frente do Moses, conheceu apenas um homem que realmente conseguira mudar de vida. “E ele tinha sempre a gaveta cheia de antidepressivos”, disse.

O Moses trabalhava como um grupo de apoio terapêutico, com fundamentos bíblicos. As pessoas que procuravam o serviço eram evangelizadas e depois levadas a reavaliar seu estilo de vida. A partir de determinado estágio, o recém-convertido ao evangelho era incentivado a afastar-se de tudo o que pudesse lembrar o universo gay – amigos, roupas, bares e até objetos que trouxessem lembranças inconvenientes. Assim, uma nova rede de amizades se formava ao redor da pessoa, amigos cristãos, que dali em diante iriam ajudar, com o ensino dos princípios bíblicos, a “resgatar sua verdadeira identidade heterossexual”.

Sérgio esteve à frente desse trabalho ao lado de Santolin, apoiando centenas de jovens que tinham o desejo de abandonar uma forma de vida que lhes causava culpa e desconforto. Hoje ele está convicto de que a estratégia do Moses era, na verdade, muito prejudicial, por promover a despersonalização e a internalização da culpa. “Muita gente entrava numa neurose grande e começava a tomar remédios fortes. Tudo para não transar. Outros faziam escondido ou, então, faziam, confessavam e ficavam marcados no grupo, eram vigiados.”

Aquele tempo de devoção passou. Depois de muitos conflitos internos, Sérgio tornou-se uma pessoa que se contrapõe às religiões com o mesmo ímpeto com que um dia defendeu o cristianismo. Em seu livro, ele descreve o processo que o levou a abandonar a fé. Transcrevo alguns trechos:

Ainda fiquei mais um ano lutando contra mim mesmo. Mas, em novembro de 2001, cheguei à exaustão. Não aguentava mais viver como heterossexual, sentindo, na verdade, uma fortíssima atração homoerótica. Não aguentava mais trabalhar sem parar no ministério eclesiástico sem ver Deus fazer por mim o que eu mais precisava e pedia – “curar” minha homossexualidade. [...]

Minhas certezas espirituais tombavam uma após a outra, como peças de dominó enfileiradas sobre a mesa. Eram duas coisas diferentes: assumir-me gay e rever os dogmas que até então eu chamava de Verdade. Uma coisa influenciava a outra, mas ambas eram distintas. Estava começando a ver a homossexualidade como parte integrante de minha personalidade, algo de que não devia me envergonhar. Pelo contrário, era uma parte de minha identidade que devia ser vivenciada com alegria e responsabilidade. [...]

Simultaneamente a minha crescente emancipação como indivíduo gay, mas não necessariamente como consequência disso, eu chegava à conclusão de que o cristianismo era tão “verdadeiro” quanto qualquer outra religião, inclusive as crenças tribais de alguns povos já extintos. [...]

Quando decidi abandonar o cristianismo completamente, não somente o pastorado ou a igreja evangélica, senti-me livre. Descobri que não preciso das muletas da religião para ser um cidadão respeitável, um homem de bem e uma pessoa plena. [...] ao livrar-me do jugo religioso, tornei-me uma pessoa melhor – assumi aquela identidade que melhor traduz a mim mesmo. [...]

É muito mais simples do que se imagina: se Deus existe e é todo-poderoso, mas não intervém na miséria humana, ele só pode ser sádico. Agora, se ele não intervém porque não tem poder para isso, então ele não é melhor do que qualquer outra divindade apregoada pelos teístas e deístas de todos os matizes. A meu ver, só existem três possibilidades: ou Deus não é todo-poderoso; ou Deus não é bom; ou Deus não existe de modo algum.²⁸

Em um desabafo em que resume o debatido conceito filosófico da teodiceia (um Deus bondoso e onipotente não combinaria com um mundo tão mal como este), Sérgio demonstra o quanto desejou ser transformado em sua homoafetividade, sem obter resposta:

Como pode Deus se irar por um motivo que ele mesmo pode transformar (já que supostamente é todo-poderoso), mas não transforma? Como pode Deus

exigir do homem aquilo que só ele pode fazer, mas não faz? Como pode castigar alguém que implora em vão que ele faça o que mais ninguém – exceto um Deus todo-poderoso e todo-gracioso – pode fazer?²⁹

E conclui o capítulo com a seguinte declaração:

Sou um ser humano que ama a vida, quer o melhor para as pessoas a quem ama e procura não prejudicar ninguém. Quero ser feliz e fazer felizes aqueles que se achegam a mim. E por que deveria ser diferente? Isso não é o que se espera de qualquer pessoa com um mínimo de inteligência? O cristianismo não me proporciona nenhum atrativo. É totalmente dispensável.³⁰

Com a mesma energia que um dia dedicou ao Evangelho, Sérgio Viula hoje é um militante dos direitos da comunidade LGBT. Ele se tornou conhecido em 2003, quando foi a público, por meio da revista *Época*, para protestar contra um Projeto de Lei, defendido pelo deputado federal evangélico Edno Fonseca, então do Prona-RJ. O texto previa a destinação de verbas públicas para a terapia de reversão da homossexualidade pelo Sistema Único de Saúde. “Uma coisa que já não tinha base científica sofreu um baque maior, porque muitos se manifestaram, inclusive eu, para dizer que aquele tipo de trabalho não funcionava”, disse Sérgio.

A aprovação do Projeto de Lei, segundo ele, legitimaria uma prática nociva, uma vez que o Estado concordaria com uma abordagem condenada inclusive pelo Conselho Federal de Psicologia, cuja Resolução 01/99 proíbe aos terapeutas prometer cura a pacientes que desejam se livrar da homossexualidade. “Como a Igreja estava por trás daquilo e agora o Estado estava debatendo a ideia, as famílias passariam a acreditar que os homossexuais precisavam mesmo de cura. Isso só acarretaria mais violência, mais traumas, mais ódio e mais confusão.”

24 VIULA, S. *Em busca de mim mesmo*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010, p. 18

25 *Idem*, p. 17.

26 VIULA, S. *Em busca de mim mesmo*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010, p. 18

27 VIULA, S. Teologia Gay: Intimidade entre iguais desafia a Igreja Evangélica no Brasil. *Defesa da Fé*. Publicação mensal do Instituto Cristão de Pesquisas, ICP, maio/2000.

28 VIULA, S. *Em busca de mim mesmo*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010, p. 24-30.

29 VIULA, S. *Em busca de mim mesmo*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010, p. 30.

30 *Idem*, p. 31.

Mais um pouco de história

Foram necessários mais de mil e seiscentos anos até que homens como o professor Sérgio Viula pudessem assumir publicamente a homossexualidade em países que compõem a cristandade sem sofrer sanções. A condenação radical aos gays e às lésbicas é uma característica desse longo período que vai da conversão do imperador Constantino até praticamente o fim do século XX. A história mostra que essa minoria sempre esteve presente, em todas as nações e nas diferentes camadas sociais. Papas, padres, poetas, escritores, escultores, músicos, reis, escravos, generais... há exemplos ilustres em diferentes épocas e lugares. Mas, antes que fosse possível testemunhar grandes marchas carnavalescas de gays, lésbicas e travestis pelas avenidas das principais capitais do mundo, a repressão era a regra para os membros dessa singular comunidade. Muitas sociedades conferiam aos seus “invertidos” tratamentos distintos, não raro violentos.

Os pais da Igreja muito influenciaram, em seus escritos, o sentimento de aversão aos homossexuais, sempre fundamentados na lei mosaica, no Antigo Testamento e no pensamento do apóstolo Paulo, registrado em algumas de suas cartas. A Patrística, filosofia cristã elaborada pelos pais da Igreja, condena com todas as letras a voluptuosidade da sexualidade desviada implícita na prática da homossexualidade, do adultério e da masturbação, entre outras.

Jerônimo, exegeta notável e grande polemista do século IV, é um dos que bem elaboram sua reprovação à prática homossexual. Em seu *Tratado contra Joviniano*, ele afirma que Sodoma e Gomorra “poderiam ter apaziguado a ira de Deus, se estivessem dispostas a se arrepender, com a ajuda de jejum

para ganhar as lágrimas do seu arrependimento”.³¹ Já João Crisóstomo escreve:

Mas se tu aprendeste e ouviste falar do Inferno e acreditas que não é fogo, lembra-te de Sodoma. Pois vimos, e com certeza continuamos a ver até mesmo na vida presente, uma aparência do Inferno. Quando muitos negam totalmente as coisas que virão depois desta vida, negam ouvir falar do fogo inextinguível, Deus traz à mente as coisas presentes. Por isso foi calcinada Sodoma. Pensa em como é grande o pecado, para ter forçado o Inferno a aparecer mesmo antes de seu tempo! Onde a chuva era incomum, porque a relação sexual era contrária à natureza, ela inundou a terra, tal como a luxúria havia feito com suas almas. Por isso, também a chuva era o oposto da habitual. Agora não só ela não mexe no ventre da terra para a produção de frutos, mas tornou ainda inútil para a recepção das sementes. Foi também assim a relação dos homens entre homens, fazendo um corpo desta espécie mais inútil do que a própria terra de Sodoma.³²

O padre franciscano Bernardino de Siena garante:

Nenhum pecado no mundo amarra a alma como a maldita sodomia, o pecado que sempre foi detestado por todos aqueles que vivem segundo Deus. Uma paixão desordenada, próxima da loucura, que perturba o vice-intelecto, destrói a elevação e a generosidade da alma, faz do preguiçoso uma pessoa irascível, teimosa e obstinada, servil e macia, incapaz de qualquer coisa. Além disso, agitada por um desejo insaciável por prazer, a pessoa sodomita não segue a razão, mas o instinto. Eles se tornam cegos e, quando seus pensamentos devem subir para coisas altas e grandes, são frívolos e reduzidos para coisas vis, inúteis e podres que nunca poderiam fazê-los felizes.³³

É Agostinho de Hipona, contudo, quem tem o papel mais marcante e que influenciará toda a cristandade nas décadas por vir. A concepção desse bispo africano, ex-devasso assumido, estabelece a base da Teologia cristã ao reforçar, nesse período, a visão de que obter prazer do ato sexual é uma experiência altamente pecaminosa. O bom cristão deve usar o sexo somente para reprodução. Ele exorta:

As infrações contrárias à natureza são em toda parte e, todas as vezes que se realizaram, foram punidas. Tais foram as dos sodomitas. Todos eles deverão ser culpados do mesmo crime pela Lei Divina. Pois a relação que deve haver, entre Deus e nós, é violada quando a natureza, da qual Ele é o autor, é poluída pela perversidade da luxúria.³⁴

O escritor e pintor inglês bissexual Colin Spencer sugere que o próprio Agostinho vivera uma paixão por outro homem. Spencer, autor de *Homossexualidade: uma história*, especula isso a partir da descrição que o bispo de Hipona faz de profundo pesar diante da morte de um amigo, em sua obra *Confissões*: “Parecia-me que nossas duas almas eram uma só em dois corpos; eis por que minha vida tornou-se um horror, porque eu não queria viver como uma metade”.³⁵

Ao menos um estudioso da vida de Agostinho refuta essa hipótese. O psicoterapeuta Zenon Lotufo argumenta que nenhuma das seis principais biografias do teólogo nem em um punhado de outros livros que tratam do problema da sexualidade na história do cristianismo sob um ponto de vista liberal (a maior parte com pesadas críticas às ideias agostinianas a respeito do sexo), interpretam a passagem em questão como expressão de homossexualidade.

Reino dividido

A criminalização da expressão homoafetiva disseminou-se pelo Direito Romano, e as penas de morte inibiram a prática, empurrando os homossexuais para a marginalidade, ao mesmo tempo que a influência da Igreja Católica Apostólica Romana espalhava-se por toda a Europa.

De acordo com o advogado especialista em Direito Processual Civil, Silvano Andrade do Bomfim:

Foi o terceiro Concílio de Latrão, de 1179, o primeiro concílio ecumênico a condenar a homossexualidade, estatuinto que qualquer um que fosse achado tendo cometido a “incontinência contra a natureza” seria punido, sendo que o

grau da pena dependeria da qualidade do transgressor, ou seja, se clérigo ou leigo.³⁶

A Igreja sabidamente travou uma batalha especialmente dura dentro de casa, ao perceber que os mosteiros estavam repletos de sacerdotes presos ao voto de castidade, mas dados à intimidade sexual com seus pares. Por volta de 1051, Pedro Damiano escreveu um tratado, *O livro de Gomorra*, em que acusava padres de manter relações com seus seguidores e afirmava que muitos deles, para escapar às sanções da Igreja, se confessavam a outros homossexuais.

A perseguição se tornou mais intensa na Idade Média, em especial a partir do século XIV, quando, além de gays, muçulmanos, judeus ou qualquer pessoa que não vivesse de acordo com as leis religiosas romanas estava destinada à exclusão.

Até os templários, integrantes de uma ordem reverenciada de monges-militares que defendiam os peregrinos cristãos na Terra Santa, foram acusados de sodomia e bruxaria. Segundo o historiador Edward Burman, essas acusações, na verdade, faziam parte de uma campanha do rei francês Filipe, o Belo, para acabar com a ordem. O Estado estava falido, e o rei queria apoderar-se dos bens e das riquezas dos míticos cavaleiros. A insígnia da Ordem do Templo – dois cavaleiros dividindo a mesma sela – acabou sendo usada para difamá-los.

No livro *Os papas e o sexo*, o jornalista espanhol Eric Frattini divulga histórias sobre líderes da igreja romana, muitas das quais ele mesmo reconhece que podem ter sido inventadas por inimigos políticos. São relatos escandalosos de clérigos que teriam sido depostos de seu cargo, julgados por suas esquisitices sexuais e banidos da história da Igreja. Outros morreram de sífilis, como Júlio II, eleito em 1503, que pode ter inventado o primeiro bordel gay de que se tem notícia. Bonifácio IX deixou 34 filhos, a quem chamava de “adoráveis sobrinhos”. Paulo II era homossexual, e Sisto IV, que cometeu incesto com os sobrinhos, bissexual. Inocêncio VIII reconheceu

todos os filhos que fez e levou-os para a Santa Sé. João XI cometeu incesto com a própria mãe, violava fiéis e organizava orgias com rapazes.

A vida íntima do rei inglês Ricardo Coração de Leão (1157-1199), grande guerreiro e promotor de cruzadas, passa a ser alvo de controvérsia a partir de 1948. É quando o historiador John Harvey escreve *The Plantagenets*, desafiando o que ele percebia como uma conspiração de silêncio em torno da sexualidade do rei.³⁷ O pesquisador, baseado em crônicas de época, estranhava o fato de ele manter um casamento sem filhos. Os argumentos de Harvey ganharam algum apoio, mas os historiadores permanecem divididos. John Gillingham, por exemplo, refuta, em *Richard Coeur de Lion: Kingship, Chivalry and War in the Twelfth Century* (Londres, 1994), essa ideia e reafirma que o rei era heterossexual.

Jaime VI, rei da Escócia e I, da Inglaterra (1566-1625), era apaixonado por Teologia e ficou mais conhecido como King James, o monarca que ordenou a tradução da Bíblia, ainda hoje uma das mais reverenciadas pelos herdeiros de Lutero. Supõe-se que fosse homossexual. O rei Jaime (também conhecido como Tiago, em português) casou-se com Ana da Dinamarca por dever de Estado. Ele sempre preferiu as companhias masculinas e ao menos dois historiadores registraram em ensaios o nome de seus favoritos. Michael Young escreveu *King James and the History of Homosexuality*, no qual situa o rei num contexto mais amplo das relações entre pessoas do mesmo sexo. E David Bergeron relata em *King James and Letters of Homoerotic Desire* as cartas entre o rei e o duque de Lennox, Esmé Stewart (1542-1583), e o duque de Buckingham, George Villiers (1592-1628).

No século XIV, quando a peste negra chegou à Europa e entre 1347 e 1351 matou 25 milhões de pessoas, a devassidão e pecaminosidade do povo foram logo apontadas como a causa do castigo divino. Entre os responsáveis iníquos estavam os judeus, os hereges e os sodomitas.³⁸ Um pouco por causa disso, em Florença, a sodomia foi proibida em 1432, com a criação dos

ufficiali di notte (agentes da noite). Teve início um período de 70 anos de perseguição aos homens que mantinham relações com outros homens. Entre 1432 e 1502, mais de 17 mil foram incriminados, e 3 mil condenados à morte, em uma população de 40 mil habitantes.

Uma série de leis com o mesmo espírito foi estabelecida em outros países europeus. Na Inglaterra, o século XIX começou com o enforcamento de muitos cidadãos acusados de sodomia. E, entre 1800 e 1834, 80 homens foram mortos. Apenas em 1861 o país aboliu a pena de morte para tais atos, substituindo-a por uma pena de 10 anos de trabalhos forçados.

Gênios e poetas

A partir da Idade Moderna, fica cada vez mais fácil nomear os exemplos de supostos homossexuais famosos. A lista inclui gênios como Leonardo da Vinci, que chegou a ser processado por sodomia, e Donatello, autor das esculturas mais renovadoras do Renascimento. Michelângelo, apesar de ser muito religioso e de saber que Dante destinava os gays ao quinto círculo do inferno, nunca se casou e teve casos amorosos com jovens como Cecchino dei Bracci, para quem desenhou o túmulo, e Giovanni da Pistoia, que conheceu enquanto trabalhava no teto da Capela Sistina. É o que sustenta o escritor George E. Haggerty, em *Gay Histories and Cultures: An Encyclopedia*.³⁹ Shakespeare era casado e teve três filhos, mas Sidney Lee⁴⁰ informa que muitos sonetos eram autobiográficos, e que o grande autor pode ter se apaixonado por um rapaz da nobreza. A ele teria dedicado o soneto número 20, “A face de uma mulher”, que traz o verso ambíguo “Senhor, Senhora de minha paixão” (“master-mistress of my passion”).

A Reforma Protestante, no século XVI, não tornou menos pecaminosas aos olhos da Igreja as práticas homossexuais. Naphy nos lembra que:

Os protestantes viam no celibato católico uma ocasião para a promiscuidade libertina, a concubinação, o adultério e a sodomia. Os católicos assistiam horrorizados à conversão de freiras, monges e padres que depois se casavam quebrando os votos de castidade que haviam feito diante de Deus e os

homens. O sexo sempre foi uma arma pronta a ser arremessada ao outro lado durante todo o período da Reforma. E não havia dúvida de que a pior acusação que se podia fazer a um adversário era chamar-lhe sodomita.⁴¹

A chegada do humanismo renascentista vai aos poucos diminuir o poder político religioso, renovando o prazer estético e o gosto dos antigos pelas formas masculinas. Pintores, escritores, dramaturgos e poetas passam a expressar nas artes o amor homoafetivo com um pouco mais de liberdade.

A Revolução Francesa marca uma fase de maior liberalidade de costumes. A sodomia foi descriminalizada na França logo após o movimento, que valorizou as liberdades individuais e defendeu um Estado que se abstivesse de interferir na esfera privada. Tolerância passa a ser um termo relevante.

A Inglaterra vitoriana, entretanto, vai resgatar os valores cristãos mais rígidos. A história de Oscar Wilde é emblemática. Casado e pai de família, o grande escritor irlandês, conhecido por dar suas escapadas com outros rapazes, só cai em desgraça depois de assumir o caso de amor com o poeta, tradutor e lorde inglês Alfred Douglas.

O caso de Oscar Wilde foi escandaloso e causou revolta nas mais inesperadas alas. O Sindicato das Prostitutas de Londres chegou a protestar publicamente contra Wilde, alegando que ele promovia a concorrência e lhes roubava os clientes. Condenado a dois anos de trabalhos forçados, em 1895, o escritor se manifestou no tribunal com uma declaração que se tornaria um eufemismo poético para a homoafetividade:

O amor que não ousa dizer seu nome neste século é tamanha afeição de um homem mais velho por um mais novo como havia entre Davi e Jônatas, aquilo que Platão tomou como fundamento de sua filosofia, e tal qual se encontra nas obras de Michelangelo ou Shakespeare. É uma afeição espiritual tão profunda quanto é pura e é perfeita. [...] É linda, é agradável, é a mais nobre forma de afeição. Não há nada de inatural nela. É intelectual e, frequentemente, se manifesta entre um homem mais velho e um mais novo, quando o primeiro possui o intelecto, enquanto o segundo tem a alegria, a

esperança e o glamour da vida diante de si. Que deva ser desta forma o mundo não compreende.

Caravaggio, Franz Schubert, Marcel Proust, Tchaikovsky, Gertrude Stein, Alice Toklas, Thomas Mann, Virginia Wolf e John Maynard Keynes são também exemplos de personalidades que marcaram época em suas atividades e eram homossexuais ou bissexuais.

Muitos pinçam exemplos como esses para argumentar que pessoas gays são em geral seres humanos refinados e intelectualmente superiores, o que não passa de uma generalização improvável. Mas o brilhante pintor Caravaggio, por exemplo, foi um assassino que matou um homem em um duelo e fugiu. O papa Júlio III, de Florença, tomou um menino de rua em Parma, chamado Innocenzo Ciocchi Del Monte, e fez dele um cardeal. O relacionamento entre os dois causou escândalo no início do século XVI, por seu conteúdo sexual, segundo Francis Burkle-Young e Michael Leopoldo Doerrer, que em 1997 escreveram *The Life of Cardinal Innocenzo del Monte: A Scandal in Scarlet* (Edwin Mellen Press, 1997).

Muitos generais nazistas tinham seus amantes. Seria então razoável para adversários da homossexualidade retrucar, alegando que os gays são todos violentos, nepotistas, corruptos e, ainda por cima, nazistas.

A idealização de personagens antigos serve para todo tipo de defesa, de lado a lado, e é muitas vezes usada pelas minorias para obter benefícios sociais, segundo ensina o historiador Leandro Karnal: “Virginia Wolf era genial na escrita, e se suicidou afogando-se com pedras nos bolsos. Você pode usá-la para dizer que lésbicas são geniais como escritoras ou para dizer que lésbicas são depressivas e suicidas”.⁴²

Ele continua: “Homossexuais podem ser brilhantes ou medíocres, da mesma maneira que os heterossexuais podem ser imbecis ou geniais, pois esta não é verdadeiramente uma questão de gênero nem de época”.

Karnal afirma que buscar qualidades no sangue, em personagens que se tornaram geniais, e usá-los como exemplos para as minorias é quase como

fazer nazismo ao contrário. Para ele, seria também um processo de resgate do passado como uma luz para o presente.

É dizer, por exemplo: se eu sou negro, posso ser um Mário de Andrade, um Machado de Assis, eu não nasci só para sambar. Se sou judeu, sou da família de Einstein e Freud. Se sou mulher, posso ser Camille Claudel. Eu pego do passado os exemplos que me convêm para demonstrar o que desejo. O uso de exemplos do passado também serve para reivindicar ações no presente. Se sofri o holocausto e a perseguição, tenho direito a um Estado. Se sofri violência por ser mulher, tenho direito à Lei Maria da Penha. Se fui tirado à força de meu país e trazido como escravo, e fui menosprezado socialmente por séculos, tenho direito a cotas nas universidades, como uma compensação.

- 31 Disponível em: <<http://www.paraclitus.com.br/2011/destaques/o-homossexualismo-visao-padres-doutores/>>. Acesso em: fev. 2012.
- 32 *Ibidem*.
- 33 *Ibidem*.
- 34 *Ibidem*.
- 35 SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. Londres: Fourth State, 1995.
- 36 BOMFIM, S. A. do. Homossexualidade, direito e religião: da pena de morte à união estável. A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa. *Revista Brasileira de Direito Constitucional –RBDC*, n. 18, p. 95, jul./dez. 2011.
- 37 HARVEY, J. *The Plantagenets*. Londres: Fontana/Collins, 1948.
- 38 Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/vale-tudo-homossexualidade-antiguidade-435906.shtml>>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- 39 HAGGERTY, G. E. *Gay Histories and Cultures: An Encyclopedia*. Nova York: Taylor & Francis, 2000, p. 918.
- 40 LEE, S. *Shakespeare's Life and Work*. Londres: Smith Elder & Co, 1900.
- 41 NAPHY, W. *Born to be Gay: História da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- 42 Comentários colhidos durante o curso “Uma breve história da homossexualidade”, ministrado na Casa do Saber, em São Paulo, em junho de 2011.

A voz dos terapeutas

Se o universo das artes sempre foi mais tolerante com os homossexuais, a Medicina, a Biologia e a Psicologia, durante séculos, foram bem menos flexíveis. Na verdade, a homossexualidade era considerada doença mental ou perversão até bem pouco tempo atrás.

Sigmund Freud acreditava que algumas experiências poderiam deter o processo evolutivo do indivíduo e fazê-lo permanecer “fixado” em um nível homossexual. O pai da Psicanálise chegou a chamar a homossexualidade de “uma variante da função sexual produzida por uma retenção do desenvolvimento sexual”. Freud estava convencido de que a maneira pela qual meninos e meninas interagem com a figura paterna é essencial na definição de sua sexualidade.⁴³

Os homossexuais, que em nossos dias se têm defendido energicamente das restrições impostas por lei a suas atividades sexuais, gostam de ser apresentados, por intermédio de seus teóricos defensores, como pertencentes a uma espécie diferente, um estágio sexual intermediário ou um “terceiro sexo”. [...] Por maior que seja nossa vontade, por motivos humanitários, de acatar suas declarações, devemos analisar suas teorias com reservas, pois foram feitas sem levar em conta a gênese psíquica da homossexualidade.⁴⁴

Segundo a visão de Freud, a pesquisa psicanalítica contribuía para a compreensão da homossexualidade e derrubava “qualquer controvérsia sobre homossexualidade inata ou adquirida...”.⁴⁵

Os discípulos de Freud aprofundaram-se na tentativa de compreender melhor a questão. Alfred Adler, por exemplo, estabeleceu uma relação entre a homossexualidade e os complexos de inferioridade. Carl Gustav Jung acreditava que a condição estava associada à imaturidade psicológica e que o homossexual masculino estava aprisionado por um “complexo materno”. Na origem dessa teoria estava uma identificação e dependência doentia do menino em relação à mãe, que passaria a projetar em outro homem a sua *persona*. Segundo Claudemiro Soares, autor do livro *Homossexualidade masculina: escolha ou destino?*, “Jung declarou expressamente que a homossexualidade é ‘um mal a ser tratado’”.⁴⁶

Muitas foram as abordagens desenvolvidas a partir de então para aplicar o que, na visão dos profissionais da época, seria um tratamento para pessoas com sentimentos homoafetivos:

- Em 1892, o neurologista americano Graeme M. Hammond recomendou longos passeios de bicicleta para curar a homossexualidade. Ele acreditava que o desejo homossexual era provocado por um esgotamento nervoso e que os exercícios físicos poderiam restaurar a saúde e a heterossexualidade.
- Em 1897, o terapeuta alemão Albert von Schrenck-Notzing criou uma técnica que envolvia sessões de hipnose, ingestão de bebidas alcoólicas e visitas a bordéis.
- Em 1929, um estudo anônimo publicado na Suíça afirmava que a castração poderia curar a homossexualidade. De acordo com essa pesquisa, oito prisioneiros haviam sido castrados com vistas de eliminar problemas com a libido. Dentre eles, pelo menos cinco haviam sido curados de “anomalias” como exibicionismo e homossexualidade.
- Segundo o historiador Geoffrey Cocks, por volta de 1940 o regime nazista do Terceiro Reich realizou testes para curar a homossexualidade a partir da implantação de glândulas sexuais.

- Em 1955, a Associação Médica Britânica publicou um estudo sugerindo que a homossexualidade poderia ser tratada em alguns casos por meio de psicanálise, psicoterapias não analíticas, terapia em grupo e medicamentos.
- Em 1962, o psicólogo inglês I. Oswald desenvolveu um procedimento terapêutico que consistia na administração de drogas indutoras do vômito em um homossexual enquanto cenas de filmes homoeróticos eram apresentadas em um televisor. O paciente estava rodeado por copos cheios de urina e algumas vezes manifestava alucinações.⁴⁷

Por criar um método para “curar” pacientes gays, o neurocirurgião português António Egas Moniz ganhou o prêmio Nobel de Medicina em 1949. Ele aplicava a técnica da lobotomia, que consistia em cortar um pedaço do cérebro dos doentes, mais precisamente nervos do córtex pré-frontal. Na Suécia, três mil homossexuais foram lobotomizados nesse período. Na Dinamarca, foram 3.500, e a última cirurgia foi em 1981. Nos Estados Unidos, cidadãos portadores de “disfunções sexuais” lobotomizados chegaram às dezenas de milhares.⁴⁸

Refletindo bem o espírito da época, o filme *De repente, no último verão*, de 1959, conta a história da rica viúva Violet Venable (Katherine Hepburn), que recorre a um neurocirurgião (Montgomery Cliff) para que ele faça uma lobotomia em sua sobrinha Catherine (Elizabeth Taylor). A jovem sofre com pesadelos ao reprimir um terrível segredo: ter presenciado uma cena de relacionamento homossexual envolvendo um primo que fora assassinado.

Tratamento e cura

A percepção de que a homossexualidade era uma patologia persistiu até a década de 1990, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a retirou da relação de doenças mentais. Os Estados Unidos anteciparam-se a esse diagnóstico em quase duas décadas: a Associação Americana de Psiquiatria

deixou de considerá-la uma doença em 1973. Em 1975 a Associação Americana de Psicologia seguiu o mesmo caminho.

No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) também deixou de considerar a homossexualidade um distúrbio 10 anos mais tarde, em 1985. Entretanto, em 1999, o CFP foi além, estabelecendo regras controversas para limitar a atuação dos psicólogos nas questões de orientação sexual: a Resolução 01/1999⁴⁹ do órgão declara que “A homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”. E ainda: “Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades”.

Muitos profissionais de psicologia sentiram-se acuados, temendo ser repreendidos ou mesmo perder a licença caso se dispusessem a atender pessoas que padecessem da chamada “orientação sexual egodistônica”, um sentimento de angústia, insatisfação e inadequação com sua identidade de gênero.

Para tentar debater uma proposta de mudança nessas regras, psicólogos cristãos participaram de uma audiência pública na Comissão de Seguridade da Câmara dos Deputados em Brasília, no dia 28 de junho de 2012, em uma tarde de bate-boca e muita confusão. O Projeto de Decreto Legislativo 234/11, conhecido como “Projeto de Cura Gay”, de autoria do deputado João Campos (PSDB-GO), propôs sustar a aplicação dos dispositivos da resolução do Conselho Federal de Psicologia.

O CFP não aceitou o convite para participar da audiência por considerar a composição da mesa “pouco equilibrada”. Entre os convidados que falaram estava a psicóloga Marisa Lobo, que defende o direito de psicólogos atenderem pacientes que busquem mudar a sua orientação sexual. Para a psicóloga, é possível que o paciente mude sua orientação se esse for o seu desejo. A fala da psicóloga provocou polêmica entre os que assistiam à audiência, um tumulto se formou e um bate-boca entre Marisa e representantes do Movimento Gay se instalou. “Ser cristão não significa ser

alienado”, disse a psicóloga para uma plateia que revidava chamando-a de “barraqueira”.⁵⁰

A resolução do Conselho Federal de Psicologia é vista por psicólogos cristãos como uma espécie de engessamento de seu trabalho clínico. Mesmo assim, alguns psicólogos não abrem mão do direito de atender os homossexuais que os procuram devido ao grande sofrimento que os conflitos com sua sexualidade provocam.

A psicóloga cristã Rozângela Justino, por exemplo, reclamou publicamente do CFP numa entrevista atabalhoada concedida à revista *Veja*, em 2009. Em um espaço editorial nobre, as páginas amarelas, ela apareceu com uma máscara no rosto, para, entre três razões apontadas, proteger-se contra possíveis represálias da militância LGBT. Rozângela defende que gays podem mudar sua orientação. Na entrevista ela faz afirmações como: “O ativismo pró-homossexualismo está diretamente ligado ao nazismo. Todos os movimentos de desconstrução social estudam o nazismo, porque compartilham um ideal de domínio político e econômico mundial”. A psicóloga foi repreendida publicamente pelo CFP e quase perdeu o registro. Rozângela não respondeu aos pedidos de entrevista para este livro.

A psicóloga cristã Esly Carvalho relata melhora na saúde emocional de pacientes que conseguiram lidar com a própria orientação sexual e passaram a viver como heterossexuais. Americana, criada na igreja metodista e casada com um missionário brasileiro, Esly é conhecida por ter organizado o primeiro encontro cristão sobre homossexualidade no país, realizado em Brasília, em 1982. Foi ela também quem trouxe a Exodus⁵¹ para o Brasil.

Esly é doutora em Psicologia e especializou-se em psicodrama e trauma. Ela acredita que todos os seres humanos experimentam dolorosas “rupturas”. Nos homossexuais, ela crê, esse choque, que em geral ocorre na infância, resulta num bloqueio do desenvolvimento da sexualidade. “Todos somos traumatizados. A vida nos rompe a todos, só que em diferentes lugares. Tudo é uma questão de onde fomos partidos e o que em nós foi quebrado.”

Esly se alinha à posição da psicóloga e teóloga britânica Elizabeth Moberly, ao propor que a homossexualidade pode ser uma incapacidade de identificação com o genitor do mesmo sexo. Em seus estudos, Moberly observou que o homem, ao nascer do corpo de uma mulher, empreende um grande esforço para “desidentificar-se” da figura feminina e, em seguida, identificar-se com a masculina. Quando o menino tem um bom pai, receptivo e confirmatório, ele consegue dar esse “salto” e desligar-se do feminino, uma tarefa que as meninas não precisam realizar.

“Para a mulher, basta identificar-se com a mãe”, explica Esly. “Por outro lado, as mães também não são perfeitas. Às vezes, são autoritárias, ausentes, fazem comparações entre as filhas, às vezes queriam que elas fossem homens. Isso também vai criar confusão na menina.”

A terapia de base traumática vê o homem gay como uma pessoa que não conseguiu fazer a identificação com o pai, por ser ele abusivo, alcoólatra, violento ou mesmo emocionalmente distante. O menino pensa que, se ser homem é aquilo, então prefere não ser. Junta-se a isso o fato de que, segundo Esly, pelo menos 80% das pessoas que procuram os psicólogos para pedir ajuda de mudança em sua orientação sexual ter histórico de abuso sexual na infância.

Ela revela a cadeia de pensamentos que levariam ao surgimento da homossexualidade: o abuso sexual distorceria a sexualidade e contribuiria com o bloqueio do desenvolvimento psicosssexual da criança. Isso levaria o garoto que sofreu abuso a pensar que, se ele é objeto de desejo de outro homem, logo, deve ser homossexual. Assim, segundo essa teoria, esse indivíduo se desenvolveria sem o preenchimento do vazio emocional legítimo que carrega por um pai. Outro fator apontado pela psicóloga seria uma “crise de masculinidade”:

Homens não sabem mais ser nem formar homens. São várias gerações que sofrem pela falta de uma masculinidade saudável. E o peso de ser um “macho” é tão grande quanto o de não ser. A janela do que é ser homem na cultura ocidental é estreita: se um rapaz é delicado e gosta de poesia, já é tachado de

gay. Muitas vezes, é apenas um rapaz mais sensível. A cultura não ajuda nesse sentido.

A psicóloga defende ainda que os meninos procuram no pai a confirmação da masculinidade. Se ela não ocorre, uma necessidade emocional se erotiza: ele vai procurar na relação sexual o preenchimento desse vazio. “Homossexuais são homens procurando o amor de seus pais nos braços de outros homens”, conclui.

No Brasil, o psicólogo Flavio Gikovate segue mais ou menos essa mesma linha. Ele dedicou um capítulo inteiro do seu livro *Homem: sexo frágil?* ao estudo da evolução psicodinâmica da homossexualidade. Ele descreveu com objetividade os fenômenos que ocorrem durante a infância e a adolescência dos indivíduos do sexo masculino e a maneira pela qual esses fenômenos contribuem para o desenvolvimento da atração pelo mesmo sexo.⁵²

Em entrevista à revista *Época*, ele declarou que o homossexual masculino costuma ser “aquele garoto delicado que foi objeto de chacota de outros meninos, às vezes do próprio pai”. Esse indivíduo “não preenche os requisitos do macho, cresce com raiva daquele que, mais tarde, e não por acaso, passará a desejar sexualmente”. Gikovate concorda que sua tese é polêmica, mas insiste: “Ao contrário do que se pensa, o homossexual masculino não tem nada contra a mulher. O acerto de contas dele é com os homens”.⁵³

A importância da figura paterna no desenvolvimento da personalidade do menino é atestada pelas pesquisas de Sigmund Freud. Ele se posicionava de maneira radical sobre esse assunto e chegou a afirmar que não conseguia pensar “em nenhuma necessidade da infância tão intensa como a da proteção de um pai”.⁵⁴

Colunista do jornal *Folha de S.Paulo*, o psicanalista Contardo Calligaris define como “um debate aberto” a questão sobre a origem da homossexualidade, se genética ou construída socialmente. “O que todo

mundo sabe hoje é que a genética não é o destino de ninguém. Mesmo que existisse um gene da homossexualidade, que, se existe, ainda não foi encontrado, ele precisaria ser posto em ação”, afirmou em entrevista à revista *Trip* de outubro de 2011. Calligaris considera que o grande argumento usado a favor da tese de que se trata de uma herança genética são pesquisas com gêmeos. Em cerca de 60% dos casos de irmãos univitelinos, constatou-se que, quando um é gay, o outro também é. “Na verdade, isso é um argumento contra a tese, porque, se são univitelinos, deveria ser 100%, já que o patrimônio genético dos dois é rigorosamente igual. O caso é interessante porque mostra que a coisa é mais complexa.”⁵⁵

Chamado à consciência

Nem todos os psicólogos cristãos acreditam que a resolução do CFP esteja equivocada. Há quem entenda que ela iniba os excessos dos profissionais que caem na tentação de usar o consultório como se fosse um gabinete pastoral.

Para Ageu Lisboa, membro do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, o espírito da medida do CFP é positivo, pois visa a dar um parâmetro de atendimento a pessoas com questões de sofrimento na área de identidade sexual:

A resolução não proíbe o atendimento, mas põe uma normativa no sentido de que você não pode prometer curas, o que é correto em qualquer área de terapia. É também um chamado à consciência dos psicólogos para lembrá-los de que a homossexualidade não pode ser patologizada nem considerada, em si, um transtorno, embora haja pessoas com transtornos de identidade de gênero, de expressão sexual, e que necessitam ser cuidadas.

Ageu avalia que a decisão do CFP ajuda a proteger pessoas que são atendidas por terapeutas com uma formação religiosa mais fundamentalista e que incorrem numa falha ética ao querer transformar o consultório em púlpito. Ele explica que o terapeuta deve ser neutro, sem julgamentos morais

e sem tentar influenciar mudanças de convicções do outro. O psicólogo afirma que pouquíssimos homossexuais procuram o consultório para deixar a homossexualidade. Para ele, os que buscam terapeutas cristãos geralmente têm formação evangélica e se sentem mal com suas próprias inclinações.

Eles querem ajuda para abandonar um estilo de vida. A resolução não impede que sejam atendidos. O próprio Código Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde reconhece a categoria dos chamados egodistônicos, pessoas que se sentem desconfortáveis com sua orientação sexual mas que também não desejam assumir sua homoafetividade. É igualmente incorreto e antiético levar o paciente a assumir uma homossexualidade indesejada.

Perguntei ao doutor Ageu se ele acredita que o desejo homossexual pode ser reorientado. Ele estava no intervalo de uma conferência para jovens no Colégio Mackenzie, em São Paulo. Para ele, dificilmente isso ocorre, e a um preço alto. Ele avalia que todos somos levados a conter uma série de pulsões e emoções no dia a dia, como a raiva no trânsito, a violência, o ódio ou mesmo a euforia. Ageu enfatiza que a sexualidade não cria uma obrigação no ser humano e há muitos casos de pessoas que, em algum momento, por luto ou separação, lidam com a abstinência.

Ele cita o rabino e filósofo Marc-Alain Ouaknin sobre o conceito do contínuo “vir-a-ser”, uma identidade que está em movimento e em construção contínua. E explica, didaticamente, como essa construção é feita sobre bases “biológicas, culturais e, também, por uma dimensão transcendente da psique, a dimensão espiritual, a capacidade humana de autodeterminação, de fazer escolhas, de estar se fazendo”.

Por essa razão, observa Ageu, é que há exemplos de pessoas que a vida toda foram heterossexuais e, com 50 ou 60 anos, se permitem experimentar a homossexualidade, além de homens homossexuais por 20 ou 30 anos que decidem ter a experiência com uma mulher. E não necessariamente por

motivação religiosa: “A sexualidade está sujeita a ganhos e a modificações”, afirma.

O psicólogo também está convicto de que todo ser humano carrega uma inscrição psíquica de peso muito forte e resistente. “Não podemos dizer que um homossexual vá virar heterossexual da noite para o dia. Ele só promoverá uma mudança se tiver necessidade espiritual e afetiva, ou por uma convicção que faz com que ele se reoriente.”

Para Ageu, entretanto, seria preferível que a questão não se resumisse a mudar “de uma coisa para outra”. Como cristão, ele crê que o chamado para a transformação pessoal é bem mais amplo, um convite para que todos, sem exceção, nos tornemos novas criaturas, refreando desejos incompatíveis com a fé cristã.

O fato de estarmos mergulhados em uma sociedade que quer fazer crer que sexo é a solução para todos os problemas – quanto mais, melhor, e não importa quando, onde, nem com quem – colabora, segundo o psicólogo, para o adoecimento emocional. Ele recorre a Freud ao falar da teoria das pulsões, segundo a qual somos capazes de aprender a direcionar o desejo.

O desejo é inconsciente, inato, aético, amoral, sem juízo, é esta força dinâmica de vida e que pertence à nossa rica animalidade. Mas, além desta animalidade pulsional e criativa, somos imersos na cultura, e, em qualquer cultura, a sexualidade se enquadra em ideais éticos, seja ela indígena, nova-iorquina ou paulistana. Tudo o que envolve a sexualidade é complexo e não dá para reduzir a uma fórmula. Precisamos evitar o maniqueísmo e o simplismo e analisar cada situação, dentro de um contexto familiar e do grupo religioso a que o indivíduo pertence.

A origem da homossexualidade

Existe uma lista extensa de opiniões respeitáveis e diversas sobre a origem da homossexualidade. Uma boa síntese de informações está no artigo “Causas da homossexualidade”, escrito pelo médico Drauzio Varella, um dos pioneiros no Brasil no estudo do tratamento da Aids. O texto foi publicado originalmente em seu website:

Existe gente que acha que os homossexuais já nascem assim. Outros, ao contrário, dizem que a conjunção do ambiente social com a figura dominadora do genitor do sexo oposto é que são decisivos na expressão da homossexualidade masculina ou feminina.

Como separar o patrimônio genético herdado involuntariamente de nossos antepassados da influência do meio foi uma discussão que monopolizou o estudo do comportamento humano durante pelo menos dois terços do século XX.

Os defensores da origem genética da homossexualidade usam como argumento os trabalhos que encontraram concentração mais alta de homossexuais em determinadas famílias e os que mostraram maior prevalência de homossexualidade em irmãos gêmeos univitelinos criados por famílias diferentes sem nenhum contato pessoal.

Mais tarde, com os avanços dos métodos de neuroimagem, alguns autores procuraram diferenças na morfologia do cérebro que explicassem o comportamento homossexual.

Os que defendem a influência do meio têm ojeriza aos argumentos genéticos. Para eles, o comportamento humano é de tal complexidade que fica ridículo limitá-lo à bioquímica da expressão de meia dúzia de genes. Como negar que a figura excessivamente protetora da mãe, aliada à do pai pusilânime, seja comum a muitos homens homossexuais? Ou que uma ligação forte com o pai tenha influência na definição da sexualidade da filha?

Sinceramente, acho essa discussão antiquada. Tão inútil insistirmos nela como discutir se a música que escutamos ao longe vem do piano ou do pianista.

A propriedade mais importante do Sistema Nervoso Central é sua plasticidade. De nossos pais herdamos o formato da rede de neurônios que trouxemos ao mundo. No decorrer da vida, entretanto, os sucessivos impactos do ambiente provocaram tamanha alteração plástica na arquitetura dessa rede primitiva que ela se tornou absolutamente irreconhecível e original.

Cada indivíduo é um experimento único da natureza porque resulta da interação entre uma arquitetura de circuitos neuronais geneticamente herdada e a experiência de vida. Ainda que existam irmãos geneticamente iguais, jamais poderemos evitar as diferenças dos estímulos que moldarão a estrutura microscópica de seus sistemas nervosos. Da mesma forma, mesmo que o

oposto fosse possível – garantirmos estímulos ambientais idênticos para dois recém-nascidos diferentes – nunca obteríamos duas pessoas iguais por causa das diferenças na constituição de sua circuitaria de neurônios. Por isso, é impossível existirem dois habitantes na Terra com a mesma forma de agir e de pensar.

Se taparmos o olho esquerdo de um recém-nascido por 30 dias, a visão daquele olho jamais se desenvolverá em sua plenitude. Estimulado pela luz, o olho direito enxergará normalmente, mas o esquerdo não. Ao nascer, os neurônios das duas retinas eram idênticos, porém os que permaneceram no escuro perderam a oportunidade de ser ativados no momento crucial. Tem sentido, nesse caso, perguntar o que é mais importante para a visão: os neurônios ou a incidência da luz na retina?

Em matéria de comportamento, o resultado do impacto da experiência pessoal sobre os eventos genéticos, embora seja mais complexo e imprevisível, é regido por interações semelhantes. No caso da sexualidade, para voltar ao tema, uma mulher com desejo sexual por outras pode muito bem se casar e até ser fiel a um homem, mas jamais deixará de se interessar por mulheres. Quantos homens casados vivem experiências homossexuais fora do casamento? Teoricamente, cada um de nós tem discernimento para escolher o comportamento pessoal mais adequado socialmente, mas não há quem consiga esconder de si próprio suas preferências sexuais.

Até onde a memória alcança, sempre existiram maiorias de mulheres e homens heterossexuais e uma minoria de homossexuais. O espectro da sexualidade humana é amplo e de alta complexidade, no entanto; vai dos heterossexuais empedernidos aos que não têm o mínimo interesse pelo sexo oposto. Entre os dois extremos, em gradações variadas entre a hétero e a homossexualidade, oscilam os menos ortodoxos.

Como o presente não nos faz crer que essa ordem natural vá se modificar, por que é tão difícil aceitarmos a riqueza da biodiversidade sexual de nossa espécie? Por que insistirmos no preconceito contra um fato biológico inerente à condição humana?

Em contraposição ao comportamento adotado em sociedade, a sexualidade humana não é questão de opção individual, como muitos gostariam que fosse, ela simplesmente se impõe a cada um de nós. Simplesmente, é!⁵⁶

43 SOARES, C. *Homossexualidade masculina: escolha ou destino? A atração pelo mesmo sexo e as abordagens terapêuticas para a mudança de orientação sexual*. Brasília: Thesaurus, 2008, p. 27.

44 FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Edição standard brasileira das obras completas. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970, p. 91.

45 *Idem*, p. 91-92.

46 SOARES, C. *Homossexualidade masculina: escolha ou destino? A atração pelo mesmo sexo e as abordagens terapêuticas para a mudança de orientação sexual*. Brasília: Thesaurus, 2008, p. 28.

47 SOARES, C. *Homossexualidade masculina: escolha ou destino? A atração pelo mesmo sexo e as abordagens terapêuticas para a mudança de orientação sexual*. Brasília: Thesaurus, 2008, p. 67-68.

48 Revista *Superinteressante*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/lobotomia-488051.shtml>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

49 A Resolução 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia estabelece:

Art. 1º – Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão, notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º – Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º – Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único – Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º – Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relações homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

50 Tumulto marca audiência na Câmara sobre ‘cura’ gay. *Agência Estado*, 28 jun. 2012.

51 Organização não governamental criada nos Estados Unidos que se dedica a fornecer conteúdo cristão sobre homoafetividade para as igrejas.

52 SOARES, C. *Homossexualidade masculina: escolha ou destino? A atração pelo mesmo sexo e as abordagens terapêuticas para a mudança de orientação sexual*. Brasília: Thesaurus, 2008, p. 32.

53 *Ibidem*.

54 SOARES, C. *Homossexualidade masculina: escolha ou destino? A atração pelo mesmo sexo e as abordagens terapêuticas para a mudança de orientação sexual*. Brasília: Thesaurus, 2008, p. 18.

55 Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/print.php?cont_id=36078>. Acesso em: 25 jun. 2013.

56 Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/sexualidade/causas-da-homossexualidade/>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

O nascimento das igrejas inclusivas

Uma reviravolta de usos e costumes aguardava a civilização ocidental nos anos 1960. A atmosfera era particularmente inflamável nos Estados Unidos. Pairava um desejo por liberdade, por paz e igualdade. O clamor social crescia em defesa dos negros e da retirada das tropas americanas do Vietnã. A revolução sexual estava em curso, e os *hippies* viviam a utopia de que a expansão da mente por meio de drogas pesadas transformaria o ser humano, para melhor, e, conseqüentemente, terminaria por mudar o *status quo* e derrubar o regime capitalista. O movimento feminista contava suas vitórias, e os evangélicos eram desafiados cotidianamente em seus mais caros valores. As questões sociais eram contundentes, mas, para muitas famílias cristãs americanas ainda era mais importante blindar seus filhos contra a influência maléfica dos Beatles do que rever posições “bíblicas” que “atestavam” a superioridade racial e espiritual do homem branco, protestante e anglo-saxônico.

Foi nesse ambiente libertário que um grupo de jovens gays e *drag queens* de Nova York deu início ao movimento moderno pelos direitos civis dos homossexuais no mundo todo. A prática homossexual ainda era crime no país naquele ano de 1969, e a truculenta polícia da cidade costumava dar violentas batidas nos redutos gays. No dia 28 de junho, contudo, os frequentadores do Stonewall Inn, um bar no bairro do Village, decidiram que era hora de resistir. Eles revidaram e partiram para cima dos policiais, iniciando o que ficou conhecido como a Rebelião de

Stonewall, três dias de distúrbios de rua que deram visibilidade à causa e marcaram o começo de uma nova fase.

Embora Stonewall seja lembrado hoje como marco histórico, um ano antes um fato semelhante já havia ocorrido em Los Angeles, quando o público gay presente na Black Cat Tavern respondeu com violência a uma invasão da polícia, manifestando indignação contra as duras leis locais.

Aquele período socialmente conturbado definiu o início da militância política organizada de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros ou, simplesmente, o Movimento LGBT. Paralelamente, viu nascer a primeira comunidade cristã formada predominantemente por homossexuais de que se tem notícia. E a primeira parada gay, formada, curiosamente, por esses mesmos cristãos.

A igreja, ainda sem nome, foi criada em Los Angeles, em 1968, e reunia apenas doze pessoas. O pastor Troy Perry foi o fundador desse trabalho, que, segundo ele, recebeu como um chamado para resgatar sua vocação. Troy entrara em depressão e até tentara o suicídio após um relacionamento frustrado com um rapaz e por presenciar as agressões e as prisões de amigos durante a invasão da Black Cat Tavern.

Ordenado pastor batista quando tinha apenas 15 anos, em uma pequena congregação no estado da Flórida, onde se casou e teve dois filhos, ele se afastara do trabalho pastoral depois de divorciar-se da esposa e admitir ser gay. Perry lutava desde cedo contra a inclinação homoafetiva. No site da igreja que fundou, ele fala dessa época em que decidiu voltar para o ministério:

O Senhor estava lidando comigo. Minha igreja anterior me ensinou que não poderia ser as duas coisas, cristão e gay. Mas, um dia, ouvi Deus me falar – Troy, não me diga o que posso ou não fazer. Eu o amo e tenho filhos, não possuo enteados ou enteadas. Releia a minha Palavra. E eu reli a Palavra de Deus.⁵⁷

Essa releitura resultou na criação de uma nova aplicação teológica – naturalmente contestada ponto a ponto pelos teólogos tradicionais – e na fundação das Metropolitan Community Churches (MCC), a primeira denominação inclusiva dos Estados Unidos. As MCC reúnem hoje 43 mil membros, nas 222 congregações espalhadas por 37 países. Está no Brasil desde 2009, onde conta com oito comunidades, com estimados 500 membros. Ainda segundo seu site, a visão desse ministério é:

As Metropolitan Community Churches se encontram em uma ousada missão de transformar corações, vidas e a história. Somos um movimento que, fielmente, proclama o amor inclusivo de Deus por todos e, com orgulho, testemunha a sagrada integração de espiritualidade com sexualidade. Como Jesus, somos chamados a:

- Fazer justiça, mostrar ternura e viver com humildade diante de Deus (Mq 6,8).
- Explorar os conflitos da vida com corações e mentes abertas.
- Erguer a voz em sagrado desafio à exclusão religiosa, política ou sistêmica.
- Alcançar os desesperançados.
- Levantar novas gerações de marcantes ativistas espirituais.

A sede da denominação opera com um orçamento de dois milhões de dólares e, somando as congregações nos Estados Unidos, o montante sobe para vinte milhões. Mais da metade (51%) de seus sacerdotes são mulheres e cerca de 10% de seus membros são heterossexuais. Centenas de filhos de casais de lésbicas ou gays trabalham nas igrejas, exercendo cargos ministeriais.

Entre as muitas informações disponíveis no website da denominação, uma chama a atenção: desde 1982, cerca de seis mil membros das MCC morreram de Aids. Por outro lado, informa o texto, a doença atraiu para a igreja muitas pessoas que estão lidando com questões de vida e morte.

A semente plantada por Troy Perry foi potente. Apenas nos Estados Unidos, o número de igrejas “afirmativas”, ou *gay friendly* (amigáveis aos gays) era de 6.826, em 2011, 367 comunidades a mais do que no ano anterior, de acordo com a Affirming Church Survey, o mais extenso levantamento a respeito dessa questão já realizado no país. O crescimento é espantoso, se considerarmos que em 2006 havia cerca de 4.230 igrejas.

Cinco grandes denominações respondem por 68% dos registros na pesquisa: a Igreja Episcopal (designação da Igreja Anglicana nos EUA), a United Church of Christ, a Lutheran ELCA, a Presbiteriana e a Metodista Unida. Juntas elas têm 4.623 comunidades listadas. Há entre elas igrejas católicas sem ligação formal com a Igreja Católica Apostólica Romana, muitas das quais são carismáticas ou não denominacionais.

Em nome de Cristo

O reverendo Troy Perry tornou-se, assim, uma referência nesse universo. Ele tem uma folha de trabalhos prestados em favor dos direitos civis da comunidade LGBT e recebeu dois prêmios por sua atuação na área de direitos humanos. Já esteve na Casa Branca três vezes, a convite dos presidentes Jimmy Carter, Bill Clinton e Barack Obama. Todos, obviamente, do Partido Democrata.

Em outubro de 2005, após 37 anos de ministério, Perry afastou-se da liderança das MCC. Em seu discurso de despedida, ele reafirmou sua gratidão a Deus por “ter usado seu ministério para criar locais de louvor e esperança para a comunidade LGBT” e quebrar as barreiras que separavam muitas comunidades desses cristãos. “Juntos nós mudamos para sempre a face da Igreja Cristã”, afirmou na ocasião.

Mas essa mudança não foi pequena. Troy Perry conta que, em 1996, quando foi nomeado pelo presidente Bill Clinton delegado na primeira conferência sobre crimes de ódio realizada na Casa Branca, ele apresentou um relatório sobre o que acontecera com as MCC até então. “Reportamos que 21 de nossas igrejas haviam sido incendiadas ou destruídas. Centenas de membros foram vítimas de violência e oito de nossos pastores foram assassinados”, informou, em entrevista para este livro, por e-mail. “Creio que a maioria desses incidentes foi perpetrada por indivíduos que se diziam religiosos e/ou cristãos. Todas as cartas raivosas que recebemos em nosso primeiro ano de existência vinham marcadas ‘em nome de Cristo’. Representantes da igreja tradicional poderiam ter se levantado contra isso,

mas não o fizeram. Mesmo assim, as Metropolitan Community Churches continuam crescendo ao redor do globo.”

Perry garante que o relacionamento com a Igreja tradicional melhorou muito desde então. “Cada vez mais igrejas estão se tornando inclusivas em minha nação. Em outras culturas, não vamos tão bem, mas trabalhamos pela mudança. Fui banido e não posso pregar em Cingapura. Tivemos nossos cultos interrompidos na Jamaica, e nosso pastor em Bucareste, na Romênia, foi ameaçado de prisão por sua defesa dos direitos humanos. Mas continuamos na batalha para levar o evangelho de Jesus Cristo a todo o planeta.”

O pastor informa ainda que, nos Estados Unidos, a maior oposição contra as igrejas inclusivas vem dos partidos políticos de base conservadora e dos grupos religiosos tradicionais, que acreditam na interpretação literal das Escrituras. “Eles continuam tentando limitar os direitos civis da comunidade LGBT e a pregar que a homossexualidade é um pecado. Hoje, a maioria dos americanos já vê esses camaradas como advogando um retrocesso aos anos 1950; eles perderam o passo. A maioria dos americanos, segundo pesquisas recentes de opinião, apoia os direitos civis da comunidade LGBT e os cristãos gays”, afirma.

Ao falar sobre a linha teológica ensinada nas igrejas que fundou e sobre seus mentores espirituais, Troy conta que, como pregador, inspirou-se na vida de Jake Roberts, da African-American Churches of God, e no exemplo de liderança de Martin Luther King. “A maioria das MCC ensina o que o apóstolo Paulo escreve em Filipenses 2,12, que, como cristãos, todos temos que ‘desenvolver nossa salvação com temor e tremor’. No primeiro sermão que preguei nas MCC, disse aquilo que eu acreditava ser o chamado de nossa igreja: proclamar a salvação cristã (‘fazer discípulos de todas as nações’ – Mt 28,19), a comunidade cristã (‘serão o meu povo e eu serei o seu Deus’ – Jr 24,7) e a ação social cristã (alimentar os famintos, vestir os nus e ajudar a

achar empregos e casas para os sem-teto, ‘dar vista aos cegos e libertar os oprimidos’ – Lc 4,18).”

Troy Perry costuma dizer que aprendeu, ao longo de muitos anos de luta contra a discriminação, que “quando nossos vizinhos nos conhecem melhor e nós os conhecemos melhor, normalmente conseguimos viver em paz uns com os outros”.

A Parada do Orgulho, liderada por Troy Perry e uns poucos amigos no dia 28 de junho de 1970 nas ruas de Los Angeles, foi a primeira manifestação pública para reivindicar direitos humanos e igualdade civil aos homossexuais. No Brasil, a Parada do Orgulho Gay fez sua estreia em 1996, uma discreta mobilização em São Paulo, na Praça Roosevelt. O slogan era uma espécie de apresentação da comunidade: “Somos muitos, estamos em todas as profissões”. O público estimado pelos organizadores foi de duas mil pessoas.

Em 2011, a Parada do Orgulho Gay de São Paulo já era tida como a maior do mundo em número de participantes, reunindo, segundo os organizadores, três milhões de pessoas, que desfilaram no principal corredor urbano do país, a Avenida Paulista. O *slogan* foi bem mais ousado e provocador do que quando a manifestação começou: “Amai-vos uns aos outros: basta de homofobia, uma crítica direta à questão religiosa”. O desfile também celebrou um fato histórico: a aprovação, pelo Supremo Tribunal Federal do Brasil, da união estável entre casais gays.

Em 2012, os números da passeata foram contestados pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Enquanto os organizadores informaram um público de quatro milhões de pessoas, o Datafolha, que fez a primeira medição de caráter científico do evento, garantiu que foram apenas 270 mil participantes.

Conversão e reversão

Ao perceber o crescimento dos movimentos LGBT e o surgimento das igrejas inclusivas, a Igreja tradicional americana reagiu. Já no início dos anos

1970 começaram a surgir os primeiros grupos organizados por cristãos que pretendiam ajudar homossexuais a mudar de vida.

O primeiro ministério de ex-gays foi o *Love in Action*, fundado em 1973 em San Raphael, na Califórnia, por três homens, John Evans, Kent Philpott e Frank Worthen. Eles ensinavam que entregar a vida a Jesus Cristo abria o caminho para uma transformação interior plena e que, por meio da oração, meditação na Palavra de Deus e jejuns, uma pessoa poderia ser “curada” de sentimentos homoeróticos e convertida para a heterossexualidade.

Um dos fundadores da organização, o pastor Philpott, escreveu um livro, *O terceiro sexo? (The Third Sex?)*, Logos International, 1975), no qual descrevia o processo de conversão de seis pessoas que haviam deixado de ser homossexuais. A obra foi um sucesso de vendas, inspirou debates e até um grande seminário na ocasião. Um dos resultados dessa conferência foi a criação da Exodus International, hoje a maior instituição de apoio a esse tipo de trabalho no mundo. A Exodus está presente em quatro continentes e defendeu, durante praticamente quatro décadas, que “a libertação da homossexualidade é possível por meio de arrependimento e da fé em Jesus Cristo como Salvador e Senhor”. O grupo declarava a heterossexualidade como padrão criativo de Deus para a humanidade e, conseqüentemente, encarava a homossexualidade como uma expressão que está fora da vontade de Deus.

Organizações com o mesmo intuito – transformar homossexuais em heterossexuais pelo poder da fé – proliferaram a partir dali. No site da One by One, instituição vinculada à igreja presbiteriana, estão listados 19 ministérios interdenominacionais, de atuação nacional (nos EUA) ou internacional, além de sete ligados a igrejas. Os principais são:

- **Courage** – grupo católico romano com 15 centros na América do Norte. Compartilham da visão majoritária cristã de que a homossexualidade é patológica e não natural. Entretanto, ao contrário de outros ministérios, não declara que a mudança de orientação sexual

seja possível. O Courage defende que o único caminho válido para um cristão homossexual é o celibato (<<http://www.courageRC.net>>).

- **Evergreen International Inc.** – centro de tratamento mórmon, fundado em 1989. Tem 13 filiais nos EUA, na Austrália e no Canadá. Defende que “os indivíduos podem superar o comportamento homossexual e diminuir a atração pelo mesmo sexo”. O Evergreen atesta uma taxa de sucesso de 30% (<<http://www.evergreeninternational.org/>>).
- **Harvest USA** – atua desde 1983 e também está ligado à denominação presbiteriana. Dá ênfase à educação nas igrejas para debater mais abertamente a questão (<<http://www.harvestusa.org/>>).
- **Transforming Congregations** – ligado à Igreja Metodista Unida, também foca no preparo das igrejas (<<http://www.transformingcong.org/>>).
- **Zacchaeus Fellowship** – formada por membros das Igrejas Anglicanas do Canadá (<<http://www.zaccheus.ca/>>)
- **Jews Offering New Alternatives to Homosexuality (Jonah)** – organização internacional dedicada a educar a comunidade judaica sobre prevenção, intervenção e cura de questões relacionadas à atração pelo mesmo sexo (<<http://www.jonahweb.org/>>).
- **Exodus International North America** – criado em 1976 como uma fusão de trabalhos na mesma linha. Atualmente conta com 75 ministérios nos Estados Unidos e está presente também na Ásia, na Europa e na América Latina. Algumas organizações, como Breaking Free, Cross Over, Regeneration, Straight Ahead Ministries e Straight Path Ministries, são afiliadas ao Exodus. A organização afirma obter uma taxa de sucesso de 70% (<<http://www.exodusnorthamerica.org/>>).

- **Homosexuals Anonymous (HA)** – anteriormente conhecido como Quest, tem 38 agências nos EUA, uma no Canadá e uma na Austrália. Criaram um programa de 14 passos, similar ao dos Alcoólicos Anônimos. No website, atestam que “não existem homossexuais, apenas homens e mulheres criados por Deus na heterossexualidade e que, por causa do mundo fragmentado em que vivemos, estão confusos a respeito de sua identidade sexual” (<<http://www.ha-fs.org/>>).
- **Love in Action** – o pioneiro, com sede em Memphis, estado do Tennessee. Constitui-se de um programa em que cerca de dez pessoas passam 13 a 18 meses vivendo juntas numa comunidade, onde aprendem a se tornar heterossexuais (<<http://www.loveinaction.org/>>).
- **New Direction for Life Ministries of Canada** – sediado em Toronto, é o maior trabalho do gênero no país. Foi criado em 1985 e era chamado de New Beginnings Ministries até 1990. Eles se definem como “uma organização pró-pessoas, oferecendo suporte cristão a homens e mulheres que escolhem deixar a homossexualidade, ao equipar a igreja a ministrar efetiva e compassivamente” (<<http://www.newdirection.ca/>>).⁵⁸

Em princípio, a maioria desses trabalhos pregava que a conversão ao evangelho tinha poder para “reverter” a orientação sexual. Depois de muitos anos de jornada e de resultados não muito satisfatórios, boa parte hoje defende a possibilidade de mudança apenas de comportamento. A própria Exodus mudou de postura em 2012, quando seu presidente, Alan Chambers, anunciou oficialmente que a organização estava deixando de lado a chamada terapia reparativa:

Como presidente da Exodus International e, mais ainda, como líder cristão, é minha responsabilidade liderar com honestidade e transparência e compartilhar com vocês que não é só porque alguém se torna cristão que suas lutas vão

desaparecer. Isso não fará com que se vá para algum lugar em que nunca mais será tentado.⁵⁹

Muitos testemunhos de transformação interior podem ser encontrados em uma busca na internet ao digitar a palavra “ex-gay” ou similar. Os relatos incluem casos de travestis que se converteram pela força do evangelho e que agora pregam a Palavra de Deus em igrejas e ministérios específicos para prostitutas e garotos de programa.

Entretanto, testemunhos igualmente dramáticos surgem aos montes quando a palavra-chave é “ex-ex-gay”, uma categoria curiosa que reúne as pessoas que tentaram reverter sua homossexualidade, foram afetados emocionalmente pela experiência e acabaram desistindo.

Também é fácil encontrar exemplos, no Brasil, de indivíduos que afirmaram ter sido muito beneficiados pelo trabalho da Exodus e que atestam ter abandonado a prática homossexual.

A Exodus Brasil está presente no país há mais de dez anos e atua promovendo seminários curtos nas igrejas, para equipá-las com conteúdo específico sobre a homoafetividade. O psicólogo Denis Ferreira, um dos diretores da instituição, é uma das pessoas que dizem ter sido transformadas. Ele está convencido de que a homossexualidade é um comportamento construído e que, portanto, pode ser desconstruído. Em depoimento gravado durante uma palestra e disponível na internet, ele afirma: “É uma busca desesperada por afeto. Uma procura incansável por algo que faltou na infância, uma busca reparativa para alguma coisa que deveria ter sido dada à criança e não foi”.⁶⁰

Para Ferreira, a primeira dificuldade que um cristão enfrenta para deixar a homossexualidade é o preconceito da própria igreja, que não fala sobre o assunto. “A maioria acha que é falta de vergonha ou possessão demoníaca.”

Outro problema que ele aponta são as expectativas falsas sobre o processo de transformação, igrejas que dizem: “Venha para Jesus e seus problemas vão acabar. Venha para Jesus e pare de sofrer”. Ele afirma:

O sofrimento faz parte da vida humana. Mas as igrejas pregam isso, e a pessoa acha que vai deixar de ter lutas nessa área. Eu não acredito nisso. Deus é poderoso para isso, mas não há base bíblica para dizer que Deus vai acabar com suas lutas. Todo indivíduo luta contra alguma coisa. Também não vemos na Bíblia razões para achar que a homossexualidade é um pecado maior que a mentira, a fofoca e a inveja, que infelizmente a igreja cultiva no dia a dia.

Para Denis Ferreira, que tem experiência em aconselhamento nessa área, há pessoas que abandonaram o comportamento homossexual, mas que “matam um leão por dia” e que ainda enfrentam conflitos. Por outro lado, pelo poder do Espírito Santo de Deus, ele crê que essas pessoas hoje têm condição de dizer não a um apetite, “coisa que antes elas não tinham”.

Ele diz que, estatisticamente, esse grupo compõe um índice pequeno. Trata-se de um processo que pode levar a vida toda. “Mas nós entendemos que o convite para negar-se a si mesmo e tomar a cruz é para todos, incluindo os homossexuais. Jesus nos dá liberdade de fazer a coisa certa.”

Experiências traumáticas

Cristãos envolvidos nesses trabalhos creem que o celibato ainda é a opção mais coerente para aqueles que nutrem desejos homoeróticos, uma vez que já descobriram que o contato íntimo com o sexo oposto nunca conseguiu servir de antídoto contra a orientação homoafetiva.

Mas, antes de chegar a essas conclusões, muita água rolou por baixo da ponte, causando danos algumas vezes irreversíveis e não poucos suicídios. Psicólogos e pesquisadores envolvidos nesses trabalhos tentaram transformar seus pacientes gays usando métodos questionáveis, como tratamentos com drogas nauseantes, terapia da aversão (na qual utilizavam métodos usados pelos nazistas como dar choques elétricos em pessoas enquanto folheavam revistas pornográficas), castrações, injeções de estrógeno, hipnose, amputações e cirurgia cerebral (lobotomia). Essas técnicas foram, em geral, abandonadas a partir da segunda metade da década de 1970.

Trabalhos como os desenvolvidos pelos ministérios citados acima foram bombardeados pela mídia americana e postos em xeque muitas vezes pelas organizações LGBT, que se fortaleceram politicamente nos Estados Unidos a partir dos anos 1970. Representantes de entidades como Truth Wins Out especializaram-se em monitorar seu discurso e combatê-los, acusando-os de trabalhar em favor da direita republicana e de pôr em risco a integridade física e emocional de seus membros, ao encorajar práticas que não passam de “técnicas para suprimir sentimentos”.

A mudança de alguns líderes dessas ONGs para ex-gays também serviu de munição para seus opositores. Escândalos como o que envolveu um dos fundadores da Exodus, John Paulk, fotografado num bar gay de Washington algum tempo após publicar um livro onde descrevia como revertera sua homossexualidade, prejudicaram a causa.

John Evans, da Love in Action, também deixou o ministério e passou a combater os trabalhos para ex-gays depois que seu melhor amigo, Jack McIntyre, cometeu suicídio, desesperado por não ser capaz de superar sua condição.

Experiências traumáticas vividas por pessoas que foram alvo de tratamentos psicológicos para ex-gays levaram um grupo delas a organizar, em junho de 2007, em Irvine, na Califórnia, o seminário Conferência dos Sobreviventes Ex-Gay. Durante esse encontro, três ex-líderes da Exodus International – Michael Busse, Darlene Bogle e Jeremy Marks – desculpam-se publicamente pelo mal que podem ter causado a pessoas que eles pretendiam ajudar durante o trabalho na organização.

Minha mensagem antes era clara: ser gay é uma escolha e você pode e deve mudar se quiser ser um cristão. Eu me desculpo com os indivíduos e as famílias que acreditaram que a mensagem de mudança era necessária para ser aceitável diante de Deus. Eu me desculpo por apresentar um Deus de amor condicional. Meu coração se parte quando ouço as histórias de muitos homens e mulheres que se mataram porque não conseguiram mudar”, disse Darlene.⁶¹

Robert Spitzer, conceituado psiquiatra americano que estava na equipe responsável por retirar a homossexualidade da lista de doenças mentais, em 1973, escreveu um artigo quase três décadas depois que gerou um impacto na comunidade psiquiátrica e também na LGBT.

O professor da Universidade Columbia, que não é uma pessoa religiosa, acreditava que a orientação sexual de uma pessoa jamais poderia ser transformada. Em 2001, contudo, ele mudou de opinião. Spitzer publicou, na revista acadêmica *Archives of Sexual Behaviour*, um estudo científico sobre a terapia reparadora, que foi saudado por religiosos tradicionais.

Ao apresentar suas conclusões durante a abertura do Encontro Anual da Associação Americana de Psiquiatria (AAP), em maio daquele ano, Spitzer afirmou: “Pensava que um homossexual poderia resistir ou renunciar a esse comportamento, mas nunca mudar sua orientação. Eu agora acredito que isso não é verdade: algumas pessoas podem e realmente mudam”.

A pesquisa de Robert Spitzer teve forte repercussão na mídia. Era o estudo mais detalhado já feito sobre o assunto. No dia do encontro da AAP, o ambiente no local da conferência era tumultuado. Um grupo protestava, com cartazes que diziam: “Homossexuais podem mudar. Nós mudamos, pergunte a nós!”. Ou: “Não me force a um estilo de vida que estava me matando física e espiritualmente!”. Outros declaravam ainda: “A AAP nos traiu com sua ciência politicamente correta!”. Eles se referiam a uma decisão recente da Associação Americana de Psicologia de desencorajar publicamente as terapias para reverter a homossexualidade.

Na pesquisa, Spitzer entrevistou 200 pessoas que haviam experimentado mudanças significativas por um período mínimo de cinco anos. A maioria dos participantes do estudo fora recomendada por organizações cristãs, como a National Association of Research and Therapy of Homosexuality (NARTH) e a Exodus.

Os entrevistados disseram ao doutor Spitzer que a fé fora muito importante em sua decisão de mudança. Três quartos dos homens e metade

das mulheres afirmaram que haviam se casado com pessoas do sexo oposto. A maioria também reportou ter procurado um novo estilo de vida depois de lutar durante muito tempo com a culpa, por seus valores religiosos, ou então por sofrer por causa da promiscuidade e de viver sempre relacionamentos tempestuosos. Nos primeiros dois anos, informaram os pesquisados, o esforço não produziu resultados muito significativos. Passar por terapia e aprender algumas técnicas comportamentais foram de grande ajuda, segundo eles. Para surpresa do pesquisador, 67% dos homens reportaram ter atingido uma relação heterossexual boa e funcional após algum tempo. Eles afirmaram que raramente sentiram-se atraídos por outros homens depois do processo de conversão.

A conclusão de Spitzer caiu como uma bomba na mídia americana e acionou a militância LGBT. Ele declarou: “Algumas pessoas altamente motivadas, usando uma variedade de esforços para mudar, podem fazer mudanças substanciais em múltiplos indicadores da orientação sexual e atingir um bom funcionamento heterossexual”.⁶²

O médico acrescentou que a mudança implicava um processo contínuo e que seus estudos sugeriam que era incomum a transformação completa, que incluísse o fim das fantasias e da atração homossexual em algum grau. Ainda assim, ele observou que, mesmo não tendo modificado completamente a orientação sexual, os entrevistados reportavam melhora significativa na saúde emocional.

A Associação Americana de Psiquiatria fez um pronunciamento formal após a divulgação do estudo de Spitzer, afirmando que não sancionava as conclusões do especialista.

Entretanto, em maio de 2012, o jornal *The Guardian* informou que Spitzer enviou uma carta à *Archives of Sexual Behaviour*, retratando-se. Na carta, ele chamou seu estudo realizado onze anos antes de “fatalmente falho”.

“Eu também peço desculpas a qualquer gay que tenha desperdiçado tempo e energia tentando de alguma forma a terapia reparativa porque

acreditou que eu tinha provado que a terapia reparativa funciona.” Em outra entrevista, concedida ao jornal *The New York Times*, Spitzer disse: “É o único arrependimento que tenho, o único profissional. [...] Na história da psiquiatria não sei se eu já vi um cientista escrever uma carta dizendo que os dados estavam todos lá, mas foram totalmente mal interpretados”, admitiu.⁶³

57

Disponível

em:

<<http://mccchurch.org/download/miscellaneous/MCC%20FACT%20SHEET%20February%202013.pdf>>. Acesso em 7 set. de 2013.

58 Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=aDiYeJ_bsQo>.

59 Disponível em: <<http://www.christianpost.com/news/exodus-international-rejects-reparative-therapy-for-gays-77413/>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

60 Disponível em: <http://www.oneby1.org/ministry_partners.html>. Acesso em 25 jun. 2013.

61 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aDiYeJ_bsQo>. Acesso em: 25 jun. 2013.

62 Disponível em: <<http://www.narth.com/docs/spitzer2.html>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

63 Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/ofiltro/2012/05/20/psiquiatra-famoso-nos-eua-pede-desculpas-por-estudo-sobre-%E2%80%9Ccura%E2%80%9D-para-gays/>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

Mais perto quero estar, meu Deus, de Ti

Na ânsia de vencer a depressão, a solidão, o silencioso desespero, a alienação, a angústia, o isolamento, a frustração, a hipocrisia e o ódio contra si mesmos, muitos desistiram de tentar mudar. Depois de andar tempo demais cambaleando à beira de um precipício emocional, decidiram que o melhor era abaixar as armas.

Eles acreditavam que “sair do armário” seria abrir a janela que traria a luz da felicidade para dentro de sua vida. Descobriram, porém, que foi apenas o começo de uma nova batalha. Desta vez, contra o ressentimento dos pais e a discriminação de amigos e parentes, além da rejeição dos membros da igreja.

Enfrentar a discriminação é uma tarefa tão dura que a solução para muitos foi deixar para trás a comunidade religiosa da qual faziam parte. Na família, não poucos foram expulsos de casa ou postos na “geladeira”, uma forma sutil de assassinato. Ovelhas desgarradas, que nem por isso perderam a vontade de andar com Deus e na companhia de outros cristãos, muitos foram encontrar abrigo nas comunidades inclusivas, que advogam “o amor sem limites de Jesus Cristo por lésbicas, gays, travestis e transgêneros”.

O pensamento dos líderes dessas comunidades era um mistério e uma enorme curiosidade para mim. Em que bases teológicas teriam construído seus ministérios? Como seria sua liturgia? Seria como uma balada LGBT gospel, com músicas evangélicas dançantes e uma atmosfera sensual, onde todos se abraçavam e entravam em êxtase?

Também era difícil imaginar como conciliavam sua fé liberal às passagens bíblicas explícitas e radicalmente contrárias à prática homossexual. Como

reagem, por exemplo, a este versículo, que está na primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios: “Não vos enganeis: nem os impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus” (1Co 6,9,10).

Mais uma vez, eu me tornara um grande ponto de interrogação. Na procura pelas respostas, visitei uma igreja inclusiva localizada na Praia de Botafogo, no Rio de Janeiro: a Igreja Betel. Ali, uma enorme surpresa me aguardava.

Bancos de madeira de lei sólidos e escuros conferiam ao pequeno salão ares de igreja do interior. As pessoas conversavam enquanto um jovem dedilhava no piano a melodia de uma bonita canção, cuja letra diz: “Não existe nada melhor do que ser amigo de Deus”.

O pianista parecia sereno e focado. Vestia uma camiseta amarela, enfeitada por lantejoulas da mesma cor nos ombros, e isso era tudo o que eu conseguia ver dele de onde eu estava. Os acordes eram relaxantes, e eu esperava, ainda meio tensa, pelo início do culto. Havia cerca de trinta pessoas reunidas, a maioria homens.

O pastor entrou atrasado. Trajava uma túnica sacerdotal comprida branca e azul. Começou a ler um boletim de quatro páginas, apresentando o cerimonial da noite, as passagens bíblicas selecionadas e os avisos sobre a programação da semana. Todos se aquietaram e o ouviram atentamente. Alguns jovens usavam camisetas com os dizeres “Pela graça de Deus sou o que sou”, paráfrase de uma passagem bíblica tirada do mesmo livro de Coríntios.

O reverendo passou então à leitura de um salmo, e os fiéis o acompanharam, em voz alta: “Todos os dias te bendirei, e louvarei o teu nome para todo o sempre” (Sl 145,2).

O pianista voltou com seus dedos leves, e todos, juntos, começamos a cantar. Eu, que esperara presenciar algum tipo de orgia gospel, acabei sendo

presenteada com um coro sóbrio de vozes masculinas, que declarava as estrofes de um antigo hino:

Mais perto quero estar,
meu Deus, de ti,
ainda que seja a dor
que me una a ti.

Ideias incômodas

A Igreja Betel é vinculada às Metropolitan Community Churches, fundadas por Troy Perry, e se define como “protestante, reformada e inclusiva”. Instalada na sobreloja de um prédio residencial na Praia de Botafogo, é uma dentre as 28 comunidades inclusivas formalmente nomeadas e ligadas a quatro grandes igrejas instaladas no Brasil. Os números são aproximados, pois não há estatísticas precisas. A Betel tem cerca de 120 membros, que dificilmente aparecem juntos no mesmo culto; a alternância faz das reuniões lugar de encontro em geral de 50 a 60 pessoas, no máximo.

O pastor Márcio Retamero lidera essa pequena comunidade desde que foi criada, em 2006. Formado em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro e pós-graduado em História Moderna, ele é o único homossexual a integrar, como pessoa física, a Aliança de Batistas do Brasil, organização de igrejas e pessoas físicas de caráter ecumênico. Por ser uma voz respeitada, ele tem servido de ponte entre a comunidade gay e a Igreja tradicional.

O pastor vem de uma longa linhagem de batistas – o tataravô, o bisavô e o avô foram todos pastores antes dele. Por essa razão, assumir sua identidade sexual teve o efeito de uma bomba nuclear no seio da família. “Fiquei dez anos sem poder conversar com minha mãe. Fui expulso de casa, perdi minha família inteira. Na família de meu pai foi um problema, porque meu avô, que era pastor, me acolheu, mas meus primos não iam mais à casa dele para evitar que seus filhos ‘pegassem a minha doença’”, conta.

O avô o consolava, dizendo que ele tinha nascido daquele jeito. Seu pai também lhe falava que sabia que ele era gay desde que tinha três anos. Eu trazia muitas questões na bagagem. Mas, logo que fiz a primeira pergunta, Márcio antecipou-se, e resumiu a complexidade do assunto com um argumento que normalmente é utilizado pelo espiritismo kardecista: “A Bíblia não é a Palavra de Deus”. E completou: “A Palavra de Deus é Jesus Cristo”.

Meus modestos conhecimentos de Teologia me levaram a supor que eu podia entender o que ele acabara de dizer. O pastor se referia, eu imaginei, à passagem do evangelho de João em que o discípulo amado de Jesus afirma que “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós” (Jo 1,14, NVI). Ou seja, Jesus Cristo, a Palavra de Deus.

Entretanto, meu pequeno repertório teológico também me permitia deduzir que aquela declaração tinha implicações apologéticas profundas. Eu sabia que grandes pensadores haviam produzido livros e mais livros a respeito do significado da Bíblia e que várias correntes teológicas disputavam sobre qual seria a maneira mais acertada de ler e interpretar as Sagradas Escrituras.

O que, então, o pastor Márcio queria exatamente dizer com suas afirmações? Ao dizer que a mensagem de Deus está sintetizada na pessoa de Jesus, será que ele desconsiderava todo o legado “constitucional” anterior a Cristo? Será que ele acreditava que a Lei de Moisés não era mais válida para os cristãos?

Márcio continuou sua argumentação. A Bíblia, disse, é um livro que foi construído ao longo do tempo, dentro de um contexto social e num território geográfico, e que precisa ser lido sempre de forma crítica, de maneira a não perpetuar “loucuras”.

“Em nome da Bíblia, negros foram escravizados, guerras declaradas e ainda hoje se oprimem mulheres, forçando-as à submissão”, disse. “Além disso, os fundamentalistas só aplicam aquilo que lhes interessa. Quando a Bíblia diz que a mulher tem que usar véu, eles dizem: ‘Ah, mas isso tem que

ser contextualizado'. Então por que não contextualizam os gays também?", completou.

Márcio, defensor da também chamada Teologia Revisionista, acredita que cada passagem das Escrituras Sagradas precisa ser lida à luz de seu tempo e lugar.

Como seria, então, a leitura contextualizada da passagem mencionada anteriormente, a de 1Coríntios 6,9-10, em que o apóstolo Paulo afirma que os efeminados e sodomitas não herdarão o reino de Deus? Ele responde que a melhor tradução que conhecia desse texto estava na Bíblia *A mensagem*, uma adaptação do teólogo e pastor Eugene Peterson. "É uma Bíblia inclusiva", defende.

Peterson, que é tido como um pastor moderado, traduziu desta forma a passagem de Coríntios: "Não percebem que este não é o caminho de se viver? Os injustos, que não se preocupam com Deus, não farão parte de seu Reino. Quem usa e abusa das pessoas, do sexo, da terra e de tudo o que nela existe não se qualifica como cidadão do Reino de Deus. Estou falando de libertinagem heterossexual, devassidão homossexual, idolatria, ganância e vícios destruidores".

Márcio usa essa adaptação para argumentar que o que está em questão nessa passagem é a "devassidão homossexual". Assim, um heterossexual poderia ser devasso, e um homossexual, fiel a um único companheiro. O pastor opina que a tradução da Bíblia é sempre ideológica e, em geral, "machista e homofóbica". "Por isso, nós temos de contextualizá-la. Lê-la de maneira solta, fora de contexto, é porta aberta para todo tipo de mazela, é um grave erro. A Igreja e a religião já machucaram muita gente. E continuam machucando e matando. Matar não é só o ato de tirar a vida de alguém pelo sangue, mas desabonar, desprezar", teoriza.

Segundo essa visão, um relacionamento homossexual monogâmico, marcado por amor e respeito e no qual a fidelidade entre as partes seja uma premissa, não constituiria uma situação condenável aos olhos de Deus. Essa

linha de pensamento defende que o que não combina com Deus é devassidão, adultério e prostituição. “Mas se você é um homem que ama o Senhor, que ama Sua Palavra e procura viver uma vida de acordo com os valores do Reino, por que não pode, se a própria Bíblia não o condena?”

Perguntei, então, como seria, segundo essa ótica, a melhor maneira de ler o primeiro capítulo da carta de Paulo aos Romanos, uma passagem bíblica igualmente contundente. Ela diz:

Porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, inflamaram-se mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição de seu erro. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, perversos, sem afeição natural e sem misericórdia.

Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem (Rm 1,26-32).

Pastor Márcio defende seu ponto de vista, dizendo que, nessa passagem, Paulo estaria se referindo ao culto idolátrico, próprio da sociedade romana, um ritual que incluía o sexo cúltico praticado entre homens e entre mulheres para agradar a divindade. Assim, o que estaria sendo condenado ali seria a idolatria e sua devassidão ritual. Ele defende:

Infelizmente, quando você assume a homossexualidade, passa a ser visto como uma genitália. Deixa de ser uma pessoa e é reduzido a um órgão sexual. Isso é uma crueldade enorme! É a mesma coisa que matar a pessoa. Sou homossexual sim, mas também sou filho, irmão, tio, teólogo, historiador, sobrinho, amigo, companheiro, namorado. A questão não está na genitália, mas no afeto, na mente e no coração. A pessoa não é heterossexual porque transa com alguém

de outro sexo, mas porque a ama. Eu não sou homossexual porque transo com outro homem, mas porque sou capaz de amar uma pessoa do mesmo sexo. É por isso que eu não acredito em ex-gays. Acredito em gays em abstinência, porque a afetividade permanece.

Ao ouvir aquilo, entendi que ele apresentaria uma releitura racional para cada um dos versículos que eu mencionasse. Refleti que, ao pensar assim, ele colocava toda a Bíblia *sub judice*. Para um cristão que acredita na inerrância das Escrituras, parecia um terreno perigoso. Questionei o pastor Márcio sobre a existência de pressupostos imutáveis, como o pecado. Ele respondeu:

Pecado, literalmente, do grego, significa errar o alvo. E qual é esse alvo? Aquele que foi proposto por Jesus, e não por Moisés, porque nós somos cristãos, e não mosaicos. O pecado, na verdade, é uma questão mais ética do que comportamental. As antigas teologias colocam muitas coisas no campo do comportamento: pecado é beber, fumar, usar brinco, usar maquiagem. Falar mal dos outros não é pecado. Agir com desamor, expulsar adolescentes grávidas da igreja não é pecado. Marido espancar a esposa não é pecado. Precisamos rever tudo, todos os conceitos teológicos são passíveis de resignificação. É preciso lembrar que Jesus é a Palavra de Deus. A Bíblia é uma revelação progressiva de Deus ao homem, mas é Jesus o Deus encarnado, a “face humana de Deus”.

Márcio Retamero foi além. Ele citou o teólogo neo-ortodoxo Karl Barth:

Nós nem sabemos ao certo se Deus de fato é amoroso ou hostil. Porque, como disse Barth, Deus é o “Totalmente Outro”. Aquele que quer se relacionar com Deus deve relacionar-se a partir da pessoa de Jesus Cristo, porque é o que de Deus podemos conhecer. É por isso que ele mesmo disse “eu sou o caminho”. Foi ele quem resumiu a Lei no amor a Deus sobre todas as coisas e no amor ao próximo. Fora disso, é pecado.

Como meus conhecimentos teológicos são limitados e eu não tinha bagagem suficiente, não podia julgar se ele estava incorrendo em alguma heresia ao afirmar todas aquelas coisas. O pastor tinha pressa, porque o culto

já ia começar. Tentei mudar o foco e perguntei como fora a reação externa quando começou aquele trabalho em Botafogo. Ele me respondeu que recebia ameaças de morte por telefone ou pela internet, sempre de homens, que ligavam para dizer que ele era servo do demônio, pastor do diabo, que não era crente coisa nenhuma. Apesar disso, pastor Márcio afirmou que não tinha medo de morrer e citou o apóstolo Paulo em Filipenses 1,21: “Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro”. Afirmou:

Enquanto Ele me der forças e discernimento vou continuar fazendo o que estou fazendo. “Não tenham medo dos que matam o corpo”, disse Jesus. Eu temo somente ao meu Senhor, e foi Ele quem me deu uma palavra para resgatar e curar vidas. Louvado seja Deus se um dia eu perder a minha vida em nome de Jesus. Como disse Tertuliano, “o sangue dos mártires é a semente da Igreja”. O solo brasileiro está encharcado do sangue do meu povo, as lésbicas, os homossexuais, as travestis, o ser humano pelo qual Jesus despiu-se de sua glória e veio resgatar. O povo LGBT em especial. Eu tenho muito forte esse senso de chamado.

O pastor terminou nossa rápida conversa com outro comentário desconcertante:

Algumas igrejas tradicionais estão fazendo esta inclusão, acolhendo essas pessoas. É uma inclusão imperfeita, que ainda mantém invisíveis os homossexuais. Mas é um tipo de inclusão. Sou a favor da inclusão radical. Entre nós convivem heterossexuais, bissexuais, homossexuais, travestis, pessoas que estão enjoadas da Teologia da Prosperidade, que não aguentam mais a opressão e a hipocrisia em nome de Deus. Que não querem mais ser machucadas e estão redescobrando a fé com base nessa releitura bíblica. Nós, da igreja inclusiva, somos a nova reforma protestante.

A caminho do aeroporto, havia em minha cabeça o eco de uma única pergunta, que eu ficava dirigindo incessantemente ao Eterno: “Por que, Deus, eles não poderiam entrar no teu Reino?”. Eu revirava meus arquivos internos em busca de *inputs* teológicos que me permitissem concordar com o pastor Márcio. Era como se eu quisesse convencer o Altíssimo de que não

havia razão para deixá-los de fora. Como se meu amor por aqueles desconhecidos pudesse ser maior que o Dele.

Jesus disse com todas as letras que aquele que se casasse com uma mulher divorciada seria considerado adúltero. Mas muitas igrejas tradicionais, ao longo do tempo, fizeram a releitura desse mandamento. Todos os casais que se divorciaram e se casaram pela segunda vez então também seriam condenados ao inferno?

E quanto à liderança feminina? O apóstolo Paulo opôs-se visceralmente às mulheres em posição de autoridade na Igreja. Não podiam nem sequer abrir a boca durante o culto, tinham que ficar caladas, ele ordenou, na epístola aos Coríntios. Todas as pastoras evangélicas, as “bispas” e “profetisas” encontravam-se, portanto, em estado de rebelião contra uma ordem divina?

O fantasma de Karl Barth também apareceu para debater. “O ser humano perde-se primeiro em si mesmo, presa de sua própria conduta, e pela criação (e adoração) do não-Deus.” O grande teólogo não dissera que, desde a queda, o homem, na ânsia de ser como Deus, onipotente, acabava criando para si um pequeno Deus, feito à sua imagem, e que dispensava o Deus verdadeiro?⁶⁴

Lá estava eu naquele táxi, com mais perguntas na volta do que quando chegara. E com as vozes masculinas da melodia ainda ressoando em meus ouvidos.

Mais perto quero estar,
meu Deus, de ti,
ainda que seja a dor
que me una a ti.

64 Barth escreveu, em seu comentário da carta de Paulo aos Romanos: “Quando o homem se torna o seu próprio Deus, precisa criar o ídolo [para representar a sua criação], pois, elevando o ídolo em honra, honrar-se-á a si mesmo como o criador da [tão honrada] imagem [e portanto digno de honra ainda mais alta]” (BARTH, K. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 53).

A teologia inclusiva, ponto por ponto

A maioria dos adeptos da teologia inclusiva mantém uma visão ortodoxa sobre os fundamentos da fé cristã, doutrinas como a da Trindade, da concepção virginal de Jesus Cristo, sua morte e ressurreição. As divergências se aplicam basicamente às questões referentes à sexualidade.

Alguns desses teólogos, contudo, rejeitam todos esses conceitos fundamentais, negando inclusive o que atesta a inerrância da Bíblia como Palavra relevada de Deus aos homens. Com isso, aproximam-se do liberalismo teológico proposto por expoentes como Friedrich Schleiermacher, Ernst Troeschl e Rudolph Bultmann.

Uma pesquisa pela expressão *gay theology* no website da Amazon realizada no dia 27 de dezembro de 2011 encontrou nada menos que 682 livros sobre o assunto. Há farta bibliografia para dar suporte ou para rebater essa corrente, que faz uma releitura heterodoxa das Escrituras e confere às passagens críticas um tom “pró-homo”. O reverendo Jack Rogers, por exemplo, afirma:

A maioria dos cristãos aprendeu que a Bíblia condena todo tipo de relacionamento homossexual. Essa visão está simplesmente incorreta. Por centenas de anos a Bíblia tem sido usada inapropriadamente para oprimir as pessoas que são homossexuais.⁶⁵

Rogers é um dos teólogos protestantes a validar a teologia inclusiva, ao lado do pastor Mel White, do historiador da Universidade Yale John Boswell (morto em decorrência da Aids), do pastor batista Peter J. Gomes,

da Universidade Harvard, e do bispo episcopal John Shelby Spong, do *Tex Sample of United Methodist St. Paul School of Theology*. Com exceção de Spong, que é casado e pai de três filhos, todos assumiram sua homossexualidade.

Jack Rogers é pastor presbiteriano e professor emérito do *San Francisco Theological Seminary*. Ele relata no livro que decidiu aprofundar-se no estudo das passagens controversas levado por uma onda liberal que chegou à sociedade americana e às suas igrejas. Segundo o Censo de 2000, existem mais de 594 mil famílias nos Estados Unidos lideradas por casais do mesmo sexo. Rogers explica em seu livro que, após debruçar-se sobre o tema, passou por uma mudança de compreensão:

Nunca estudei, de fato, a questão sobre o *status*, na Igreja, dos homossexuais. Oponha-me à homossexualidade reflexivamente – era o que achava que os cristãos deveriam fazer. Entretanto, estudar esse tema em profundidade pela primeira vez me levou a um novo entendimento dos textos bíblicos e da vontade de Deus para nossa igreja. O processo foi, igualmente, muito sério e doloroso. Não fui levado pela cultura ou pressionado por colegas da Academia. Mudei de opinião, a princípio, ao voltar à Bíblia e considerar seriamente sua mensagem central para nossa vida.

Em outro trecho, afirma ter formado uma nova convicção ao refletir sobre como a Igreja foi mudando de visão a respeito de outras questões morais ao longo dos tempos, revertendo, por exemplo, a proibição de ordenar negros, mulheres e divorciados que se casaram novamente:

Vi um quadro claro de mudança de um método literalista de interpretação bíblica para outro que olha as Escrituras com as lentes da vida redimida pelo ministério de Jesus Cristo. Estudei os princípios da interpretação bíblica encontrados e nossas confissões reformadas e descobri uma continuidade através da história até nossas melhores práticas no presente. Eu lutei com os textos bíblicos usualmente citados nesta discussão e cheguei a um novo entendimento sobre eles.⁶⁶

Movimento global e ideológico

As opiniões de Rogers sobre a questão, no entanto, estão muito distantes de ser uma unanimidade. Perseguido por defender a posição tradicional em uma igreja anglicana que rachou por causa da questão na década de 1990, dom Robinson Cavalcanti, arcebispo da Diocese de Olinda, em Recife, da Igreja Anglicana do Cone Sul da América, acreditava haver dois grupos diferenciados nesse debate.

Em uma entrevista que concedeu para a realização deste livro, em junho de 2011, dom Robinson, morto em 2012, afirmou que a visão desses estudiosos sobre a homossexualidade se insere num movimento cultural global de caráter ideológico. Ele disse que a Igreja deveria ter uma atitude “profundamente amorosa” em relação aos indivíduos gays e a favor de seus direitos de cidadania, incluindo a figura jurídica da união civil estável. Mas discordou veementemente da releitura dos teólogos revisionistas e condenou o que chamou de “calvinismo erótico” ou “predestinação erótica”, isto é, “a impossibilidade de reversão e a proibição de qualquer esforço terapêutico para ajudar os gays, mesmo que a pessoa queira. Isso é ideológico”, afirmou.

Dom Robinson explicou que o primeiro grupo é formado pelos defensores da teologia liberal, para quem a Bíblia não é a Palavra de Deus, mas apenas um livro de tradição judaica e que, portanto “pode ser desconstruído antropologicamente; a própria Igreja Anglicana Brasileira afirma que a Bíblia é um livro útil para devoção privada e para uso litúrgico público, mas não deve ser fonte de doutrina e de ética”. O outro grupo teria uma tradição mais conservadora, que tenta fazer uma releitura das passagens.

“Ocorre que você tem uma tradição de cinco mil anos de história judaico-cristã-islâmica e até agora não havia surgido nenhum teólogo, nenhum exegeta que tivesse feito outra leitura desses textos. De Abraão até o século XX não houve releituras. De repente, surge um grupo que teve uma iluminação”, ironizou. “A Igreja teve os pais apostólicos, os pais da Igreja, os reformadores, a filosofia oriental ortodoxa, e ninguém nunca viu isso. Mas

agora chegam os americanos e fazem uma releitura. Trata-se de uma grande pirueta teológica”, concluiu.

Os teólogos da corrente inclusiva em geral veem os versículos condenatórios à homossexualidade como parte de um contexto social e religioso rígido e já prescrito. Eles costumam dizer que, quando o enfoque é a homoafetividade, propriamente, a Bíblia não se pronuncia.

Além disso, quando perguntei a um pastor gay de uma igreja em São Paulo por que Jesus Cristo nunca havia abordado diretamente a questão da homossexualidade, nem por que inexistia registro de que tivesse se encontrado com uma pessoa gay, ele defendeu a teoria de que o centurião romano que recorre a Jesus para curar um servo gravemente enfermo, como descrito na passagem de Mateus 8,5-13, seria homossexual.

Ele embasou essa especulação na teoria de que nenhum homem de autoridade em Roma, naquele tempo, se daria ao trabalho de buscar ajuda para um empregado se não mantivesse um relacionamento afetivo e íntimo com ele. Em minhas conversas com outros pastores gays, todos citaram a mesma passagem, concordando com essa interpretação.

Mas não há nada no texto que indique isso. Poderia tratar-se, como a Igreja entendeu sem nenhuma outra leitura ao longo de dois milênios, simplesmente de um militar romano capaz de amar fraternalmente um empregado a ponto de querer zelar por sua saúde.

Amor fraterno

Há quem acredite, ainda, que a amizade descrita no Antigo Testamento entre Davi e Jônatas tinha um tom explicitamente homoerótico. Argumentam principalmente com base nos seguintes textos (da versão Almeida Corrigida e Revisada):

E sucedeu que, acabando ele de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi; e Jônatas o amou, como a sua própria alma (1 Sm 18,1).

Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; quão amabilíssimo me eras! Mais maravilhoso me era teu amor do que o amor das mulheres. (2 Sm 1,26)

Depois que o menino se foi, Davi saiu do lado sul da pedra e se inclinou três vezes perante Jônatas, com o rosto no chão. Então, despediram-se, beijando um ao outro e chorando; Davi chorou ainda mais do que Jônatas (1 Sm 20,41).

Cabe lembrar que a Nova Versão Internacional (NVI) da Bíblia, publicada no Brasil em 2003, mostra o texto com um enfoque diferente com relação à natureza do relacionamento entre Davi e Jônatas. A NVI conta na comissão de tradução (liderada pelo pastor Luiz Sayão) com teólogos extremamente respeitados no país, como Abraão de Almeida, Carlos Osvaldo Pinto, Martin Weingaertner, Russell Shedd e Antônio Gilberto. Vejamos as mesmas passagens na NVI:

Depois dessa conversa de Davi com Saul, surgiu tão grande amizade entre Jônatas e Davi que Jônatas tornou-se seu melhor amigo. (1 Sm 18,1)

Como estou triste por você, Jônatas, meu irmão! Como lhe queria bem! Sua amizade me era mais preciosa que o amor das mulheres! (2 Sm 1,26)

Depois que o menino se foi, Davi saiu do lado sul da pedra e se inclinou três vezes perante Jônatas, com o rosto no chão. Então, despediram-se, beijando um ao outro e chorando; Davi chorou ainda mais do que Jônatas (1 Sm 20).

Esses versículos, tirados dos dois livros do profeta Samuel, no Antigo Testamento, e a própria narrativa da história de Davi e Saul, comprovam que havia, sem dúvida, um vínculo afetivo fortíssimo entre o futuro rei de Israel e o filho de Saul, Jônatas.

Ocorre que, como ensinou o pastor Márcio Retamero, toda leitura deve ser feita a partir de seu contexto histórico. E Davi e Jônatas estavam inseridos numa sociedade que punia a prática homossexual com morte por apedrejamento. Nenhum homem teria sido ungido rei sobre Israel, como fora Davi, se sua sexualidade afrontasse a Lei de Moisés tão acintosamente. Além disso, a Bíblia conta que Davi teve sete esposas e muitas concubinas (estudiosos estimam que chegaram a 80). Relata ainda, numa passagem bem

conhecida, que o pecado que fez Deus voltar-se contra ele foi justamente o adultério seguido de assassinato. Davi deitou-se com a mulher de um subordinado e depois tramou a morte dele durante uma batalha. Talvez, se tivéssemos de atribuir um pecado mortal ao grande rei de Israel, o mais adequado fosse a luxúria.

Ao erotizar o relacionamento de Davi e Jônatas, os teólogos gays desconsideram a capacidade dos homens de se amarem, admirarem e respeitarem mutuamente, como irmãos. Não seria esta uma atitude discriminatória, partindo justamente de uma minoria tão discriminada?

É como escreve o pastor Valdeci dos Santos, da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo:

A divergência entre o cristianismo e o movimento homossexual, como em qualquer outro campo da ética sexual, é primariamente hermenêutica. A argumentação teológica gay pode ser resumida na alegação de que a Bíblia, se compreendida “adequadamente”, não condena a homossexualidade em si. Todavia, a menos que a hermenêutica usada seja séria e consistente, cada intérprete chegará à conclusão que desejar no estudo das Escrituras. Como ressalta Dallas, “é só torcer as Escrituras o suficiente e você pode fazê-la parecer dizer qualquer coisa que queira”.⁶⁷

Para dar suporte aos que têm interesse em se aprofundar nesse tema, apresento a seguir um resumo dos principais pontos que contrapõem a teologia cristã reformada da vertente inclusiva e pró-homossexualidade.

As respostas são um apanhado a partir de fontes diversas. O PhD em Teologia Carlos Osvaldo Pinto muito me ajudou com um artigo, publicado por ele, em março de 1995, na revista *Vox Scripturae*, que contém praticamente todas as explicações que eu procurava. E em detalhes. O texto, intitulado “A questão do homossexualismo”, é assinado a quatro mãos com o linguista e mestre em hebraico Luiz Sayão, que, além do trabalho com a Nova Versão Internacional, também participou da equipe da Bíblia *A mensagem*.⁶⁸

O debate se dá em torno de nove passagens da Bíblia que são usadas como base para condenar a homossexualidade: Gênesis 1,27; Gênesis 19,1-29; Juízes 19,1-30; Levítico 18,1-30; Levítico 20,1-27; 1Coríntios 6,9-17; 1Timóteo 1,3-13; Judas 25 e Romanos 1.

Vamos nos ater aos principais textos e suas leituras:

1. Macho e fêmea (Gn 1,27)

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem e semelhança, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

A teologia gay concorda com os que afirmam que Deus criou Adão e Eva, um casal heterossexual. Diz que homossexuais ou são homens ou mulheres, com a diferença de que são atraídos afetivamente por pessoas do mesmo

gênero. Esses teólogos, porém, argumentam que o relato do Gênesis descreve uma condição majoritária, mas não única. Afirmam que, em Gênesis, havia a necessidade premente de cumprir uma ordem divina, a saber, a multiplicação da espécie para povoar a terra. Sobre isso, Jack Rogers escreve:

A sexualidade humana é algo complexo e vai além das noções de masculino e feminino, vai além da noção de homem e mulher. No ato da criação, observamos uma das principais funções dos seres humanos naquele momento: a procriação e o povoamento da Terra. “E Deus os abençoou e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a...” (Gn 1,28a). Diante desse fato, concluímos que o texto de Gênesis é uma descrição do que se vê como padrão para a maioria, e não uma prescrição daquilo que deve ser obedecido por todas as pessoas [...] Da mesma forma, surgem outras questões: será que os que escolhem permanecer solteiros estão em pecado por não se casarem? (“Deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher...”, Gn 2,24). Será que as pessoas inférteis estão em pecado por sua incapacidade de gerar filhos e encher a Terra? Certamente que não. O contexto envolvido na criação é único, a realidade atual é um outro, bem diferente daquele. Transportar a descrição do Gênesis como regra para os dias atuais seria uma

incoerência. Deve-se levar em conta, também, o fato de que a Bíblia foi escrita em um contexto patriarcal, culturalmente heterossexualista.

Em resposta, a teologia reformada explica que a criação divina estabelece a monogamia heterossexual como norma para a humanidade. Em Gênesis 2,24, por exemplo, está a definição bíblica para o casamento (“Portanto, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher, e eles se tornarão uma só carne”). Sobre isso, o respeitado pastor anglicano e teólogo John Stott, falecido em 2012, afirma que:

Vemos que a única experiência de “uma só carne” pretendida e aprovada por Deus é o casamento monogâmico, permanente e heterossexual. É importante lembrar que Jesus citou esse verso. Ele disse: “Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez, e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois em uma só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”. O que foi que Deus uniu? Resposta: macho e fêmea. Jesus bancou a união macho/fêmea por meio do casamento.⁶⁹

2. Sodoma e Gomorra (Gn 19,1-29)

Sodoma é uma de cinco cidades dos tempos antigos cujas ruínas milenares estão hoje submersas na região sul do Mar Morto, no território de Israel. O livro do Gênesis narra quando Deus determina a destruição de duas cidades onde imperava a maldade, a violência e a devassidão. Ele manda dois anjos, em forma humana, avisar o justo Ló e sua família do que estava para acontecer, a fim de livrá-los dali. Ló os acolhe, oferece-lhes refeição e pouso.

Ao saber da presença de estrangeiros na casa de Ló, os sodomenses tentam invadi-la, pois queriam, segundo a leitura convencional da passagem, “conhecer”, ou seja, ter relações sexuais com eles. Assustado, Ló oferece suas duas filhas virgens no lugar. Mas a turba furiosa as recusa. Os anjos então ferem os invasores com uma cegueira sobrenatural e, em seguida, tiram Ló e sua família da cidade. Sodoma e Gomorra são completamente destruídas com fogo e enxofre que descem do céu na manhã seguinte.

A teologia inclusiva afirma que o pecado de Sodoma não era a homossexualidade, mas a falta de hospitalidade. Estuprar estrangeiros seria uma prática comum da Antiguidade, usada para humilhar e subjugar o inimigo. Representantes dessa linha teológica afirmam que nem mesmo Ló pensava que a multidão violenta fosse composta por homossexuais, tanto que oferece mulheres para satisfazê-los.

Esses estudiosos também se valem de Ezequiel 16,49 para reforçar essa teoria, no qual se lê: “Eis que essa foi a iniquidade de Sodoma, fartura de pão e próspera ociosidade teve ela e suas filhas, mas nunca amparou o pobre e o necessitado”. Esse texto revela que a cidade era habitada por gente egoísta, que não se importava com a população socialmente mais vulnerável.

Ganância, prosperidade egocêntrica e falta de solidariedade com os destituídos, ausência de interesse por justiça social e de preocupação com os viajantes numa cultura nômade, onde ser hospitaleiro era um dos traços de generosidade mais importantes: esses seriam, em resumo, os grandes pecados que os teólogos gays atribuem a Sodoma e Gomorra.

O artigo de Carlos Osvaldo e Luiz Sayão, contudo, explica que o verbo conhecer (do hebraico *yada*), usado para definir o que a turba pretendia fazer com os anjos, é empregado 929 vezes no Antigo Testamento. Seu sentido normal e frequente é conhecer, notar, observar, perceber. Ainda assim, argumentam os teólogos:

O sentido majoritário de um termo não é o que determina seu significado em um contexto qualquer. [...] Em Gênesis, o verbo ocorre apenas 12 vezes e em 10 delas tem o sentido indiscutível de relacionamento sexual. Além do mais, as palavras de Ló com respeito a suas filhas, “que não conheceram homem” (“virgens”, em outra versão) seriam puro *nonsense* caso o exegeta optasse pelo sentido mais comum do verbo.⁷⁰

Os pesquisadores observam ainda que os que advogam apenas “uma inocente falta de cortesia” por parte da população de Sodoma ignoram a passagem de Judas,⁷¹ que diz: “De modo semelhante a estes, Sodoma e

Gomorra e as cidades em redor se entregaram à imoralidade e a relações sexuais antinaturais. Estando sob o castigo do fogo eterno, elas servem de exemplo”.

Segundo o artigo, a expressão “relações sexuais antinaturais”, do grego, pode ser melhor traduzida como “ir após outra carne” e “praticar imoralidade grosseira”. “A culpa dos moradores de Sodoma e Gomorra não pode ser limitada à falta de civismo e hospitalidade, exceto às custas da integridade exegética do intérprete”, concluem os autores.

3. O Código de Santidade (Lv 18,22; 20,13)

Com homem não te deitarás, como se fosse mulher: é abominação. Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse com mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles.

Os defensores da homossexualidade afirmam que essas regras se restringem ao chamado Código de Santidade, a lista que visava somente à preparação para o ritual religioso, e não definia uma ética social. Eles acrescentam que essas e outras proibições da Torá foram revogadas quando da vinda de Jesus Cristo, que foi o único capaz de cumprir toda a Lei. Carlos Osvaldo Pinto e Luiz Sayão rebatem:

Só mesmo quem presume (e impõe ao texto do AT) uma completa dicotomia entre o movimento profético e a tradição sacerdotal em Israel aceitará que o Código de Santidade (cujos limites textuais são difíceis de definir) não contém implicações éticas. [...] Só mesmo quem tem motivos ulteriores para eliminar o conceito da reprovação bíblica para a homossexualidade diria que a ausência de menções específicas nos escritos proféticos demonstra que os guardiões da moral israelita não viam na prática um problema ético [...] Sob a ótica revisionista, então, a prostituição, o adultério e a bestialidade (relações sexuais com animais) são atitudes que também não teriam implicações éticas, já que estão inseridas no mesmo código de conduta feito para garantir a pureza ritual religiosa. [...] A teoria de que a Lei terminou com a vinda de Cristo e que, portanto, qualquer proibição veterotestamentária foi ab-rogada revela

insensibilidade teológica muito grande. [...] O princípio que governa a proibição à homossexualidade também se percebe na revelação geral.⁷²

4. Apenas amigos? (1Sm 18,3-4; 2Sm 1,26)

As passagens, mencionadas anteriormente, tratam da amizade entre Davi e Jônatas. Carlos Osvaldo Pinto e Luiz Sayão escrevem que três passagens bíblicas indicam que Jônatas era casado e sexualmente ativo.⁷³ Poderia ter havido episódios de homossexualidade entre os dois, ou quem sabe seriam eles bissexuais? Os autores acham muito pouco provável.

Várias narrativas do Antigo Testamento expõem claramente as falhas morais de alguns heróis bíblicos, como o profeta Eli, que é apresentado como péssimo pai; Samuel, íntegro como profeta e juiz, porém falho também como pai; o rei Saul, que, embora tenha tido um começo de carreira auspicioso, termina a vida de maneira trágica; e o próprio Davi, que, apesar de ser chamado pela Bíblia de “homem segundo o coração de Deus” por sua devoção e sinceridade de culto, tem todas as suas mazelas, seja como adúltero, seja como mandante de assassinato, seja como pai ausente e fraco, detalhadamente expostas nas páginas das Escrituras. “Tivesse ocorrido em sua vida uma ocasião em que a Lei de Moisés tivesse sido tão flagrantemente desobedecida quanto num episódio homossexual, o historiador não a teria deixado passar em branco”, escrevem os autores.

5. Quem entra no Reino? (1Co 6,9-10)

Ou não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o Reino de Deus.

A discussão se dá em torno das palavras efeminados e sodomitas. Do grego, respectivamente, *malakos* e *arsenokoites*. A primeira, dizem os autores do artigo, é usada para descrever roupas e tecidos finos e suaves. Indica ainda pessoas que são “macias, efeminadas, especialmente catamitas, homens e

meninos que se permitem ser usados homossexualmente”.⁷⁴ O artigo de Carlos Osvaldo e Luiz Sayão advoga:

Defensores do estilo de vida homossexual sugerem que a palavra era limitada a meninos usados na prática da pederastia no contexto greco-romano, mas o uso em literatura extrabíblica sugere o contrário. Assim, Moulton e Milligan indicam que um músico, por nome Zenóbio, foi assim designado devido a seu estilo de vida, e que o adjetivo foi “grafitado” em uma inscrição macedônia para satirizar o modo de vida do homenageado. Acrescente-se a isso a distinção entre Paulo e Platão. Enquanto o primeiro faz constante referência ao substantivo *arsen*, Platão usa o termo *neos*, “jovem, novo” para descrever a parte passiva no relacionamento pederástico, comum no sistema educacional grego, que ele discute em suas Leis (8,836). Luciano, satirista e historiador do segundo século de nossa era, rotula como *malakoi* certos sacerdotes pagãos cuja vida era sexualmente promíscua. Mare endossa essa linha de pensamento ao descrever os *malakoi* como “prostitutos cultuais”.⁷⁵

Assim, os autores afirmam, na página 52 de seu artigo: “a conclusão mais plausível é que a palavra *malakoi* aponta para o indivíduo passivo numa relação homossexual. A Nova Versão Internacional traduziu assim a palavra em 1Coríntios 6,9 (‘homossexuais passivos’). C. K. Barrett, famoso erudito inglês, optou por essa mesma interpretação”.

O outro termo, *arsenokoites*, também é empregado por Paulo em 1Timóteo 1,10 (“aos que praticam imoralidade sexual e os homossexuais”). A palavra é composta de duas outras, dizem os estudiosos: *arsen*, que significa “macho”, com fortes conotações sexuais, e *koite*, “cama, leito em geral”, mas que também é um eufemismo para relação sexual.

A análise responde ainda aos que acreditam que a passagem de Coríntios não abrangeria os relacionamentos homossexuais monogâmicos, como disse o pastor Márcio, mas apenas a devassidão homossexual. Aqui, transcrevo um trecho longo do artigo, por julgar ser esta uma das passagens mais debatidas entre as duas correntes de pensamento:

Alguns defensores do chamado homossexualismo monogâmico sugerem que Paulo estava limitando sua condenação aos pederastas ativos, ou seja, àqueles que exploravam menores em relações sexuais, nada falando sobre relações homoeróticas entre dois adultos com mútuo consentimento. Tal sugestão, embora tenha um verniz de erudição, ignora o consenso dos lexicógrafos, que atribui à palavra *arsenokoites* o sentido mais amplo de homossexual ativo. Além disso, o contexto de uso do termo é uma lista de vícios muito abrangente, encabeçada pelo adjetivo *pornos*, “imoral” ou “sexualmente impuro”.

Paulo está visando às práticas que testemunhara em Corinto, cidade de moral extremamente baixa, em que os vícios dos romanos se juntavam à “sofisticação” intelectual dos gregos para produzir um ambiente de promiscuidade e permissividade sem igual no Império Romano. Sua preocupação não é delimitar o caráter explorativo ou consentido dos vícios listados. Não há adultérios explorativos e adultérios não explorativos, nem avareza responsável e avareza irresponsável, roubo explorativo e roubo não explorativo. Independentemente do consentimento dos participantes e demais envolvidos, todas as práticas aqui descritas pelo apóstolo são deploráveis e condenáveis.⁷⁶

6. Natural e antinatural (Rm 1,18-32)

Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça. Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o Seu eterno poder, como a Sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o

uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro.

Há uma enorme discussão sobre o que Paulo quis dizer com “uso natural” e “contrário à natureza”. Adeptos da teologia inclusiva argumentam que, se a natureza do indivíduo é homossexual e ele tem relações heterossexuais, isso seria contrariar sua natureza. Os revisionistas também dizem que Paulo estava nessa passagem querendo impor uma ética judaica aos seus leitores que viviam numa cultura greco-romana.

Letha D. Scanzoni e Virginia R. Mollenkott, eruditas protestantes americanas, acrescentam em *Is the Homosexual my Neighbour?*:

O contexto no capítulo 1 de Romanos é idolatria e luxúria. Nenhuma referência é feita quanto a pessoas cuja “natureza” (ou orientação primária) seja homossexual, da forma como essa palavra é entendida pelos cientistas. [...] Paulo baseia seus comentários presumindo que as pessoas são 100% heterossexuais, sem espaço para variação. Assim, o comportamento descrito em Romanos 1 era visto como exemplo de “trocas tolas”. [...] trocar o Deus verdadeiro por um falso era conceder em abrir mão de uma inclinação heterossexual “natural” por algo presumivelmente contrário à natureza de todas as pessoas.⁷⁷

Carlos Osvaldo Pinto e Luiz Sayão argumentam que não se pode subestimar o cosmopolitismo do apóstolo Paulo, que era cidadão romano, fora educado em Tarso (terceiro centro cultural de sua época) e certamente conhecia bem a cultura local. “Sugerir que Paulo era intelectualmente bitolado pelo seu judaísmo é simplesmente ignorar a evidência disponível.”

O uso do adjetivo grego *fusike* e do substantivo *fusis* apontam para a “constituição da estrutura do indivíduo conforme determinada pelo Criador, não condicionada por cultura ou decisão própria”. Esse é o sentido que Paulo dá ao substantivo e aos adjetivos relacionados em outros trechos, como

Romanos 11,21 e 1Coríntios 11,14: “Ou não nos ensina a própria natureza que é desonroso para o homem usar cabelo comprido? [...]”.

Teólogos e ministros evangélicos que queiram afirmar que “natureza” em Romanos 1 significa apenas a genética individual do homossexual rejeitam até mesmo a opinião do famoso Platão, que afirmou em suas Leis (2,636):

Penso que o prazer que pode ser considerado natural é aquele que advém do intercurso entre homem e mulher; todavia, o intercurso entre homem e homem, ou entre mulher e mulher, é contrário à natureza, e a ousada tentativa (de praticá-lo) se deveu originalmente a uma cobiça desenfreada. Os cretenses sempre foram acusados de terem inventado a história de Zeus e Ganimedes porque queriam justificar-se no desfrute dos prazeres antinaturais com a prática do deus que eles consideravam seu legislador.

Os autores citam ainda o professor emérito de Teologia da Universidade de Durham, na Inglaterra, C.E.B. Cranfield, que escreveu, segundo eles, o mais conceituado comentário sobre o livro de *Romanos* existente em nosso idioma: “Assim, por ‘natural’ e ‘contra a natureza’ Paulo significa claramente ‘em conformidade com a intenção do Criador’. [...] o fator decisivo no emprego que dela faz e a sua doutrina bíblica da criação”.

Eles lembram ainda que:

Aos que advogam que Paulo tinha em mente apenas a prática abusiva da pederastia, fica o ônus de provar por que ele teria mencionado a prática do lesbianismo. [...] O conhecimento generalizado do comportamento devasso dos três últimos imperadores romanos e da licenciosidade de suas cortes faria com que mesmo o menos perspicaz dos leitores originais de Romanos definisse bem o alvo das palavras do apóstolo. [...] A linguagem de Paulo em Romanos, em que o homem preferiu glorificar a criatura em lugar do Criador, sugere mais uma vez que seu referencial é a Criação. Por isso, alegar que tinha em mente apenas abusos homossexuais praticados por heterossexuais, deixando aberta a porta para o homossexualismo como forma apropriada de relacionamento conjugal (ou meramente sexual), é ignorar o

texto, o contexto e a teologia do autor em favor de pressuposições ou preferências pessoais.⁷⁸

O pastor Ed René Kivitz, da Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo, fez um estudo aprofundado sobre a carta de Paulo aos Romanos para sua congregação, durante o ano de 2012, e que será transformado em livro. Ele defende que, em Romanos 1, o apóstolo não está falando de um comportamento humano específico, mas da condição humana. Em um dos sermões pregados na igreja e disponível em seu site, ele afirma:

Não está falando de um indivíduo específico, mas de toda a raça humana identificada com Adão. Ele não está falando de um pecado, mas de toda sorte de degeneração de nossa humanidade, e está apresentando exemplos. Dizendo como nós nos perdemos em nossa identidade humana, inclusive a de gênero. Talvez em poucas áreas da nossa vida nossa degeneração como seres humanos e nossa confusão de identidade se manifeste tanto quanto na área da sexualidade. Em poucas áreas nos mostramos tão bestiais quanto no sexo. Mas, uma vez identificados com Adão, nossa humanidade vai se decompondo, e isso fica muito evidente nos desvios da sexualidade.⁷⁹

Kivitz explica ainda que a passagem em Romanos é complementar ao texto de Gênesis que descreve a queda do homem.

Este não é um texto contra a homossexualidade, nem um texto condenatório aos homossexuais, e não é um texto que fala deles e de nós, mas de todos nós. Que nos nivela a todos como menos do que seres humanos, identificados com Adão. De como nos desfiguramos em nossa identidade humana. A homossexualidade é uma expressão, mas há outras. Nossas taras sexuais têm vários e diversos nomes. [...] As perversões são variadas, mais ou menos escandalosas, mais ou menos socialmente danosas, mais ou menos autodestrutivas, mais ou menos aceitas, mais ou menos indignas, mas nós nos abusamos uns dos outros o tempo inteiro, e cada um tem a sua realidade interior que precisa ser colocada diante de Deus o tempo todo. É isso o que o texto do apóstolo Paulo está dizendo: todos nós estamos ali em Adão, em conflito com a nossa identidade.

7. Jesus nunca disse nada contra gays e lésbicas

Este também é um argumento reivindicado pelos teólogos pró-homossexualidade. Eles lembram ainda que, por outro lado, Jesus condenou veementemente os hipócritas e os intolerantes. Os que acreditam que o centurião romano mencionado em Mateus 8,5-13 era gay dizem inclusive que Jesus, ao encontrar-se com o suposto homossexual, elogiou a sua fé.

Os teólogos conservadores explicam que o assunto não foi o único sobre o qual Jesus nada falou. Na visão de Dom Robinson Cavalcanti:

A seguir tal linha de raciocínio teríamos de concluir que o uso de drogas, o estupro, o incesto e a escravidão humana são práticas legítimas, já que Jesus não as condenou textualmente, e que falar contra os que as praticam é ser hipócrita e intolerante. A verdade é que Jesus falou sobre relacionamentos sexuais indicando que a impureza sexual (do grego *porneia*) se origina no coração do homem e não precisa de consumação física para ser ofensiva ao caráter santo de Deus.

Dom Robinson explicou que Jesus não debateu temas que fossem consensuais:

Na sociedade de Jesus, a questão da homossexualidade era tão consensual que não havia debate. Debatia-se o divórcio, por exemplo, mas na cultura judaica não havia ninguém questionando nada a respeito da homossexualidade. Na África, por exemplo, onde há muitas sociedades poligâmicas, hoje já há também uma discussão sobre por que Jesus não condenou a poligamia.

8. Eunucos em nome de Deus (Mt 19,11-12)

Ele, porém, lhes disse: Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido. Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o.

A teologia gay afirma que os eunucos eram os homossexuais da antiguidade. Homens de baixa libido para com o sexo oposto, eles

constituíam um gênero que Jesus legitimou ao afirmar que havia “os que assim nasceram do ventre da mãe”.

Defendem essa hipótese pastores de postura mais liberal, mas que nem por isso acreditam que a homossexualidade seja parte do plano original de Deus para o homem, como o líder da denominação Caminho da Graça, Caio Fábio D’Araújo Filho. Caio é autor de alguns livros sobre relacionamento conjugal e recebe um sem-número de perguntas e e-mails de espectadores de seus programas na internet sobre conflitos na área de sexualidade. Ele afirma:

Se a gente vai estabelecer o dogma da inviolabilidade de gênero, Jesus não falaria sobre uns que nascem eunucos. E ele não fez nenhuma teologia em cima desses que nasceram assim, que nasceram sem libido ou com uma pulsão em outra direção e que eles “mataram” por amor ao Reino. O eunuco na época era usado sexualmente como mulher nas cortes; ou era o castrado, usado para determinados serviços a fim de não violar as mulheres. E Jesus disse: tem uns que nascem assim. Ele não desenvolveu uma teologia. Aliás, Jesus deu o mundo como caído e os fatos como fatos. E o amor como única cura e remediação para os fatos implacáveis da existência.

Carlos Osvaldo Pinto concorda que a prática da castração era comum no Oriente Médio Antigo. “O termo hebraico *saris* podia referir-se a eunucos ou a oficiais nas cortes dos monarcas orientais. Com frequência (e justificativa), tais indivíduos cuidavam do harém ou tornavam-se confidentes dos reis.” Segundo ele, o termo grego *eunouchos* pode indicar emasculação, mas não necessariamente. Em seu artigo, ele escreve que:

A palavra era usada para animais castrados (haveria porcos ou bois ou carneiros gays?). Também indicava plantas sem semente ou grão (a pergunta fica ainda mais absurda nesse caso). As palavras de Jesus indicam “defeitos de nascença”, “emasculação forçada”, e “renúncia voluntária aos benefícios do casamento” por amor ao reino de Deus.

Para Carlos, Jesus não está se referindo de maneira nenhuma a um terceiro gênero. O acadêmico e escritor R. N. Champlin escreve sobre os eunucos de nascença:

Homens que nascem com defeitos físicos (ou mentais, *sic*) que os tornam incapazes das funções sexuais. Os judeus chamavam tais homens de “eunucos do sol”, isto é, pessoas que nunca viram o sol exceto no estado de eunuquismo. [...] Heródoto menciona que os eunucos eram muito procurados nos países do Oriente, por serem pessoas dignas de confiança (Her. VIII,105) e algumas vezes a própria palavra eunuco indicava um oficial, sem nenhuma vinculação com a castração.⁸⁰

Em seu livro *O que Jesus quis dizer*, Garry Wills, que é doutor em Línguas Clássicas e Grego pela Johns Hopkins University, faz uma abordagem ampla e contextualizada da passagem do evangelho de Mateus. Sua intenção é rebater a interpretação, predominantemente católica, de que o sexo é um ato impuro e que a passagem é uma defesa ao celibato.

Wills lembra que o contexto do versículo é uma discussão a respeito do divórcio. Os fariseus perguntam se era lícito deixar a esposa por qualquer motivo e Jesus reafirma a Lei mosaica quanto à questão. Ele diz que Moisés só fizera uma concessão ao divórcio por causa da dureza do coração dos homens. Os discípulos então reclamam: se for assim, é melhor não casar. Ao que Jesus responde:

Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido. Porque há eunucos do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos céus. Quem pode receber isso, que o receba (Mt 19,11-12).

Wills argumenta:

O contexto é uma discussão com aqueles que dizem que o ensinamento de Jesus sobre a fidelidade conjugal é muito difícil para os homens seguirem. Ao insistir que a pureza interna é mais importante que a externa, Jesus fala exatamente o que mencionara a respeito da perda de pureza por meio de ações

do olho e da mão: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo, que qualquer um que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela. Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no inferno” (Mateus 5,27-30).⁸¹

O contexto, portanto, seria o da chamada “mortificação da carne”. Para Wills, o que Jesus realmente quis dizer é que aqueles que são tentados a cometer infidelidade conjugal deveriam viver como se fossem “castrados”. Os castrados de nascença, então, seriam as pessoas mais capacitadas (por questões hormonais, ou de baixa libido) a atender o chamado cristão da fidelidade ao cônjuge.

Jesus não está defendendo que uma elite tenha um padrão diferente dos outros, mas sim que aqueles em perigo de pecar deveriam preferir sofrer fisicamente a sofrer espiritualmente. A premissa de que Jesus está falando de celibato, e não de castração; e que diz que o celibato é um chamado mais elevado que o casamento, a ser praticado por heróis da fé, é um absurdo. Não podemos aplicar esse tipo de sofisma às passagens do olho direito e da mão direita.

65 ROGERS, Jack. *Jesus, the Bible and Homosexuality: Explode the Myths, Heal the Church*. Louisville: Westminster Knox Press, 2009, p. 66.

66 Idem, p. 15.

67 SANTOS, V. Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade. *Fides Reformata*, VIII, n. 1, p. 99-132, 2003. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_VIII_2003_1/v8_n1_valdeci_santos.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2013.

68 PINTO, C. O.; SAYÃO, L. A questão do homossexualismo. *Vox Scripturae*, p. 43-70, mar. 1995.

69 STOTT, J. John Stott speaks out. *Christianity Today*, 37, p. 37, fev. 1993.

70 PINTO, C. O.; SAYÃO, L. A questão do homossexualismo. *Vox Scripturae*, mar. 1995, p. 43-70.

71 2Samuel 4,4; 9,3 e 1Crônicas 8,34.

72 PINTO, C. O.; SAYÃO, L. A questão do homossexualismo. *Vox Scripturae*, p. 43-70, mar. 1995. .

73 2Samuel 4,4; 9,3 e 1Crônicas 8,34.

74 ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Christian Literature*. 4. ed. Chicago: Ed. Chicago, University of Chicago, 1971.

75 PINTO, C. O.; SAYÃO, L. A questão do homossexualismo. *Vox Scripturae*, p. 43-70, mar. 1995.

76 PINTO, C. O.; SAYÃO, L. A questão do homossexualismo. *Vox Scripturae*, p. 43-70, mar. 1995.

77 SCANZONI L. D.; MOLLENKOTT V. R. *Is the Homosexual my Neighbour?* Ed. rev. atual. San Francisco: Harper, 1994[1978], p. 72.

78 PINTO, C. O.; SAYÃO, L. A questão do homossexualismo. *Vox Scripturae*, p. 43-70, mar. 1995.

79 Sermão pregado na Igreja Batista de Água Branca em 26 fev. 2012, disponível em: <<http://www.ibab.com.br>>.

80 CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. v. 6. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 4281.

81 WILLS, G. *O que Jesus quis dizer*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p. 57-58.

Eunucos de nascença?

Embora esteja sob escrutínio teológico e envolvida em uma nuvem de especulações, conforta o coração de muitos homossexuais cristãos a ideia de que haveria “eunucos de nascença”, isto é, pessoas que já chegaram ao mundo numa “terceira via” de gênero.

São pessoas que não se enquadram em nenhuma das categorias descritas aqui. Não optaram pela liberdade na área sexual, tampouco quiseram unir-se a uma comunidade inclusiva. Também não poderiam ser definidas com exatidão como “em estado de abstinência”. Na verdade, elas simplesmente assumiram quem são e seguem a caminhada cristã, cheias de dúvidas na cabeça.

A arquiteta Fátima Regina é uma dessas peregrinas. Aos 50 anos, Fátima está segura de que fez de tudo para desconstruir e aniquilar seu lesbianismo, que ela reconhece desde que era menina. Chegou a ficar noiva, um relacionamento que fez com que acreditasse que poderia, sim, interessar-se por um homem que lhe demonstrasse carinho. Mas, no final, a situação degradingolou.

Depois de conviver durante anos com a inadequação e a culpa, Fátima diz que o único texto que conseguiu apaziguar seu coração foi justamente o que fala daqueles que nasceram eunucos. A arquiteta escreveu uma autobiografia na qual conta como foi a batalha para se livrar do sentimento homoafetivo. *Eu sou do meu amado e ele é meu* ainda não havia sido publicado quando conversamos, mas está disponível, em PDF, diretamente com a autora, que pode ser encontrada pelo Facebook. No texto, ela trava uma

espécie de conversa com o espelho, na qual sintetiza o quadro emocional em que se vê:

Eu já fiz tudo o que podia pra tentar mudar o bicho.

Eu não consegui.

Eu creio em milagres. Creio que Deus ressuscita morto; nunca vi nenhum morto ressuscitando, mas creio.

Eu nunca vi uma transformação radical nesse assunto [da homossexualidade]. O que vi não parece transformação, apenas ‘o bicho domado’.

Eu não me envergonho mais de apresentar essa característica como real em minha vida.

Eu não vou ficar fazendo de conta que isso não existe só porque as pessoas não conseguem lidar com o assunto de maneira sóbria e amável.

Eu não me enquadro em nenhum texto bíblico condenatório do assunto: não me enquadro em Levítico, em Ezequiel, em Romanos, em Pedro e em Judas.

Se eu me enquadro em algum texto talvez seja em Mateus: “Há eunucos que nasceram eunucos”. Mas não vejo no texto uma liberação para a relação sexual com pessoas do mesmo sexo. Vejo em Jônatas e Davi, sim, uma liberação para o companheirismo. E isso hoje eu tenho com vários amigos.

loiô emocional

Não significa que Fátima não tenha tentado encarar os fatos. Aos 47 anos, teve um relacionamento homoafetivo que terminou de maneira catastrófica: ela paralisada pela culpa, e a companheira destilando desprezo, por sua incapacidade de assumir-se plenamente. Fátima era naquela época um ioiô emocional, ora desejando, ora abominando aquilo tudo que experimentara. Sua formação ajuda a compreender as dificuldades no campo da sexualidade. Fátima foi criada ouvindo dos pais que sexo era “coisa suja”.

Para mim e meu irmão, era tudo “não pode”. Não pode fazer pergunta, não pode falar do assunto, se tivesse filme na televisão com alguma insinuação sexual éramos mandados para fora da sala. E quando eu ousava fazer alguma pergunta sobre aquilo, a resposta era sempre uma só: “Isso é sujeira. Não é coisa para criança. Criança não pode saber de sujeira”.

Acostumada que foi a encarar a proximidade entre dois corpos como algo repugnante, Fátima Regina deu o primeiro beijo na boca quando tinha 38 anos. Foi em um amigo artista plástico, com quem viveu um flerte passageiro. Essa desastrosa maneira de ser educada, que profanou o significado do sexo, apresentando-o como algo feio e vergonhoso, somava-se a um sentimento remoto de esquisitice.

Era muito claro para mim o que era uma menina e um menino, e eu era uma coisa no meio disso. Esse registro vem de meus quatro, cinco anos de idade. Meu sentimento em relação às outras crianças era claro: eu não me sentia menina. Mas sabia que não era menino. Eu era um nada. E quando fui para a igreja eu continuei um nada.

A percepção de ser esse “nada” só mudou recentemente. Depois de muitos nocautes, Fátima concluiu que lidar com sua orientação sexual é ter de aceitar, como disse o pastor Caio Fábio, os “fatos implacáveis da existência”. Uma passagem bíblica que a consola está em Romanos 8,19, que diz: “Toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias, esperando por redenção”. Ela acredita:

Não são só os animais, as plantas, o planeta que gemem, por causa da imperfeição do homem, mas toda a humanidade. Ter de lidar com isso é ter de aceitar o que não tem solução. E isso se choca com o evangelho que diz que para Deus nada é impossível.

Para Fátima, o lado mais difícil nessa viagem de autoconhecimento é enfrentar o preconceito. Ela afirma que não é uma situação confortável, pois parece que as pessoas sempre pensam que o homossexual cristão não fez tudo o que podia, não buscou a Deus o suficiente:

É como se a gente estivesse sempre em falta. Eu digo que, quando tentava ainda me libertar desse sentimento, se me dissessem que ir me pendurar no lustre da catedral de Notre Dame me ajudaria, eu teria me pendurado. Tentei de tudo. Mas as pessoas lançam esse olhar de desconfiança sobre nós sem nem

antes encarar os próprios problemas. Isso machuca muito. Mas com o tempo você vai aprendendo a se proteger.

Fátima distanciou-se da Igreja tradicional e fez amigos em comunidades inclusivas, mas não se adaptou. Ela não gostou da sensação de viver confinada num gueto. Voltou a reunir-se numa pequena congregação, ligada ao Caminho da Graça, em Ribeirão Preto, onde mora. Fátima encontrou cristãos que a amaram do jeito que ela é e, segundo diz, tornaram a sua vida “viável”.

Essas pessoas são testemunhas dessa batalha interior. Elas sabem quem eu sou, conhecem o meu caráter. Qual era a alternativa? Ficar indo em bares atrás de mulheres? Uma pessoa que viveu a vida que vivi, que ama a Jesus do jeito que eu amo?

Entre as certezas que construiu, ela reconhece que Deus criou Adão e Eva, criou o casamento único, monogâmico e fiel até a morte, mas como o mundo é caído, até a natureza da libido sofreu alterações. Fátima acredita que, assim como Deus soube tratar com delicadeza e amor certos desvios de rota, como a poligamia e o divórcio em Israel, por exemplo, ele “saberá tratar os eunucos dos nossos dias também”. Para embasar sua tese, ela cita outra passagem que lhe traz conforto:

Porque assim diz o Senhor a respeito dos eunucos, que guardam os meus sábados, e escolhem aquilo que me agrada, e abraçam a minha aliança: também lhes darei na minha casa e dentro dos meus muros um lugar e um nome, melhor do que o de filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará. Também os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração. (Is 56,4-5,7).

Militantes e militantes

Ter de conformar-se com a condição homoafetiva como quem se contenta com um plano B existencial, a exemplo do que fez Fátima Regina, é uma proposta inconcebível para os militantes da causa LGBT. Os que lutam na esfera político-partidária pelos direitos civis e contra a discriminação dessa minoria entendem que o nome do jogo na verdade deveria ser orgulho e celebração. Deveriam todos orgulhar-se por ser gay e proclamar isso em alta voz, como uma maneira de expurgar uma vergonha de muitos séculos.

Além de querer soltar esse grito contido, o movimento LGBT se revolta com os dados perturbadores da violência praticada contra aqueles que representam no Brasil. Eles os utilizam na defesa de uma legislação federal que criminalize atos de ódio contra homossexuais e transgêneros.

O número de assassinatos de homossexuais no país atingiu 266 casos em 2011, um recorde, segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), que monitora as ocorrências desde a década de 1970. Segundo o relatório que apontou esse número, a grande maioria dessas mortes é fruto de ódio contra gays, lésbicas e transgêneros.

De acordo com o antropólogo Luiz Mott, fundador da entidade, existe também uma “homofobia cultural, que expulsa as travestis para a margem da sociedade, onde a violência é mais endêmica” e uma “homofobia institucional, quando o governo não garante a segurança dos espaços frequentados pela comunidade LGBT”.⁸² Os dados divulgados pelo GGB baseiam-se em notícias sobre homicídios veiculadas em jornais e na internet.

Os crimes contra a comunidade são uma das causas de um aumento nos pedidos de asilo político feitos por brasileiros gays que vivem no exterior, segundo a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais (ABGLT). O número passou de três, em todo o ano de 2011, para 25 apenas nos três primeiros meses de 2012. Os casos foram remetidos à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

De acordo com o presidente da entidade, Toni Reis, os pedidos referem-se às tentativas de asilo principalmente em países como Estados Unidos e Canadá e ganharam força após notícias de agressões contra jovens gays em várias cidades brasileiras.⁸³

Liberdade de expressão

É justamente para coibir esse tipo de barbaridade que tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei 122/2006. O chamado PLC122 foi proposto originalmente em 2001, pela então deputada federal Iara Bernardi (PT-SP), e aprovado em 2006 pela Câmara. Seguiu para o Senado, onde sofreu alterações. Seu objetivo principal é tornar crime inafiançável a violência e a discriminação contra LGBTs, punindo quem a pratica com até cinco anos de prisão. Mas uma ideia que surgiu como instrumento para defesa da liberdade de expressão homoafetiva, uma prerrogativa constitucional, foi vista por muitos cidadãos como uma ameaça à liberdade religiosa, direito igualmente garantido pela Constituição.

Algumas lideranças civis e religiosas levantaram-se para dizer publicamente que o texto original do PLC122 era inconstitucional e uma tentativa de amordaçar as pessoas que eventualmente manifestassem uma opinião contrária ao estilo de vida homossexual. Entre elas, o pastor Silas Malafaia, o deputado federal Marcelo Aguiar (PSC-SP), o senador Magno Malta (PR-ES), presidente nacional da Frente Parlamentar Mista em Defesa Permanente da Família Brasileira, e o líder do movimento carismático da Igreja Católica, o deputado federal Eros Biondini (PTB-MG).

Outro renomado pastor e teólogo, Augustus Nicodemus Lopes, chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, assinou, em novembro de 2010, o “Manifesto presbiteriano sobre a lei da homofobia”, no qual também critica o projeto:

A Igreja Presbiteriana do Brasil manifesta-se contra a aprovação da chamada lei da homofobia, por entender que ensinar e pregar contra a prática do homossexualismo não é homofobia, por entender que uma lei dessa natureza maximiza direitos a um determinado grupo de cidadãos, ao mesmo tempo em que minimiza, atrofia e falece direitos e princípios já determinados principalmente pela Carta Magna e pela Declaração Universal de Direitos Humanos; e por entender que tal lei interfere diretamente na liberdade e na missão das igrejas de todas as orientações de falarem, pregarem e ensinarem sobre a conduta e o comportamento ético de todos, inclusive dos homossexuais.

Por ter divulgado o manifesto no website da universidade, Augustus Nicodemus teve de enfrentar o protesto furioso de um grupo de estudantes no Mackenzie.

O debate acerca dos direitos civis dos homossexuais *versus* o direito à liberdade religiosa foi o grande salto do carioca Silas Malafaia em direção à fama fora do meio evangélico. Ele despontou como uma espécie de porta-voz informal da comunidade na grande mídia contra a “mordaza” que propunha o texto original do PLC122. Formado em psicologia, Malafaia estreou na televisão em 1982, poucos meses depois de ser ordenado pastor da Assembleia de Deus, maior denominação evangélica do Brasil. Conhecido inicialmente apenas no estado do Rio de Janeiro, a partir de 2004 seu programa ganhou as redes nacionais, e sua artilharia, até então apontada para os neopentecostais e as estratégias de crescimento e marketing das igrejas, voltou-se para, conforme diz, “defender a fé cristã e os valores éticos, morais e espirituais da igreja de Cristo”.

Dominando um estilo agressivo de comunicação com as câmeras, Malafaia tornou-se um dos tele-evangelistas mais famosos do Brasil e figura constante dos programas populares da TV aberta. Em maio de 2010, dois

meses depois de debater o PLC122 com a ex-deputada Iara Bernardi no Programa do Ratinho, Malafaia deixou a Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) e criou o ministério Vitória em Cristo, mesmo nome do seu programa de televisão. Desde então, seu discurso tem se voltado para a chamada Teologia da Prosperidade, segundo a qual as conquistas materiais do cristão são diretamente proporcionais à sua fé. Sua furiosa cruzada contra “a banalização do casamento e do divórcio, o relativismo moral e a imoralidade sexual, a legalização do aborto e da união homossexual” transformou o carioca em um dos rostos mais conhecidos (e controversos) do universo evangélico brasileiro do século XXI, com direito a depoimentos no *Jornal Nacional*, perfil na revista *Piauí* e páginas amarelas da revista *Veja*.

O período de discussão acerca do PLC122 coincidiu com o auge do poderio de audiência de Malafaia, que incluía a expansão da distribuição de seu programa semanal de TV e de programas secundários de seu ministério, como o *Mulher Vitoriosa*, e maior trânsito entre denominações (ele era o presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil). Malafaia usou, diversas vezes, seu horário em rede para explicar didaticamente e questionar o texto do PLC122, mostrando como, segundo sua visão, alguns de seus artigos feriam a Constituição. Ele ressaltou, por exemplo, os possíveis efeitos dos artigos 8-A e 8-B do PLC122, que dizem:

Impedir ou restringir a expressão e a manifestação de afetividade em locais públicos ou privados abertos ao público, em virtude das características previstas no artigo 1 desta lei: Pena: reclusão de 2 a 5 anos.

Proibir a livre expressão e manifestação de afetividade do cidadão homossexual, bissexual ou transgênero, sendo estas expressões e manifestações permitidas aos demais cidadãos ou cidadãs: Pena: reclusão de 2 a 5 anos.

“Se o pastor de uma igreja repreender dois homens que estejam se abraçando no pátio da igreja poderá ser taxado de discriminatório e ser mandado para a reclusão. É o que prevê a lei”, protestou Malafaia. Em seguida, mostrou na tela do vídeo o texto do artigo 16: “Parágrafo 5 – O

disposto neste artigo envolve a prática de qualquer tipo de ação violenta, constrangedora, intimidatória ou vexatória, de ordem moral, ética, filosófica ou psicológica. Pena: 2 a 5 anos de reclusão”. Malafaia disse:

Quer dizer que eu, ao expressar que sou contra a prática homossexual, filosoficamente, então, meu filho, me manda pra cadeia? Rasga a Constituição brasileira para beneficiar a prática homossexual? Tanto homossexuais quanto heterossexuais têm garantidos os seus direitos na Constituição brasileira e nas leis ordinárias. Por que então querem fazer leis especiais? Porque eles não suportam a crítica.

E prosseguiu:

Há uma diferença entre criticar condutas e discriminar pessoas: você pode criticar minha conduta de evangélico, mas não pode me discriminar enquanto evangélico. Nós podemos criticar a conduta homossexual, não podemos é discriminar. Na lei tem tanta aberração, tanto lixo. Ela fere direitos constitucionais, quer suprimir a liberdade de expressão por causa de uma pseudo-homofobia. Homofobia nós não aceitamos e repudiamos. Mas a crítica da opinião tem que ser respeitada. Os que querem eliminar a discórdia daqui a pouco vão querer eliminar os que discordam.⁸⁴

Malafaia ainda mostrou o texto da Constituição brasileira em seu artigo 5:

Artigo 5 da Constituição da República Federativa do Brasil

Inciso VI — É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

Inciso VIII — Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Inciso IX — É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

Baixando o porrete

Por sua defesa sistemática dos direitos dos evangélicos, Malafaia tornou-se o principal alvo da militância LGBT. Esse movimento culminou numa abertura de inquérito e no pedido de apuração de homofobia e incitação à violência a pedido da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). A Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão em São Paulo acolheu o pedido e, em 16 de fevereiro de 2012, entrou com ação pedindo retratação ao programa Vitória em Cristo.

O processo foi resultado de uma manifestação furiosa do pastor, um ano antes, no mesmo programa. Após a Parada Gay de 2011, Malafaia usou um espaço em que costuma ensinar a Bíblia, vender os livros publicados por sua editora e fazer campanhas de arrecadação para protestar contra os enormes cartazes exibidos no desfile em São Paulo mostrando fotos de santos católicos seminus e em posições sensuais. Na ocasião, ele disse:

Os caras na Parada Gay ridicularizaram símbolos da Igreja Católica e ninguém fala nada. É para a Igreja Católica entrar de pau em cima desses caras, baixar o porrete. Botar para quebrar. Isso é uma afronta, senhores. [...] Quem são os doentes, que não respeitam a religião de ninguém, que debocham da religião dos outros, é bom que a sociedade veja isso.⁸⁵

O processo da ABGLT contra o pastor produziu um bate-boca na internet que serve muito bem para ilustrar a intolerância de segmentos das duas comunidades em pleno enfrentamento ideológico: militantes LGBT *versus* grupos evangélicos. Reproduzo a seguir comentários coletados da web, transcritos aqui *ipsis literis*:⁸⁶

Agora vejo como vocês, defensores da causa gay, são tão antiéticos e canalhas! Mandei um texto dando minha opinião a favor do pastor Silas Malafaia, ou melhor, contra essas leis imbecis de mordação à sociedade e vocês dessa revista sequer colocaram minha opinião. (Marcos)

Na minha opinião esse senhor não tem equilíbrio emocional para ser líder de torcida, que dirá líder religioso. Ele faz este tipo de declaração para chamar atenção da mídia e assim divulgar seu negócio, digo sua igreja. (Dinho)

É por causa de pessoas como Silas Malafaya que a cultura do ódio dissemina-se no Brasil e no mundo cada vez mais rápido. Por qual motivo heterossexuais tem de odiar homossexuais? (Erick)

Iguais a esses imbecis que se dizem pastores são os idiotas homofóbicos que insistem na baboseira “deus criou o homem e a mulher”. (Arnold)

Esse cara que fala tanto é pq na realidade ele deve ter alguma tara por isso. Pastor vai procurar o q fazer deixa de ser ridículo...deixe de ser ignorante seu homofóbico....” (Jean)

Acho que esse Silas Malafaia é homossexual e não tem coragem de se assumir. Razão pela qual faz esses ataques infundados! Pastor, vai crescer!” (Robson)

De repente os gays viraram a menina dos olhos dos poderes constituídos no nosso país... ao que me lembro não foi essa a promessa de campanha deles? Nem o judiciário foi constituído para dar privilégio aos depravados morais. (Ivonil)

Sou evangélico e não gosto do modo que ele age como político e pastor. Um pastor sem sabedoria nenhuma, ele não percebe que agindo assim ele incitará mais violência. Suas atitudes são de ódio e pode se comparar a de Hitler. Você acha que os gays um dia seguirão ou se voltaram a Deus com você tendo essas atitudes????!!! (Carlos)

Só vi alguém levantar o braço naquela posição qdo se tratava de HITLER.... (Viktor)

Lamento principalmente pelos filhos destes pais que são obrigados a conviver com o ódio dentro de casa. Lugar onde o estado não consegue chegar e muitos assim como esse “pastor” que devem ter tido uma infância triste e reprimida e agora reproduzem o ódio !!! Onde está o amor ao próximo??? (Nilton Avila)

Estou de acordo com o pastor cilas malafaia que é mal interpretado muitas vezes por se expressar de maneira enérgica mais vejo ele coberto de razão o homossexual e uma pratica que não nos traz nenhum exemplo de vida construtivo para uma familia de bem como se constroi uma familia ou gera filhos, as pessoas que escolhe esta pratica de vida devem se acostumar sim com a discriminação desta pratica vergonhosa.” (Anderson)

O pr silas esta mais do q certo o nosso pais esta se ridicularizando com essa lei pl 122 isso e um absurdo. deus criou o homem e a mulher e so.” (Edson)

como pelo deputado federal Jean Wyllys e por Toni Reis, presidente da ABGLT.

O advogado especialista em Direito Processual Civil Silvano Andrade do Bomfim resumiu bem esse embate jurídico, ao afirmar em um artigo:

A liberdade de expressão homossexual, fundada na dignidade da pessoa humana, coexiste com a liberdade religiosa e com a manifestação que dela decorre, garantidas igualmente pela Constituição, não havendo espaço no Estado Democrático para qualquer tentativa de restringir a liberdade religiosa ou de consciência, e suas lícitas expressões ou manifestações.⁸⁷

Embora tenha sofrido uma aparente derrota, o movimento LGBT pôde comemorar conquistas posteriores para a sua causa. O marco foi a decisão do Supremo Tribunal Federal, nos dias 4 e 5 de maio de 2011, de equiparar por unanimidade a união homossexual à união estável entre homem e mulher, reconhecendo-a como “entidade familiar, em favor dos princípios da dignidade da pessoa humana, da liberdade, da autodeterminação, da igualdade, do pluralismo, da intimidade, da não discriminação, e da busca da felicidade.”

Cinco meses após a decisão do STF, a 4ª Turma do Superior Tribunal de Justiça, de Brasília, reconheceu por maioria de votos (4 x 1), que os homossexuais podem casar-se diretamente no Cartório de Registro Civil, sem precisar requerer na Justiça a conversão da união estável homoafetiva em casamento.

Nesse sentido, 2011 entra para a história do Brasil como o período em que se deu, segundo o artigo de Silvano Andrade do Bomfim, uma “profunda alteração no direito de família, em particular no que se refere ao direito homossexual, abrindo caminho para sedimentar o casamento gay no Direito brasileiro”.⁸⁸

Além de Malafaia, outro personagem surgiu na cena política em 2011 para conturbar um pouco mais o diálogo entre militantes gays e evangélicos: Marco Feliciano, pastor da igreja Assembleia de Deus Tempo do

Avivamento, um ministério pentecostal com sede em Orlândia, interior paulista, e templos em outras seis cidades. O ministério presidido pelo pastor é composto ainda pelo Instituto Teológico Carisma (ITC), Rádio Tempo de Avivamento, Central Evangélica de Pregadores Itinerantes do Brasil (CEPIB), Revista Tempo de Avivamento, Livraria Cristã Vida & Paz, Editora Tempo de Avivamento e Gravadora Grata Music.

Em julho de 2010, Marco Feliciano decidiu lançar-se candidato a deputado federal pelo Partido Social Cristão, por São Paulo. Entre as razões que o levaram a isso, ele justificou:

O cenário político nacional carrega em si uma série de propostas em forma de Leis e Projetos de Leis, que vêm com força ferir a sociedade na sua base; a família e por consequência a Igreja do Senhor. Leis como a do Psu, Legalização do Aborto, Legalização do Consumo de Drogas e da Homofobia, conhecida como PL 122, vem como um trator de esteira para massacrar tudo que é puro e sacro.

Serei candidato a deputado federal por São Paulo porque tenho um compromisso, inicialmente, com o Senhor, para agir na administração pública com lisura e honestidade, sempre tendo como base os princípios bíblicos, pilares básicos de uma sociedade temente a Deus. “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor” Salmos 33,12. Portanto, conduziremos nossa campanha com a sabedoria dada por Ele, aliada à inteligência dos homens e a escolha de pessoas competentes no lugar certo.

As causas sociais que impulsionaram minha candidatura são inúmeras: a desigualdade, discriminação, marginalização dos carentes, a legalização do aborto, legalização das drogas, entre outros. Todos esses fatos juntos trazem incômodo e preocupação com o futuro dessa nação.

Vamos juntos lutar por um Brasil melhor, por uma Igreja forte, unida alcançando a função de transformar vidas. Precisamos de liberdade, de apoio constitucional e legal para levarmos o evangelho de forma genuína. Precisamos de legisladores que legislem com os princípios do Reino.

Serei um profeta no Congresso Nacional, pois coragem e temor a Deus não me faltam. Lembro que estarei político, mas sempre serei pastor, pois não

existe ex-ungido. Tentarei seguir os passos de Daniel, Anannias, Misael, Azarias, José e tantos outros que fizeram a diferença em seus governos.⁸⁹

Sua retórica foi recompensada com mais de 211 mil votos e a eleição, em outubro de 2010, passando a integrar a Frente Parlamentar Evangélica, e a militar, ao lado de seus pares, contra o PL122. Mas foi em 2013 que sua visibilidade aumentou, após ser eleito, em reunião fechada, com onze votos favoráveis e um em branco, para presidir a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara. A escolha teve aval da maioria dos partidos, inclusive do PT, que historicamente comandava a comissão.

Feliciano passou a ocupar, naquele ano, o lugar de Malafaia como alvo favorito das críticas da comunidade LGBT, por suas declarações públicas de conteúdo racista e contrárias à prática homossexual. Entre as mais polêmicas, ele escreveu no Twitter que o amor entre pessoas do mesmo sexo leva “ao ódio, ao crime e à rejeição” e que os “africanos descendem de um ancestral amaldiçoado por Noé”. Foi também duramente alvejado por ter dito, em uma pregação, que o cantor John Lennon fora assassinado por ter debochado de Deus, quando afirmou que os Beatles eram mais populares que Jesus Cristo. “Ele foi morto com três tiros no peito, e eu gostaria de estar lá naquele dia, levantar o pano que cobria seu corpo e dizer: John, me perdoe, mas este primeiro tiro é em nome do Pai, este em nome do Filho e este em nome do Espírito Santo de Deus. Ninguém afronta a Deus e sobrevive para debochar!”⁹⁰

Cidadania plena

Se do lado dos evangélicos o pastor Silas Malafaia despontou como uma espécie de porta-voz extraoficial contra o PLC122 – ou pelo menos o mais visível –, do lado do movimento LGBT pode-se apontar como representante mais emblemático o deputado federal Jean Wyllys, o único homossexual assumido na Câmara Federal em exercício no período. Assim como Malafaia, ele também tem uma história de relacionamento com a mídia: seu nome

despontou para a fama quando participou e ganhou o reality show Big Brother Brasil, exibido pela Rede Globo de Televisão.

Apesar dos avanços da agenda LGBT junto ao governo, ele considera que ela está engessada há muitos anos e que a batalha pela conquista da plena cidadania para gays, lésbicas e transgêneros está longe de ser ganha. O deputado entende que a decisão do STF quanto à união estável é importante, mas, em sua opinião, faltam avanços no poder Legislativo. Ele diz que, no âmbito do Judiciário, as pessoas que estão em união estável podem ir ao cartório reconhecê-la, mas ela não dá os mesmos direitos do casamento devido à legislação vigente. Ele defende que os homossexuais precisam é de um “reconhecimento pleno como cidadão”, o que, a seu ver, o PLC122 não lhes dá. Wyllys não concorda que o texto original do PLC122 ferisse a liberdade religiosa e de culto, mas admite que limitava a liberdade, o que, para ele, não seria um aspecto negativo. Ele alega:

Não quero dizer que as liberdades não tenham que ser limitadas. A gente não é livre para matar. O direito à vida implica proteger a vida. O direito à liberdade de expressão implica responsabilidade e em não caluniar e difamar outras pessoas. Você é livre para dizer o que quer desde que você não calunie, não injurie, não difame. E há uma linha tênue entre a pregação religiosa e a difamação de um grupo, que é o que vem sendo feito por certos pastores.

Entre as vantagens do PLC122, o deputado aponta o fato de que amplia o Estado penal. E criticou as mudanças no texto original do projeto:

Como membro da comunidade LGBT, não vi com bons olhos a mudança do PLC122, que reduz a homofobia a suas figuras penais, à violência dura, que são as agressões e os assassinatos. Agressões e assassinatos já são tratados pelo Código Penal. Seria interessante incluir a motivação homofóbica, mas não se pode reduzir a isso. A pauta principal deveria focar na luta pelo casamento civil.

Para o deputado, enquanto a legislação brasileira não prever para homossexuais o acesso aos mesmos benefícios garantidos a casais

heterossexuais casados, como direito à herança, ao patrimônio construído conjuntamente ou mesmo à seguridade social, os homossexuais continuarão em uma categoria que ele define como a de “não cidadãos”.

Juridicamente, esse acesso se chama casamento civil, que é diferente da união civil já aprovada.

Wyllys reconhece que o direito de livre associação implica uma inevitável discriminação social, um preço a pagar por uma sociedade plural. Assim, os evangélicos têm o direito de se reunir em suas igrejas e de excluir pessoas, com base em seu código de fé e sua identidade, têm o direito de decidir que em sua igreja os homossexuais não são bem recebidos, porque seus valores morais e dogmas dizem que a homossexualidade é um pecado.

O deputado crê que existe oficialmente uma “discriminação jurídica inadmissível”. Ele advoga que, uma vez que os gays têm o direito ao casamento negado, o Estado não estaria se comportando como deveria, por “não se pautar pelos princípios constitucionais da não discriminação, da dignidade da pessoa humana e da laicidade”. Wyllys levanta a bandeira da laicidade do casamento, do Estado democrático de direito e do acesso igualitário ao casamento, uma vez que “os argumentos que impedem o casamento homossexual são religiosos”. Junto a esse direito ele aponta o que seriam mais de 70 direitos correlacionados que seriam negados aos gays.

Segundo Jean Wyllys, a pauta do casamento civil “não obriga ninguém a dizer que a homossexualidade é bacana, não obriga ninguém a gostar dos homossexuais”. Ele diz que nenhuma lei vai varrer dos corações e das mentes “ódios e preconceitos profundamente arraigados”. Mas, defende que a pauta do casamento iguala as pessoas juridicamente, uma vez que, com isso, ninguém poderia achar que, por ser diferente, o homossexual tem que ter menos direitos. “Essa é a grande batalha que tem que ser travada”, conclui.

O ex-deputado estadual José Bruno (DEM-SP), pastor da comunidade A Casa da Rocha, de São Paulo, mostra uma visão cautelosa, que fica no meio do caminho entre as representadas pelo pastor Silas Malafaia e o deputado

Jean Wyllys. Em novembro de 2008, declarou, em entrevista ao portal da internet Guia-me: “Eu não posso ser contra nenhum projeto que visa defender o cidadão”, declarou. “A Constituição prevê que todos somos iguais perante a lei. Então, não posso dizer que sou contra uma lei que preserva o direito à vida de qualquer cidadão”. O pastor prosseguiu:

Esta lei é capciosa e dá margem à dupla interpretação, porque você vai criar uma classe que pode, enquanto as outras não podem. Então, eu posso dizer, por exemplo, que você não pode impedir uma pessoa de exercer sua profissão pelo fato de ser homossexual, porque isso é uma discriminação, um crime, e posso ter uma pena de três a cinco anos de prisão por causa disso. Eu costumo dar muito esse exemplo: a mulher vai ao ginecologista, ele é um homem, ela fez um exame, mas sente-se constrangida, é um direito dela dizer “eu prefiro um ginecologista que seja mulher, eu me sinto mais à vontade”. Isso é crime? Não, isso não é crime. Agora, se ela vai a uma ginecologista mulher e descobre que a médica é homossexual e sente-se constrangida. O que vai acontecer com ela se ela disser “eu não quero mais voltar aqui, eu prefiro ir em outra médica”? A lei dá margem à criação de uma terceira classe, que não pode ser preterida.

[...] Em muitas igrejas evangélicas, as mulheres também não podem ser pastoras e são missionárias. Ora, se eu não quero e se eu não concordo, eu frequento outra igreja evangélica, mas aquela igreja, independentemente do fato de eu achar correto ou não, tem o direito de ter a sua fé e ordem, porque isso é uma liberdade que dá a Constituição para todas as religiões nesse país. O país é laico e todos têm essa liberdade. Se um pastor se professa no altar, de repente, dizendo “eu sou homossexual”, segundo a lei, ele não poderá ser impedido de exercer o seu sacerdócio, porque no Brasil também é uma profissão, porque ele ganha por isso. Então, é o *imbroglio* jurídico. [...] Eu não posso ser contra defender qualquer cidadão, mas é muito complicado isso. [...] Eu acho que a maior justiça é a igualdade. Se todos forem iguais isso é justo, agora ter privilégios é um problema.

82 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1071307-assassinatos-de-homossexuais-batem-recorde-em-2011-diz-entidade.shtml>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

83 Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/04/04/cresce-numero-de-brasileiros-gays-no-exterior-que-pedem-asilo-alegando-homofobia.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

84 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZucpavII-J8>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

85 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Ddr5pKvVr70&noredirect=1>. Acesso em: 5 jul. 2013.

86 Disponível em: <<http://acapa.virgula.uol.com.br/politica/procuradoria-pede-retratacao-de-pastor-silas-malafaia-por-declaracao-homofobica/2/14/15797>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

87 BOMFIM, S. A. Homossexualidade, direito e religião: da pena de morte à união estável. A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa. *Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC*, n. 18, p. 1, jul./dez. 2011.

88 BOMFIM, S. A. Homossexualidade, direito e religião: da pena de morte à união estável. A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa. *Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC*, n. 18, p. 17, jul./dez. 2011.

89 Disponível em: <<http://www.marcofeliciano2010.com.br/?p=150>>. Acesso em 5 jul. 2013.

90 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sYn3JQnL0XU>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

91 NADAUD, S. *Homoparentalité: une nouvelle chance pour la famille?* Paris: Librairie Arthème Fayard, 2002.

As novas configurações familiares

Em janeiro de 2012, o conhecido cartunista Laerte, que se autodenomina um *crossdresser* (alguém que se veste como uma pessoa do sexo oposto), jantava em uma pizzaria em São Paulo e precisou ir ao banheiro. Ele estava no toailete feminino quando uma senhora e sua filha de seis anos entraram. A menina percebeu que não era uma mulher de verdade e ficou admirada. “Mãe, tem um homem no banheiro”, disse a garota.

Constrangida, a mãe foi reclamar com o gerente do restaurante, que repreendeu o cartunista. Laerte botou a boca no Twitter. O caso foi parar na Secretaria de Justiça de São Paulo, pois a casa estaria infringindo a Lei Estadual 10.948/2001, que trata da discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero.

A advogada Adriana Caldas do Rego Freitas Maluf utiliza esse episódio curioso para exemplificar como a questão da orientação sexual está cada vez mais invadindo o espaço público. “O que teria de fazer o restaurante, ter um terceiro banheiro? Se tivesse, talvez fosse autuado por discriminar também”, afirma Adriana, doutora em Direito Civil pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e autora de livros como *Novas modalidades de família na pós-modernidade* e *Direito das famílias: O amor e a bioética*, que tratam de temas ligados à formação da família e aos direitos humanos e da personalidade.

O caso é paradigmático e bem ilustra a discussão em torno do PLC122 e de toda a questão de gênero no Brasil de hoje. Adriana exemplifica as complicações do Projeto de Lei imaginando que, se em um restaurante

houvesse um casal heterossexual aos beijos e abraços, muitos também poderiam se incomodar e, se o texto do PLC122 fosse aprovado na íntegra, reclamar disso poderia resultar em processo.

Ela conta o caso de um rapaz que não conseguiu fazer uma doação de sangue porque tinha declarado ser gay. Ele reclamou junto à Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais (ABGLT), alegando uma suposta discriminação, e a entidade levou o caso aos jornais. O tema, segundo a advogada, é muito discutido na matéria de bioética, no curso de Direito. Ela explica:

A proteção de quem recebe o material está em discussão. Entre as exigências para a doação de sangue está o sexo seguro. Uma mulher que diga ter tido dez parceiros no ano anterior não vai poder doar sangue. Se fez sexo inseguro, também não vai. Se tiver menos de 50 quilos de peso, se tiver menos de 18 ou mais de 65 anos, não vai. Se fez *piercing* ou tatuagem, também não vai. Está na regulação, para garantir segurança. Para evitar polêmica, muitos órgãos colhem o sangue e depois o desprezam.

A advogada enxerga o PLC122 como “um documento ambíguo”. Se por um lado daria segurança para os homossexuais, por outro ela teme que, em vez de criminalizar a homofobia, gere uma “tirania homossexual”.

E digo isso sem nenhum conteúdo religioso. Imagine que amanhã estou dando aula na faculdade e peço para um aluno se retirar da sala por seu mau comportamento. Ele pode dizer que aquilo ocorreu porque ele é gay. Ou então deixo de indicar um candidato para um trabalho porque outro se saiu melhor e o preterido vai dizer que a razão é o fato de ser gay. Esse é o perigo. Este é meu viés, não sou da comunidade religiosa nem da comunidade gay, embora seja uma das grandes estudiosas da questão homossexual, transexual e de identidades de gênero no país. Creio que uma sociedade dita democrática tem que ter inserção para todos. Mas a democracia consiste justamente nisso: em eu poder dizer que você não pode doar sangue porque sua orientação sexual o põe no comportamento de risco.

Apesar dos excessos, a tentativa brasileira de criar uma legislação específica para penalizar a violência resultante do ódio e da discriminação contra os homossexuais está, segundo Adriana, em sintonia com um movimento internacional. O objetivo maior é obter, no âmbito da Organização Mundial das Nações Unidas (ONU), uma Declaração Universal que afirme que a orientação sexual é um direito humano e que a homofobia é uma prática a ser repudiada.

O Brasil é um dos países que lideram esse processo. Durante três anos, minorias sexuais do mundo todo lutaram para que a Comissão de Direitos Humanos (CDH) da ONU aprovasse a resolução denominada “Orientação Sexual e Direitos Humanos”. Foi apresentada pelo Brasil em 2003, mas sua votação foi adiada em três ocasiões, devido às pressões do Vaticano e da Organização da Conferência Islâmica, composta por Arábia Saudita, Líbia, Malásia, Paquistão e Egito. Segundo fontes que acompanham o assunto, os países islâmicos ameaçaram triplicar o preço do petróleo caso uma declaração com esse teor passasse. O Brasil foi então convidado a não apresentar mais a proposta.

Em 2011, contudo, a CDH aprovou uma resolução solicitando à Alta Comissária de Direitos Humanos que encomendasse um estudo “para documentar leis e práticas discriminatórias e atos de violência contra as pessoas por motivo de sua orientação sexual e identidade de gênero, em todas as regiões do mundo, e para documentar como a legislação internacional de direitos humanos pode ser utilizada para pôr fim à violência e às violações dos direitos humanos cometidas por motivo de orientação sexual e identidade de gênero”.

A liberalização dos costumes e a militância organizada LGBT ajudaram a formar um cenário global mais confortável para os homossexuais em relação a poucas décadas atrás. Contudo, apesar da busca crescente por sua inserção na legislação dos direitos humanos no mundo todo, 76 países ainda consideram as relações entre pessoas do mesmo sexo um ato criminoso, e

cinco deles o punem com pena de morte, segundo levantamento da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, pessoas Transgêneros e Intersex (Ilga). A entidade reúne 670 organizações em 110 países, em todos os continentes, e se dedica a combater a discriminação sexual e lutar pela descriminalização da homossexualidade ao redor do globo.

O primeiro país a retirar a prática homossexual da lista de crimes foi a Dinamarca, já em 1933. Em seguida, vieram Bulgária, em 1951, e República Checa e Hungria, em 1961. Nos EUA, Illinois foi a primeira unidade da federação a remover a proibição de “práticas não reprodutivas” de seu Código Criminal. Na década de 1970, a Dinamarca tornou-se o primeiro país a aceitar parcerias civis de homossexuais.

É somente no século XXI, contudo, que começam a surgir legislações equiparando o casamento homossexual ao heterossexual. A Holanda foi o primeiro país, em abril de 2001, a autorizar o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, com direitos iguais para os cônjuges em relação aos heterossexuais, incluindo direito à adoção de filhos. Até maio de 2013, havia 14 países que permitiam o casamento gay.

Para a advogada Adriana, a aceitação da instituição do casamento gay é uma questão regional e cultural. Ela cita o exemplo da Finlândia, que até hoje não admite o casamento homoafetivo nem discute a adoção de filhos por casais gays, mesmo sendo vizinha de Noruega e Suécia, que os aprovam. Ela esclarece:

A Finlândia não se adequa à cultura local, talvez por influência da época em que foi domínio russo. Se você transportar isso para um Brasil multicultural, plural, com diferentes estágios de desenvolvimento e centenas de religiões, fica mais difícil normatizar.

Configurações pós-modernas

Mesmo que esses debates causem controvérsia e recebam cada vez mais espaço nas páginas dos jornais, o Brasil avança rapidamente as leis que

garantem os direitos civis para a minoria LGBT, para descontentamento de boa parte da comunidade evangélica.

Nesse sentido, a aprovação da união estável entre casais homossexuais pelo Supremo Tribunal Federal em 2011 é um marco histórico. E traz como desdobramento jurídico a permissão implícita para que esses casais adotem filhos. Adriana reconhece que existe hoje adoção de filhos por homossexuais no Brasil. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê que, para se adotar, é preciso que haja casamento ou união estável. O Supremo Tribunal Federal, no momento em que equiparou a união estável homoafetiva à heteroafetiva, automaticamente autorizou a adoção.

Doutora Adriana pesquisou sobre como seria a vida das crianças adotadas por pais do mesmo sexo. Ela menciona estudos do psicanalista francês do hospital de Ville-Évrard, Stéphane Nadaud,⁹¹ e de Elizabeth Zambrano, antropóloga social Elizabeth Zambrano, antropóloga social do Instituto Brasileiro de Direito da Família, que indicam que os filhos adotivos de pais homossexuais, em princípio, crescem mais retraídos. Mas no desabrochar da adolescência, tornam-se mais permeáveis à tolerância e à diversidade. “Não ficou comprovado na obra desses estudiosos que a adoção trouxesse nenhum dano psíquico para a criança”, ressalta.

Para esses especialistas, famílias formadas por pais do mesmo sexo seriam apenas mais uma das configurações próprias da pós-modernidade. O século XXI começa com diferentes configurações de núcleos familiares, todos formatos previstos pelo direito das famílias, que tenta regulamentar essas uniões:

- A família tradicional (formada com base no sacramento do matrimônio).
- A união civil estável.
- A união de casais homoafetivos sem filhos.
- A família de duas mães ou dois pais, com filhos adotados.

- A família que tem origem nos estados intersexuais, onde o homem ou a mulher trocaram de sexo e contraíram matrimônio mediante o novo sexo.
- A formada pelos novos casamentos dos pais, onde entram “os meus, os seus e os nossos” filhos.
- A família de uma pessoa só, pois já se considera que uma pessoa, legalmente, também pode ser uma família.
- A formada por duas irmãs ou irmãos solteiros que vivem juntos.

A força instintiva que faz uma pessoa desejar ter filhos também levou a ajustes na legislação. A questão da filiação é bem mais complexa que a da união conjugal, por envolver direitos de terceiros. O Código Civil não regula filiação, mas sim as presunções de paternidade, explica a advogada. E, nessa modalidade, também fica patente a marca indelével da pós-modernidade.

São casos como o exemplo real de uma mulher que quis ter um filho por inseminação do esperma do marido que já morreu. É o que se chama juridicamente de “inseminação artificial *post-mortem*”. Ou então o marido que quer ter um bebê a partir do óvulo congelado da esposa que faleceu. Ele terá de recorrer a uma cessão temporária de útero. Pela lei, ele poderá fazê-lo, pois a reprodução é um direito humano fundamental, assim como é o direito à formação da família.

Em uma sociedade descristianizada e obcecada com os direitos individuais de pressão, surgem casos como o do político irlandês David Norris, que defende “a pedofilia clássica”, ou do polêmico filme brasileiro *Do começo ao fim* (que trata, com naturalidade, da relação incestuosa entre dois irmãos homens), ou o do bar Empório do Nono, em Campinas, onde o proprietário interrompe beijos entre casais heterossexuais.

Outro caso já considerado corriqueiro: uma mulher solteira que deseja ser mãe e recorre aos bancos de esperma para fazer a inseminação artificial, formando a chamada “família unilinear”. A certidão de nascimento do filho

trará, no lugar do nome do pai, uma sequência de letras xis. Os bancos de esperma, segundo Adriana, também são bastante frequentados por mulheres que se casam com homens gays e que nunca foram tocadas por eles.

Já se fala, inclusive, em gestação masculina. Há casos registrados nos Estados Unidos e na Europa. E existe em curso a chamada autoclonação reprodutiva, uma técnica para reproduzir material genético de duas mulheres lésbicas que queiram ter um filho. Uma delas acolhe o material em seu útero e vai gerar o bebê. Houve um episódio em que um casal como este resolveu se separar e a outra mulher entrou com pedido para desconstituir a maternidade da gestante, porque o óvulo gestado era o dela. Como se resolve isso? Quem é a mãe de verdade? A advogada analisa:

Para a biotecnologia, o céu é o limite. Quem vai regular essas discussões é a bioética e o biodireito. A bioética vai regular as relações médicas e pôr um freio nessa tecnologia. Pela técnica, seria possível hoje para uma mulher gestar o embrião de um macaco, porque o DNA é muito parecido. Mas isso seria ético? A ética não libera tudo, ela restringe e foca na dignidade da pessoa humana.

Ao ser questionada sobre o que leva as pessoas a não ver limites na ruptura de barreiras para realizar seus desejos, Adriana responde que é sinal de nossos tempos, uma vez que vivemos numa sociedade totalmente desconstruída, própria da pós-modernidade, com limites mais abrandados em tudo. Vivemos sob a ditadura do conhecimento.

Uma questão pastoral

Além de termos comido o fruto da árvore do conhecimento, há quem acredite que decidimos submeter nossas vidas ao governo de Afrodite. “É como se a deusa do amor se levantasse e colocasse toda uma civilização de joelhos diante dela”, afirma o pastor Ricardo Barbosa, da Igreja Presbiteriana do Planalto, em Brasília, um experiente conselheiro de casais cristãos.

Ricardo fala sobre o grande número de pessoas que procura seu gabinete pastoral em busca de ajuda para vencer vícios sexuais ou de pornografia na internet. “Quando vejo uma pessoa obcecada por sexo, isso, a meu ver, revela uma patologia. Colocando em termos teológicos, trata-se de uma idolatria. Uma pessoa hétero, que não pensa em outra coisa e que não se realiza com outra coisa, que se não fizer sempre, com cem caras diferentes, apresenta uma patologia. O mesmo vale para um homossexual. Muitos com quem já conversei apresentam esse quadro, a maioria hétero.”

A cultura é um alçó e, segundo o pastor, quer fazer crer que é impossível viver sem sexo. “Faz falta? Faz. Existe uma necessidade humana. Mas é possível conter-se. Eu sou de um tempo em que não era tão desesperador ter de se casar casto. Hoje, não, a pressão sobre os adolescentes é avassaladora, brutal e desumana.”

A discussão sobre a homossexualidade se insere, sob esta ótica, nesse contexto mais amplo. Ele observa:

O cenário da homossexualidade deve ser considerado com a complexidade de qualquer outro cenário que envolva o ser humano. Quando a Igreja fala de pecado, estamos falando de uma categoria teológica, e não sociológica,

psicológica, antropológica. É um conceito que diz respeito a Deus, à criação, às Escrituras Sagradas, enfim, à revelação. Portanto, é claro que ninguém pode impor um conceito como esse, que parte de um pressuposto da convicção que alguém tem de que a Bíblia é a Palavra de Deus. Às vezes, me parece que há os que tentam enquadrar um conceito como pecado nessas outras categorias.

Em várias conversas que tenho tido com pessoas que enfrentam o conflito da homoafetividade, uma coisa me chama a atenção: é uma confusão em relação a afeto, amor e sexo. Muitos carregam, talvez até pelo histórico de vida, uma necessidade muito grande de se sentirem amados, acolhidos, reconhecidos, mas, em virtude de vários fatores, acabam usando o atalho do sexo como meio de realização afetiva, que não é necessariamente o caminho para isso, e para ninguém. O sexo não nos realiza afetivamente, necessariamente. Tratar dessa questão envolve uma dimensão pastoral grande.

“As igrejas estão preparadas para lidar com essas pessoas?”, perguntei ao pastor Ricardo, em uma bela tarde de outono na capital da República. A resposta:

Precisamos ainda desenvolver uma pastoral boa, bíblica, coerente, para acolher essas pessoas, recebê-las, amá-las e criar espaço e condições para que elas possam experimentar a graça de Deus, o poder do Evangelho de Jesus Cristo, mesmo que isso leve tempo, mesmo que aconteça de forma lenta, como muitas vezes acontece. Ouvi de um rapaz que foi homossexual praticante durante muito tempo que nós afirmamos que a graça de Deus basta, que Deus ama o pecador, nós cantamos para as pessoas para que elas venham como estão. Mas não no caso dos gays. No caso dos gays, nós pedimos que eles mudem primeiro. A Igreja deve manter o mesmo convite para todos, onde todos possam caminhar pacientemente em direção à vida que Cristo nos oferece. A Igreja ainda precisa se preparar para isso.

Penitência e arrependimento

Além de se preparar melhor, a igreja evangélica precisa realizar um exercício de penitência e arrependimento pelos sentimentos negativos nutridos contra os homossexuais. É o que propõe o pastor Valdeci da Silva

Santos, da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo, no artigo “Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade”, posteriormente transformado em livro. Ele escreve:

Devido a atitudes preconceituosas, a igreja tem sido muitas vezes acusada de homofobia (medo ou aversão a homossexuais). Don Williams classifica tais atitudes como um dos principais fatores responsáveis pelo surgimento das igrejas gays, pois ‘a incapacidade da igreja em ministrar eficazmente aos homossexuais tem motivado o surgimento de aberrações como a Metropolitan Community Church, uma comunidade gay’. Assim, o avanço da teologia pró-homossexual pode ser interpreta-do como uma consequência da omissão da igreja em ministrar o evangelho aos homossexuais.⁹²

Segundo Valdeci, que é mestre em Teologia Sistemática e doutor em Estudos Interculturais pelo Reformed Theological Seminary, de Jackson, Mississippi (EUA), um segundo exercício que necessita ser feito diz respeito à prevenção, isto é, “à tomada de medidas que visam equipar a Igreja para responder, de forma prática, às propostas do homossexualismo, bem como evitar o avanço de tal prática em suas fileiras”. Ele diz ainda:

E por último, a Igreja deveria ainda cultivar o zelo por sua moral interna, a fim de que suas virtudes não sejam perdidas e ela mantenha sua autoridade ao testemunhar aos homossexuais. Em outras palavras, a Igreja deve resistir às forças do mundanismo dentro dos seus muros e entre os seus membros. O que é tolerado por cristãos hoje pode muito bem ser praticado por seus filhos amanhã. No entanto, há que se lembrar o fato de que o homossexualismo não é o único pecado a ser combatido. A despeito de assumir uma expressão antinatural, a prática homossexual não deve ser vista como um pecado maior do que qualquer outro. É elucidativo observar que, ao fazer referência aos excluídos do reino dos céus, Paulo menciona, juntamente com os sodomitas, os “maldizentes”, os “injustos”, os “ladrões”, os “adúlteros” e outros (1Co 6,9-10).

Em seu artigo, o pastor da Igreja Evangélica Suíça menciona ainda uma responsabilidade externa, que inclui sua atuação missiológica e apologética.

“A primeira diz respeito ao reconhecimento prático dos homossexuais como incluídos no alcance missionário da igreja. A segunda trata da necessidade que a igreja tem de assumir sua posição como coluna e baluarte da verdade no mundo.”

Pessoas com experiência na evangelização de homossexuais têm testificado que a mudança é possível. Pesquisas ainda enfatizam que, “no caso daqueles que afirmam ter abandonado a homossexualidade devido ao seu encontro com Cristo, a mudança tem nome: conversão”.

Mas nem todos os ministros creem que os homossexuais precisam de conversão. O reverendo Aldo Quintão, da Catedral Anglicana, é criticado por teólogos tradicionais por receber gays e lésbicas em sua igreja, no Alto da Boa Vista, um bairro de classe média alta de São Paulo, e pregar um evangelho liberal. “Cunhei uma frase: eu recebo na catedral seres humanos. Aqui não tem Inmetro. Temos uma visão aberta e pluralista do mundo.”

Por ter celebrado casamentos de celebridades e ter se posicionado publicamente em favor dos homossexuais, Aldo recebe cerca de 300 e-mails por semana, em sua maioria pedidos de aconselhamento, muitos na área da sexualidade. “A Bíblia, a Palavra de Deus, a Sagrada Escritura, é um auxílio em nossa vida. Mas não pode ser analisada literalmente, como analisam os ortodoxos, os conservadores e os criacionistas. Tem muita figura de linguagem e licenças poéticas, e você tem que usar essas coisas para o bem, não para o que lhe interessa.” Ele diz ainda:

Está escrito lá: se o homem se deitar com outro homem, isso é uma abominação. Mas se hoje, terceiro milênio, com o avanço da ciência, das leis e da liberdade, você ainda mata e persegue o homossexual, imagina há cinco mil anos atrás, como era a vida de uma pessoa dessas?

Vou dar exemplos de leis que estão na Bíblia e que são politicamente incorretas. Paulo diz assim: escravos, sede submissos aos vossos patrões. A escravidão é aceita na Bíblia. Ou então: quando você invadir uma cidade, mate as mulheres velhas, as crianças, deixe as jovens para procriação. Está autorizando o estupro. Ou então quando diz: mulheres, quando vocês

entrarem na igreja, fechem a boca. Se fosse pela Bíblia, a Dilma não seria presidente da República, as mulheres não poderiam estar no Supremo Tribunal Federal.

A Bíblia também diz: todo flagrante adultério tem que ser apedrejado. Cegos, aleijados, leprosos, todos têm que deixar o convívio social. Todos os desajustados. Cristo vai lá e mostra que tem que agregar, tem que trazer de volta.

Se você abrir um restaurante e fechar para almoço você vai falir; se abrir um hospital e não aceitar doentes, vai falir; se abrir um salão de beleza e não tiver manicure, vai falir. O que é uma igreja? É para quem está com fome, para quem está doente, para quem quer ficar mais bonito. Esta aqui é uma igreja. Se eu nasci diferente por ser gay, e a minha família não me aceita, minha igreja não me aceita, eu mesmo não me aceito – preciso saber que Deus me aceita. E preciso encontrar pessoas que vão me mostrar isso na prática, mostrar que Deus quer que eu viva uma vida plena. Eu não vou ser motivo de escândalo, não vou ficar abraçando ninguém no banco da igreja.

“Você me pergunta qual é a minha teologia”, ele me diz. “Minha teologia? Jesus disse assim: ‘você está cansado, sobrecarregado? Vem para junto de mim, meu fardo é leve e meu jugo é suave’. É nisso que eu acredito.”

Pergunto ao jovem pastor se esse tipo de discurso não dá margem a criar uma igreja permissiva. Ele reforça que o essencial na mensagem de Cristo está em não fazer ao outro o que eu não quero que façam a mim. “Eu nunca disse que tudo pode. Mas precisamos parar com essa coisa também de que nada pode. Por que o ‘negar-se a si mesmo’ tem que ser necessariamente negar a sexualidade? Negar é não ter libido? A Bíblia diz – eu vim para que você tenha qualidade de vida. Mas essa qualidade não pode estar baseada na infelicidade do outro. Este é o limite.”

Não foi assim desde o princípio

Quando pergunto a outro líder evangélico controverso, Caio Fábio de Araújo, do Caminho da Graça, de Brasília, se a questão homoafetiva tem o

mesmo peso para a Igreja do século XXI que o divórcio teve no século XX, ele diz que nem a homossexualidade nem o divórcio devem ser vistos como naturais. “O divórcio não é para ser considerado normal, porque Jesus disse que não foi assim desde o princípio. Trata-se de um remédio que deveria ser aplicado pelos cônjuges somente em caso de gangrena com risco de septicemia; do contrário deve-se fazer o possível para salvar aquele corpo. Nunca poderá ser considerado normal ter de amputar um braço, ou arrancar um olho; você só faz isso para evitar uma coisa pior.”

Caio Fábio, que foi um dos maiores líderes evangélicos brasileiros nos anos 1980 e início de 1990, passou ele mesmo por um divórcio e não é aceito por uma ala mais conservadora da igreja, que questiona a credibilidade de um pastor que cometeu adultério e se envolveu em uma rede de intrigas políticas que lhe renderam processos na Justiça. Mas o fato é que seus 40 anos de vivência ministerial e acolhimento de gays que foram rejeitados por outras igrejas o habilitam a tratar do assunto com conhecimento de causa.

O pastor crê que há três categorias distintas de pessoas nessa condição. Ele baseia sua teoria na leitura do trecho, aqui já citado, em que Jesus menciona os eunucos de nascimento. “Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o” (Mateus 19,12).

Para Caio Fábio, existe uma minoria que já nasce com uma orientação homoafetiva. Ele diz que esses são os “homossexuais verdadeiros, que não precisam militar na causa nem fazer propaganda disso”. Há ainda, segundo sua visão, os que se tornaram gays como resultado de disfunções familiares ou por terem sofrido abuso sexual na infância; e aqueles que optaram por sê-lo, tendo cedido aos apelos eróticos de uma sociedade “romanizada”. Ele diz:

Os natos conseguem deixar a prática, mas nunca a condição homossexual. E isso a Igreja não quer entender. Eles podem tornar-se “eunucos” por amor ao Reino de Deus, como quem se castra. Podem vir a nunca mais praticar

nenhum ato homossexual, mas isso não muda quem eles são do ponto de vista afetivo e da sua interioridade.

O pastor crê que uma pequena porção nesta minoria opta pelo árduo caminho do celibato. “Conheço alguns que viveram como grandes solteiros. Depois de tentarem casar-se perceberam que a castidade era o melhor caminho. Mas, como Jesus disse, nem todos estão aptos a uma escolha dessas.”

O que adota um estilo de vida homossexual por pressão cultural está simplesmente nadando a favor da maré. Ele espelha, segundo Caio Fabio, o tipo de pessoa descrita no primeiro capítulo da carta de Paulo aos Romanos, no qual o apóstolo descreve práticas homossexuais “inflamadas” e “contrárias à natureza”.

Paulo ali está falando ao Império Romano, onde Cesar era a esposa de todos os maridos e o amante de todas as esposas. Praticamente todos os imperadores eram homossexuais praticantes. Paulo fala de uma escolha, daqueles que faziam aquilo porque podiam, que se serviam de seus pupilos e escravos. Havia os que com isso se pervertiam e se transformavam em monstros de avidez sexual. O assunto era tão grave que o apóstolo menciona em I Timóteo 3 que o bispo seja marido de uma só mulher, porque quando o Evangelho atingiu essas pessoas, havia homens que tinham várias esposas ou outras situações esdrúxulas.

“Que tipo de tratamento um homossexual recebe em sua comunidade?”, foi minha próxima pergunta ao pastor Caio. Ele respondeu que aceita que frequentem a igreja e que sirvam com seus dons:

Há um casal de mulheres homossexuais em minha comunidade, que servem ali ativamente. Tenho o maior respeito por essas pessoas, mas não as ordenaria pastoras. O bispo tem de ser heterossexual e marido, ou esposa, de uma só pessoa. A verdadeira igreja aponta na direção do ideal de Deus. Mas não se priva desses irmãos a oportunidade do serviço, porque são pessoas cheias de dons e de graça. Quem sou eu para dizer que uma pessoa cheia de dons e de misericórdia não pode servir no Reino?

A leitura de Caio Fábio a respeito dos eunucos é controversa. Para o pastor paulista Ariovaldo Ramos, a passagem não traz elementos suficientes para uma interpretação segura. “Jesus não se aprofundou nessa questão, por isso você fica sem parâmetros seguros para fazer uma exegese.”

Segundo Ariovaldo, que é escritor e conferencista renomado, e pastoreia a Comunidade Cristã Reformada, em São Paulo, a fé cristã entende que todos os seres humanos nascem, sim, marcados pelo que ele chama de “disfunção”:

Toda a raça humana está imersa num ambiente de trevas, e a salvação é justamente arrancar as pessoas desse lugar e transportá-las para o reino de Jesus Cristo. Isso é um ato divino, e não humano. Portanto, quando Jesus diz que há seres humanos que nascem em condições a, b ou c, ele não está dizendo que eles nascem assim por vontade de Deus, mas que são fruto dessa disfunção que é comum a todo ser humano, pois a raça humana é uma raça caída, que saiu da dimensão espiritual da luz e foi para a dimensão das trevas. Nesta dimensão, nós só não somos totalmente tomados por nossas disfunções e pulsões porque Deus nos empresta suas qualidades para contemporizar nossa queda, e permitir que o mal não seja o único conteúdo para nossa existência, o que nos dá inclusive condições de entender a sua mensagem e o seu chamado. Caso contrário nós nos tornaríamos incapazes de compreender e, portanto, de qualquer apelo ao arrependimento. A fé cristã nos mostra que a maldade é inerente e a bondade é um empréstimo de Deus.

Com base nesse contexto, Ariovaldo Ramos imagina que alguém possa nascer, sim, com determinada disfunção atuante na área da sexualidade. “Mas não dá para provar isso nem sustentar isso textualmente. É apenas uma tese.” E completa:

Quando alguém propõe que uma disfunção seja acolhida como normalidade, a coisa fica muito complexa. Porque há outras disfunções entre os seres humanos, umas inclusive que tornam a vida em sociedade perigosa; há disfunções, por exemplo, que colocam em risco a segurança das crianças. É complicado dar *status* de normalidade a algo que é disfuncional.

Direito ao livre exame

Perguntei também ao pastor Ariovaldo Ramos o que ele pensava a respeito das comunidades inclusivas, que estão em ritmo acelerado de crescimento na capital. Ele respondeu que, por ser protestante, sempre defenderá o direito que todos temos ao livre exame das Escrituras Sagradas, um dos pilares da Igreja reformada:

Vou continuar protestante mesmo quando o livre exame exercido por alguém o leve para uma disposição em relação às Escrituras diferente da minha. Se ele perguntar a minha opinião, vou dizer que discordo da sua interpretação, creio que você está incorrendo em equívoco e erro. Mas quem vai julgar isso é Deus. Lutei sempre por uma sociedade igualitária, onde as pessoas possam se reunir segundo a sua consciência, desde que isso não coloque em risco a vida da outra e o direito da outra. Eu não concordo com a interpretação que a igreja inclusiva dá para as Escrituras, mas eu respeito, é um direito deles e uma perspectiva. Não acho nem que haja aí um embate teológico. Penso que a exegese em relação a esse assunto é quase impossível, dada a clareza dos textos. Toda exegese possível aponta para a família nuclear e para a heterossexualidade. Mas eles estão exercendo o seu direito e estão, como todos nós, se lançando à misericórdia de Deus.

Nenhum de nós é salvo por mérito, todos somos salvos por graça. Nós não sabemos qual é a amplitude dessa graça, isso é uma definição divina, graças a Deus. E isso torna-nos todos codependentes dele. Todos nós temos que dar nosso salto nos braços de Deus, na esperança de contar com a sua misericórdia e sua bondade, como disse o teólogo Soreen Kierkegaard. Acho que este é também o caso das igrejas inclusivas.

“E qual a melhor maneira de levar a igreja a lidar melhor com essas pessoas que têm conflitos na área da sexualidade?”, foi minha pergunta. Ele respondeu:

Em vez de sermos beligerantes temos de ser pastorais. Temos que criar uma pastoral para ajudar aqueles que, dentre nós, estão lutando com essa disfunção, como nós estamos lutando com as nossas. Com relação àqueles que cansaram de lutar e se renderam a ela, temos de ser misericordiosos, e esperar pela definição do Altíssimo. Pelo grande dia em que todos nos reuniremos diante dele. Quanto a isso, eu concordo com São João Crisóstomo, que disse que

Deus é amor e o juízo é o último ato de Deus na história da humanidade. Provavelmente será um ato de amor.

Havia uma dúvida que ainda me afligia, mesmo depois das várias conversas com esses pastores, cujo objetivo era apresentar uma visão pluralista e abrangente do tratamento ministerial mais adequado aos homossexuais cristãos. Se as raízes da homoafetividade são incertas, e se há teólogos não inclusivos que admitem que pode haver, em alguns casos, homossexuais inatos, não seria cruel exigir de todos os homossexuais cristãos que trilhassem o caminho do celibato? A igreja não estaria com isso condenando um grande número de fiéis à solidão eterna? O pastor Ricardo Barbosa me falou sobre isso:

Nos movimentos monásticos, do começo da Era Cristã, havia três votos clássicos: o de obediência, de castidade e de pobreza. Li um historiador que dizia que o voto de castidade não existia porque o sexo fosse ruim ou diabólico, e, portanto, era necessário livrar-se dele. Os primeiros que pensaram nisso queriam amar sem cultivar um olhar libidinoso. Queriam alcançar uma pureza de amor onde não houvesse lugar para o desejo, mas somente para o amor. Eles acreditavam nisso. O voto da pobreza, por sua vez, não existia porque o dinheiro fosse intrinsecamente ruim. Mas porque eles queriam aprender a relacionar-se com as pessoas sem almejar nada que fosse delas, e sem precisar proteger aquilo que fosse deles. Uma vez que eu não tenho nada para proteger nem nada para cobiçar eu crio uma liberdade para me relacionar com você. Não tem nada seu que eu queira. E não tem nada meu que você possa querer, porque eu não tenho nada. Há então uma chance de existir uma liberdade tal e de sermos amigos, sem nenhum outro interesse que não seja a amizade. Para esses monges o voto da castidade envolvia essa pureza do amor, o amor que não tinha outra intenção senão amar, cuidar e nutrir.

“Será que num estado de humanidade plena”, ele continuou, “essa capacidade de amar plenamente as pessoas, mesmo quando elas não são capazes de nos amar na mesma plenitude, não nos tornaria pessoas menos

inclinadas a esse tipo de afeto particular voltado somente a uma determinada pessoa?”

Eu olhava para o pastor Ricardo como se estivesse diante de um manuscrito rúnico. Tinha lágrimas nos olhos, mas um coração incrédulo. Petulante, perguntei àquele homem de Deus, que parecia mesmo acreditar num “estado de humanidade plena”, se aquela não seria uma visão altamente idealizada sobre a capacidade humana de amar. E ele serenamente me contou uma história:⁹³

Conheço uma história assim. Seu José e dona Otávia. Dona Otávia foi fazer uma cirurgia e, por alguma complicação, entrou em coma. Ficou no hospital um tempo, tiraram os aparelhos, ela continuou respirando: vida vegetativa. Foi levada para casa e seu José passou a cuidar dela. Ele escrevia poemas e lia todos os dias para ela. Tinha a impressão de que ela o ouvia. Quando ia à igreja, voltava e compartilhava o sermão com ela. Orava junto dela. Aprendeu a tocar gaita, e tocava para ela. Viveu assim por 25 anos. Por uma dessas ironias divinas, ele morreu antes da esposa. Um ano depois, ela faleceu. Ela nunca saiu do coma. Foram 26 anos.

Imagino que não deve ter faltado gente que dissesse para seu José tocar a vida, colocar a mulher numa clínica e seguir adiante. Mas ele dizia que a amava e queria cuidar dela até o fim de sua vida. E assim ele fez. Morreu cuidando dela. E eu te pergunto: Quem é que não gostaria de ser amado desse jeito? Ser amado mesmo quando não temos condição de corresponder? Este é o jeito que Jesus ama. Amou gente meio inválida, como eu, como você, sem desejar nada em troca. Você ainda encontra esse tipo de amor por aí. Ande pelos orfanatos, pelos leprosários. Mas essas pessoas não estão na mídia. O problema hoje é que amor virou sinônimo de sexo. E não é.

A entrevista com Ricardo Barbosa durou quase três horas, mas foi como um vento suave de outono.

A tarde caía sobre o Planalto Central, e as nuvens carregavam tonalidades de branco, azul e cinza, das sombras mais claras às mais assustadoras, um céu que refletia os fragmentos insondáveis da natureza humana.

Teoricamente, eu acreditava naquele tipo de amor que o pastor descrevera. O amor ágape, puro, incondicional e desinteressado. Aquele que “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. Mas não se pode dizer que haja muito desse tipo de amor por aí.

“Será que num estado de humanidade plena, essa capacidade de amar plenamente as pessoas, mesmo quando elas não são capazes de nos amar na mesma plenitude, não nos tornaria pessoas menos inclinadas a esse tipo de afeto particular voltado somente a uma determinada pessoa?”

Esses pensamentos vieram comigo na viagem de volta de Brasília. E ficaram muitos dias ecoando em meu coração.

92 SANTOS, V. Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade. *Fides Reformata*, v. VIII, n. 1, p. 99-132, 2003. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_VIII_2003_1/v8_n1_valdeci_santos.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2013.

93 Os nomes adotados são fictícios.

O drama das mães

Nem todas as igrejas evangélicas parecem dispostas a trabalhar por criar um espaço de acolhida aos homossexuais que as procuram como ponto de apoio para reflexão sobre seus conflitos internos. Aos que buscam uma comunidade cristã na esperança de dividir o sofrimento envolvendo a área da sexualidade, a recepção muitas vezes pode ser frustrante, pois a letra da Lei tem mesmo o poder de matar.

Por causa dessa reação defensiva e por vezes hostil, os homossexuais que optaram por não dar as costas a Deus podem viver como atores, escondendo sua realidade, como forma de ser aceitos e de poder continuar frequentando a congregação. Mas essa vida dissimulada não é exclusividade dos gays. É vivida também por outro grupo que sofre em demasia com a questão: os pais e as mães dos LGBTs.

A professora aposentada Rute, de 54 anos, é uma dessas mulheres que em muitas ocasiões choraram, escondidas, desde que descobriram ter um filho gay. Criada na Congregação Cristã do Brasil, denominação com rígidas normas de usos e costumes, que incluem a proibição de ter rádio ou televisão em casa, e do corte de cabelo e uso de maquiagem pelas mulheres, Rute segue uma doutrina que prega que homossexualidade é coisa do diabo e toda pessoa gay está, na verdade, possuída por um demônio.

Quando o filho revelou-lhe, aos 19 anos, que era homossexual, ela se lembra de ter feito um escândalo: chorou, gritou, brigou com ele e disse que aquilo era inadmissível. Durante muitos anos a única oração que ela conseguia fazer por ele era pedindo que Deus o libertasse daquele mal. “No

começo, eu não falava, não comia, não dormia direito. Ia quase todo dia à igreja para orar e pedir que Deus o livrasse daquilo. Em casa, eu só chorava, e dei uma gelada em meu filho.”

Na igreja que ela frequenta há mais de 30 anos, nunca encontrou uma amiga ou um ancião (designação dos líderes na denominação) com quem se sentisse confortável para desabafar e dividir a carga emocional. “Hoje, tenho coragem de conversar sobre isso com algumas amigas, mas não com as pessoas da igreja. É muita condenação ali”, ela diz.

A culpa era uma constante no coração de Rute. Ela achava que deveria ter passado mais tempo com os filhos, que ficavam sob os cuidados da avó enquanto ela saía para se formar no magistério e trabalhar. Ela acreditava que, se tivesse se dedicado mais a eles, se tivesse dado mais amor, quem sabe seu filho não se tornasse gay. Hoje ela pensa diferente e acha que ele seria homossexual do mesmo jeito, mesmo que estivesse mais presente em sua infância. Embora confesse que a condição do filho ainda a desagrada, crê que, “se ele foi feito assim e não tem culpa de ter nascido gay, então Deus terá misericórdia dele”.

Rute afirma que atualmente consegue aceitar o filho como é, além de também acatar a profissão dele: o rapaz é ator e, entre os seus trabalhos eventuais, está apresentar-se como *drag queen* em espetáculos ou telegramas animados. “É o trabalho dele, que faz muito bem. Ele não está se prostituindo, isso é o que importa.”

O processo de aceitação levou quase dez anos e mudou inclusive a maneira de orar de Rute. Quando intercede a Deus pelo filho, ela não pede mais que ele seja liberto, mas que o Senhor o abençoe, que o guarde do mal e da violência e que realize os desejos de seu coração. Ela termina com a revelação surpreendente: “Hoje penso que seria bom que ele tivesse um companheiro, porque estar sozinho também é muito triste”, diz essa mãe que nunca havia sido capaz de admitir que o filho tivesse um relacionamento homoafetivo.

Pais acolhidos

Boa parte da aceitação de Rute foi resultado do trabalho de uma ONG, sem cunho religioso, que tem por objetivo aproximar os pais que em algum momento se distanciaram dos filhos LGBT por não conseguirem lidar com o fato. O trabalho da ONG Grupo de Pais de Homossexuais (GPH) pode inspirar as igrejas que queiram aprender um jeito mais fraterno de receber os homossexuais.

Escritora, pesquisadora e doutora em Semiótica pela Universidade de São Paulo, Edith Modesto é a fundadora do GPH e estuda o tema da homossexualidade há mais de 20 anos. Ela se interessou pelo assunto depois que descobriu que o caçula de seus sete filhos era gay. Ela conta que passou por um processo lento e doloroso de aquisição de conhecimento e aceitação. Ficou brava, inconformada, triste e desesperada, sentiu medo e vergonha e se sentiu muito só. Não tinha com quem conversar. Ela disse:

Qualquer semelhança com o que meu filho certamente sentiu não foi mera coincidência. Os pais, como seus filhos, também passam por um processo de aceitação, também têm de “sair do armário” e precisam igualmente de apoio. Um suporte que seu filho ou sua filha homossexual dificilmente tem condição de lhes dar. Na época, o meu maior desejo era conversar com outra mãe como eu. Trocar ideias e sentimentos, desabafar... Mas não consegui encontrar nenhuma!

Essa mais completa solidão, também vivenciada por Rute, impulsionou Edith a criar a ONG, que tem sede em São Paulo e, em 15 anos, já ajudou milhares de jovens LGBT e seus pais a encontrar o caminho da reconciliação. Ela publicou três livros sobre diversidade sexual, entre os 13 que escreveu ao longo da vida: *Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais*; *Entre mulheres: depoimentos homoafetivos* e *Vidas em arco-íris: depoimentos sobre a homossexualidade*. Em 2011, com sua tese de doutorado *Homossexualidade: preconceito e intolerância*, ela recebeu o Prêmio Tese

Destaque USP, na sua área de estudos, no dia em que a universidade comemorou 100 mil teses e dissertações.

O GPH acolhe pessoas de todos os credos e as sem nenhuma crença também. Pais e mães se reúnem mensalmente ou em bate-papos virtuais, para compartilhar as dificuldades que enfrentaram quando descobriram que o filho ou a filha é homossexual. O objetivo do grupo é aproximar a família. Ela explica que, na ONG, acreditam que a homossexualidade é uma condição natural e espontânea, e não uma escolha, algo adquirido ou construído. “Faz parte da diversidade sexual humana”, teoriza.

Doutora Edith acredita que pode haver casos em que as pessoas cedem a modismos ou à pressão da cultura. “Por exemplo, na USP, hoje, há certo modismo de as mulheres serem bissexuais. Mesmo assim, acho que, quando a pessoa vai por esse caminho, é porque alguma coisa tem”, especula. Até chegar a essas conclusões, Edith, que tem formação católica romana, conta que enfrentou cinco anos de intenso sofrimento, porque queria entender o que tinha “dado errado” com seu filho. Ela hoje define essa fase de sua vida como de “extrema arrogância”. E afirma:

Por alguma razão, Deus escolheu não nos contar a razão de criar algumas pessoas assim, e é uma grande arrogância do homem querer ter a explicação para tudo. Ele não quis revelar e pronto. Deve ter tido um motivo para ter criado essa diversidade. Talvez seja para nos tornar pessoas melhores, capazes de aceitar as diferenças. Pessoas que respeitem o modo de ser de cada um. Deve ser esse um dos motivos. Mas pode haver outros.

Edith reconhece que, teorias à parte, o que realmente se sabe é que os pais precisam de informações corretas, apoio e diálogo para vivenciar essa situação difícil e que divide as famílias. Ela conta que o processo de aceitação para quem tem um filho gay é demorado: em geral leva de dois a cinco anos. A pesquisadora também questiona os pais que afirmam ter aceitado seus filhos, mas que continuam mantendo sua orientação sexual em segredo. “Há mães que dizem que aceitam, mas não contam pra ninguém. Isso não é

aceitação.” Edith nota que, como todo processo terapêutico, os pais passam por diferentes fases, da negação à aceitação. De todos, o mais duro é enfrentar o luto, quando o filho heterossexual idealizado terá que morrer para dar lugar ao filho verdadeiro.

Em um trabalho marcado pela solidariedade e pela tolerância, a doutora Edith Modesto observa que, dentre os pais religiosos, os que conseguem lidar melhor com a homossexualidade dos filhos são os budistas e, em termos, os kardecistas. Segundo ela, isso se deve ao fato de os budistas serem muito solidários e despidos de julgamentos, enquanto os kardecistas consideram a homossexualidade um carma, uma forma de pagar pecados de outras encarnações. De todas as religiões, os que têm mais dificuldade em aceitar seus filhos são os evangélicos e os católicos. E, dentre os evangélicos, segundo Edith, os presbiterianos demonstram ter uma postura mais flexível.

Ao ser indagada sobre o que mudou ao longo dos anos em que a coordena o grupo, Edith responde que a situação atualmente é melhor, porque antes as famílias simplesmente abandonavam os filhos, os expulsavam de casa, e não tinham com quem compartilhar esse problema. Mas faz uma ressalva: “Melhorou, mas ainda estamos assim: na casa do outro pode ter homossexual, mas não na minha. As pessoas ainda sentem pena da mãe que tem um filho homossexual”.

Para muitos pais, aceitar a homoafetividade do filho não é uma hipótese. E, nesse grupo, a forma de resolver a questão passa por um mergulho em um estado de isolamento. “Eu construí um mundo de fantasia para mim. Finjo que não existe esse capítulo na minha vida, tento não pensar”, afirma Lígia, criada na tradição presbiteriana e mãe de três filhas, a mais velha homossexual. “Sabe quando você sabe que uma coisa não tem jeito? Eu sinto como se ela não fosse mais minha filha. Ela tem que viver distante, não pode ser uma filha a meu lado. Somos duas pessoas que pensam de modo completamente diverso.”

Desde muito pequena, Márcia era uma menina diferente, segundo sua mãe. Nunca gostou de bonecas nem de roupas femininas. Quando Lígia juntava bonecas para brincar com ela, a filha sempre queria ser o pai ou o médico das bonecas. A mãe lhe comprava vestidos cheios de laços e rendas, mas ela chorava para vesti-los.

Na juventude, Márcia foi uma jovem impulsiva e errante. Usou drogas, teve namorados esquisitos, parecia estar sempre insatisfeita. Ao tomar conhecimento de um trabalho missionário evangélico voltado para jovens, Lígia mandou-a para o acampamento, onde Márcia passou algumas temporadas de férias e se converteu. Quando tinha vinte e poucos anos, influenciada por esse novo ambiente, decidiu entrar para o seminário.

Lígia ficou feliz na ocasião, mas ainda assim um tanto quanto desconfiada. Aquilo tudo lhe soava falso. A mãe se recorda de que quando Márcia começou o curso naquele novo ambiente, vivia na expectativa de que sua vida seria diferente. “Havia a promessa de que quando ela aceitasse Jesus seria uma pessoa alegre, como se no dia seguinte fosse acordar radiante. Mas isso nunca aconteceu. Ela continuou sendo uma moça instável.” O pior ainda estava por vir. A intuição da mãe estava correta. Sua filha não se enquadrou na rotina de regras e abandonou as aulas antes de concluir o curso. Enquanto estava lá se apaixonou por uma colega de classe, o que, segundo Lígia, apressou ainda mais a sua saída.

Passaram-se alguns anos, até que ela conheceu um rapaz e se encantou por ele. A mãe sabia que o jovem vinha de uma família desestruturada e que também tinha problemas com drogas. Ficou preocupada, mas feliz, porque, afinal, era um homem. Chegou a comentar com a filha que achava o rapaz com quem ela estava namorando “muito louco”. O pai também não aprovava o namoro, mas não a confrontava diretamente. Márcia respondia que o amava. Os dois se casaram e se mudaram para os Estados Unidos.

O casamento durou quatro anos. Terminou depois de algumas brigas violentas, das quais Márcia saiu em pior estado. Lígia esperava que a paixão

pelo marido transformasse a filha e que ela finalmente decidisse viver a vida como uma mulher “de verdade”. “Aquilo me trouxe alívio. Apesar de saber que ela estava com uma pessoa desequilibrada, tinha esperança que ela se regenerasse. O amor que demonstrava ter por ele era enorme.”

Quando veio o divórcio, Márcia voltou a sua cidade natal e ali conheceu uma moça, por quem se apaixonou. As duas viajaram juntas para os Estados Unidos, onde vivem até hoje como um casal. Isso já faz 17 anos. Na véspera da viagem, a mãe e as irmãs choraram e pediram que ela ficasse. “Disse a ela que aquilo era uma loucura, pedi que pensasse em Deus. Que lembrasse que o que ela estava fazendo era condenado pela Bíblia. De nada adiantou.”

A mãe reconhece que Márcia estabilizou-se emocionalmente depois de encontrar sua companheira. Aquietou-se e vive uma vida tranquila, trabalha demais, “é uma batalhadora”. Para Lígia, por outro lado, a vida piorou muito: “Hoje sou uma pessoa fechada no meu mundo”, diz.

Ao ser indagada sobre o que diria para uma mãe que acaba de descobrir que tem uma filha homossexual, Lígia responde que a mãe que está nesse processo não pode crucificar a filha, nem expulsá-la de casa, “mas não significa que tem de apoiar”. Ela diz que é preciso amar e continuar orando, entregá-la nas mãos de Deus. “Eu peço diariamente, muitas vezes, e estou esperando essa resposta. O que Deus nos ensina é que homossexualidade é pecado. Por que então eu tenho de aceitar?”

Durante a entrevista, que levou cerca de quatro horas, em nenhum momento ela mencionou o nome da companheira de Márcia. Ressaltou que a filha sempre será bem-vinda em sua casa, mas somente ela. “A outra pessoa, não”, Lígia disse.

Oro todas as noites por minhas filhas e por ela em especial. Pergunto sempre a Deus o que pode fazer por ela. Digo: “O Senhor a conhece”. Eu achava que a conhecia, mas não. O Senhor me emprestou a Márcia por um tempo, e eu dediquei minha filhinha a Ele. Sempre orei para que ela conhecesse a Palavra de Deus. Ela estudou a Bíblia, mas nem Deus foi suficiente para conter aquele impulso. Nem o amor pela mãe ou pelas irmãs. Quando a gente era mais

jovem, a gente deixava de fazer muitas coisas por amor aos pais, por amor a Deus.

Lígia concluiu: “Quando eu chegar ao céu, a única coisa que eu quero saber de Deus é isto: por que aconteceu isso na minha casa?”.

Onde foi que eu errei?

Lígia estudou muito sobre homoafetividade, mas não tem uma posição clara sobre o que leva uma pessoa a ser gay. Acha “possível” que Márcia tenha nascido assim, embora essa visão, ela crê, vá contra o que aprendeu nas Escrituras. Nunca se sentiu responsável em nenhum aspecto pela homossexualidade da filha. Mas a primeira pergunta que muitos pais fazem quando descobrem a orientação sexual do filho é justamente esta: “Onde foi que eu errei?”.

Foi exatamente o que o pastor Caio Fábio D’Araújo Filho disse ao filho mais velho, Ciro, quando ele lhe revelou que não tinha mais condição de esconder sua homoafetividade. A conversa aconteceu em 1996, e Ciro, aos vinte e poucos anos, terminara um noivado recentemente. Ele me disse:

Pai, tudo o que eu vou dizer a você hoje tem a ver com aquilo que você me ensinou sobre o que é ser um homem. Sobre ser verdadeiro, ser íntegro. Quero dizer que você gerou um homem, pai, e estou junto de você para enfrentar qualquer coisa a seu lado em nome da justiça e do evangelho. Você gerou um homem. É em nome dessa integridade que preciso dizer para Deus, para mim e para você, pai, que eu sou homossexual. Eu luto com isso desde os seis anos de idade, mas o meu amor por Deus e por você me faziam pensar, meu Deus, como é que eu vou enfiar uma adaga dessas no peito do meu pai? Deus sabe a quantidade de jejuns, de retiros, de solidão, de busca, Deus sabe, pai. Mas não vou permitir que nada me desvie do caminho do meu ser. Porque foi isso que você me ensinou.

“Choramos juntos naquele dia”, lembra o pastor. Ciro prosseguiu e confidenciou que desfizera o noivado porque conhecera um rapaz, por quem havia se apaixonado. Ele disse ao pai que descobriu não ter vocação para

viver na escuridão. “Sou um homem da luz e, sejam quais forem as consequências, pai, saiba que você criou um homem para viver de cabeça erguida e que responde a Deus por seus atos.”

Caio Fábio perguntou ao filho em quê ele e sua mãe haviam falhado. Ciro disse-lhe que olhasse os irmãos, feitos da mesma fornada, e tão diferentes dele. E respondeu: “Pelo amor de Deus, pai, nunca pense isso. Eu já me percebi assim desde criança, minhas primeiras lembranças já são assim”.

O pastor respondeu ao filho que o respeitava e depois falou das duras consequências que ele teria de enfrentar ao assumir sua orientação publicamente. Pediu que fosse sempre sóbrio e discreto. Que entendesse que não estava trafegando na via da natureza essencial do gênero humano. Que aplicasse sempre o princípio do evangelho de não escandalizar os irmãos, de não “servir carne para quem só come legumes”. Que não se escondesse, mas que também não fizesse show. Disse-lhe que, se alguém perguntasse, respondesse. Se isso não ocorresse, que não se expusesse.

“Essa é a diferença entre o homossexual e o homossexualismo: o homossexualismo é propositivo, filosófico, catequético, ideológico e impositivo”, afirma Caio. Ao lembrar a reação do filho, os olhos do pastor se encheram de lágrimas. Estava claro que falar sobre isso, mesmo depois de tantos anos, ainda lhe causava sofrimento. Ele me disse: “Pai, tudo o que eu queria era lhe dar netos. Hoje estou carregando dores, pai, mas sinto alívio; vou carregá-las na verdade, e não na farsa”. O sentimento do pastor Caio depois daquele diálogo difícil com seu filho, e que ainda o emociona, foi assim resumido: “Era como se eu carregasse um tesouro de dor”.

O pastor sábio se faz ouvir

Embora comande um trabalho que ajudou a devolver a serenidade ao coração de milhares de pais e mães, Edith Modesto diz ser uma mulher de pequena fé. Sua luta, contudo, tem a marca que, segundo o ensino das Escrituras, deveria ser a de todo cristão: a busca incessante por reconciliação. “Bem-aventurados os pacificadores.” (Mt 5,9).

Se fizéssemos uma pesquisa de opinião pública para descobrir que adjetivos definem melhor o cristão evangélico brasileiro nos dias atuais, talvez encontrássemos pacificador, muito votados, compassivo, politicamente engajado, íntegro, desapegado do dinheiro... Será que de fato algum desses o definiria?

Os americanos resolveram fazer essa sondagem. O Barna Group, instituto de pesquisas ligadas ao público evangélico, foi às ruas para saber que palavras ou frases descreviam melhor o cristianismo nos Estados Unidos de nossos dias. Os dados apontam que, para 91% dos jovens não cristãos entre 16 e 29, a primeira expressão que lhes vem à mente quando pensam sobre a fé cristã é: *antigay*.⁹⁴

E essa não foi uma impressão exclusiva dos não cristãos. A resposta foi a mesma para 80% dos que disseram frequentar alguma igreja. Entre outras imagens negativas associadas aos evangélicos, foram citadas pelos entrevistados de ambos os públicos: hipócrita, julgador, reacionário e envolvido demais em política. Outra pesquisa, mencionada pelo presidente do Barna Group, David Kinnaman, em seu livro *You Lost Me*, afirma que uma das principais razões que fizeram 59% dos jovens cristãos abandonar a

igreja tinha a ver com a percepção de que a comunidade era por demais exclusiva, particularmente com relação a seus amigos LGBT. O autor relata que oito milhões de jovens americanos na faixa dos 20 anos deixaram suas congregações nos últimos anos. A hostilidade contra os gays foi um dos motivos apontados.

Esses jovens aparentemente estão cansados de um discurso conhecido: o crente deve amar o pecador, mas odiar o pecado da homossexualidade. Na prática, eles perceberam que esse amor não tem se materializado em atitudes concretas por parte de uma boa parcela dos evangélicos. O pastor e sociólogo Tony Campolo, em entrevista a uma jornalista americana, afirmou:

Nós agimos como se a genitália de alguém determinasse toda a sua personalidade, e como se sexo fosse o único fator definidor de uma identidade; ele é um fator importante, sim, é parte da minha identidade, mas não é toda a minha identidade. Gays e lésbicas estão pedindo para serem vistos além dos rótulos. Estão dizendo: 'Poderiam apenas nos conhecer e poderão encontrar em nós o mesmo Cristo, fazer uma conexão espiritual com o mesmo Jesus que há em vocês'.⁹⁵

Campolo é um líder progressista americano que tem batalhado pela reforma do pensamento da igreja evangélica, tanto liberal quanto conservadora em várias áreas, e tem se destacado por sua fala moderada quando o assunto é a homossexualidade. Professor de Sociologia no Eastern College, na cidade de Filadélfia, Pensilvânia, autor de mais de 30 livros, ele é conhecido também por fundar um movimento denominado Red Letter Christians, focado nos ensinamentos de Jesus, e por liderar a Evangelical Association for the Promotion of Education (EAPE), uma organização de ajuda humanitária que já espalhou sementes de justiça social em regiões pobres dos Estados Unidos e do mundo.

A entrevista com o pastor Campolo foi feita por telefone, na manhã de 9 de maio de 2012, curiosamente o mesmo dia em que o presidente americano

Barack Obama anunciou, algumas horas mais tarde, ser favorável ao casamento gay. O assunto estava fervendo nos Estados Unidos desde que o vice-presidente do país, Joe Biden, defendera publicamente o casamento entre pessoas do mesmo sexo, uma semana antes. Alguns dias depois disso, o governo da Carolina do Norte baixou uma lei proibindo que homossexuais se casem no estado, o que também gerou polêmica.

Outra notícia colaborou para intensificar os debates. O Instituto Gallup apresentou um estudo que mostra que 50% dos americanos já aprovam o casamento homossexual. O apoio, segundo a pesquisa, varia em função do segmento social e ideológico. Enquanto 65% dos democratas (partido liberal) e 57% dos independentes se posicionam a favor da legalização, só 22% dos republicanos (partido conservador) a aceitam.

As diferenças aparecem também em função da religiosidade, já que 88% dos cidadãos americanos sem identidade religiosa apoiam o casamento homossexual, mas os contrários ganham espaço entre os católicos romanos (47%) e, sobretudo, os protestantes (59%).⁹⁶

Uma batata quente

Campolo, que é muito criticado por teólogos conservadores por ter uma visão excessivamente humanista e sincrética, ressaltou que se sentia à vontade para comentar e dar palestras sobre o tema por não ser o líder de nenhuma igreja específica. Ele é associado à comunidade Mount Carmel, na Filadélfia, mas o fato de não ser o pastor-presidente lhe permite falar mais abertamente. Ele disse:

Pastores geralmente evitam o assunto. É o que chamamos de uma batata quente, pois ninguém quer tocar nela. E o evitam porque, em geral, as reações de cada lado são muito severas. Se você demonstra solidariedade para com gays e lésbicas, pode provocar tremenda animosidade entre os membros da congregação. E o reverso é verdadeiro também. Se afirma ser contrário, muitos irmãos vão ficar bravos.

Falou isso com conhecimento de causa. Por pregar a favor dos direitos civis plenos para a comunidade LGBT americana mas se opor ao casamento gay, ele é criticado tanto por evangélicos quanto pelos militantes. Ele ouve de gays e lésbicas que apreciam muito o seu apoio em favor de seus direitos legais, mas o acusam de não ir longe o suficiente. Alegam que ele não os apoia em sua luta pelo casamento. Por outro lado, seus amigos conservadores lhe dizem que apreciam muito o fato de que se opõe ao casamento gay com base no que está escrito no primeiro capítulo da carta de Paulo aos Romanos. Mas declaram que o consideram solidário demais com gays e lésbicas e não concordam que defenda que tenham os mesmos direitos civis que os heterossexuais.

Em resposta, Campolo diz aos conservadores que seria um contrassenso dizer à comunidade homossexual que você a ama em nome de Jesus se, ao mesmo tempo, concorda com uma legislação que a priva de mais de uma centena de privilégios legais e sociais aos quais os heterossexuais têm direito. “Se você vai tentar convencer as pessoas de que as ama, não teria de lutar por políticas públicas que demonstrem que você as ama? Pode haver amor sem justiça?” Por outro lado, ele dá sua resposta ao movimento LGBT:

Luto pela justiça em favor de gays e lésbicas porque, em nome de Jesus, eu os amo. Não significa que eu tenha de concordar com o casamento gay. Apenas significa que, porque eu os amo, quero que eles tenham os mesmos direitos e privilégios que eu tenho.

Parece haver nos Estados Unidos, segundo Campolo, uma tendência crescente na direção de dar apoio aos direitos civis, mas de não confundir união civil com matrimônio. Ele condena o fato de o governo declarar o que é casamento. Para Campolo, governo serve para garantir os direitos das pessoas e, se um casal quer se casar, deve ir a uma igreja e a igreja declarar o casamento. Isso porque, para ele, casamento é um sacramento da Igreja, e governos não devem decidir quem deve ou não receber esse sacramento religioso. Ele defende, com base na liberdade religiosa, a ideia de um casal

gay achar uma comunidade liberal que faça seu casamento caso outras igrejas conservadoras se neguem.

O presidente Barack Obama era dessa mesma opinião até mudar de lado. Mais da metade da população americana, segundo uma pesquisa feita pelo jornal *The New York Times*, afirmou que sua decisão teve motivação política, visando a ajudá-lo na campanha eleitoral para as eleições presidenciais de 2012 nos Estados Unidos. No início de 2013, em seu discurso de posse no segundo mandato, no Congresso, Obama foi ainda mais contundente ao declarar:

Nossa jornada não estará completa até que os nossos irmãos e irmãs gays sejam tratados como qualquer outra pessoa perante a lei, pois se realmente fomos criados como iguais, certamente o amor que atribuímos uns aos outros deve ser igual também.⁹⁷

Entre as denominações protestantes com mais visibilidade, já são favoráveis ao casamento gay nos Estados Unidos a Igreja Episcopal, a Evangelical Lutheran Churches of America (o maior grupo luterano no país) e a United Church of Christ. Os batistas e os metodistas não aceitam, e os presbiterianos ainda estão debatendo a questão, segundo Campolo, com forte tendência a flexibilizar-se também. “É um fenômeno crescente aqui nos Estados Unidos”, afirma.

Ele acredita que o debate em torno da homossexualidade adquiriu hoje a mesma dimensão que o divórcio tinha nos anos 1950 e 1960. Segundo Campolo, gays e lésbicas cristãos estão acusando as igrejas de hipocrisia por permitirem tantos divorciados e recasados nas suas congregações. Como se dissessem que, se a Bíblia ensina que certas formas de casamento são indevidas, não só os gays deveriam ser alvo de suas críticas, mas também as pessoas divorciadas e casadas novamente. “A família está em apuros”, observou Campolo. E completa:

Nos Estados Unidos, a taxa de divórcio é superior a 40%. Além disso, mais de 20% dos jovens com vinte e poucos anos estão vivendo juntos sem ser casados.

Os gays estão dizendo: “Se vocês querem salvar a família, por que não lidam com o que leva a essas separações? Com esse grande número de crianças nascidas fora do laço do casamento? Não são esses os problemas que estão destruindo a família? Nós achamos que é um falso argumento dizer que somos nós, os gays, que estamos destruindo a família”.

Sobre a questão da adoção de crianças por homossexuais, ele explica que o principal argumento da comunidade gay a isso é que eles querem adotar crianças que os heterossexuais não estão assumindo para si. “Os gays, no fundo, estão dizendo para as igrejas: ‘Os casais heterossexuais querem se divorciar e desfazer a família; nós queremos nos casar, criar filhos, construí-la’.”

Campolo defende como parte de uma sociedade igualitária e democrática permitir que um sacerdote vá a um canal aberto de televisão para condenar as práticas homossexuais com base nos ensinamentos da Bíblia. Para ele, em uma sociedade em que há liberdade de expressão, as pessoas que falam respeitosamente devem ser ouvidas respeitosamente. “Pessoas devem ter direito a suas opiniões mesmo que a grande maioria discorde veementemente dela. Uma sociedade livre requer liberdade de expressão.”

Ao ser indagado se isso não poderia estimular o ódio contra essa minoria, o sociólogo responde que, quando se começa a tentar prever como será a reação das pessoas, pode-se cometer o mesmo erro de Pilatos: mesmo achando que Jesus era inocente, o governador estava preocupado com o que a multidão pensaria se o libertasse. A preocupação de Pilatos com a opinião pública levou Jesus à cruz. “Toda conversa deve ser feita sem tornar vilões ou denegrir aqueles que discordam de você. Estamos num mundo muito perigoso hoje, onde é praticamente impossível discordar de alguém sem atacá-lo e chamá-lo de mau. Demonizar indivíduos que discordam de nós não ajuda em nada e pode acabar com o discurso democrático.”

Para além das polêmicas e controvérsias que envolvem o conteúdo de suas ideias, a forma amorosa e firme com que fala tem feito do pastor Tony

Campolo, e sua mulher, Peggy, fonte de pacificação, atraindo de volta pessoas que se afastaram das igrejas. Em 2003, o casal foi convidado a palestrar num encontro da Gay Christian Network, uma Organização Não Governamental que promove reuniões e fóruns sobre a homossexualidade entre os cristãos.

Para um auditório lotado de casais de gays e lésbicas, Campolo reafirmou suas convicções: para ele, ninguém descobriu ainda o que leva uma pessoa a ser homossexual, ninguém escolhe ser assim, ninguém consegue deixar de “sentir-se gay”. Mesmo tendo uma visão que vai contra a da maioria conservadora, o pastor enfatizou que o cristão gay deve optar por uma vida celibatária, pois a Bíblia não o autoriza a se unir intimamente com uma pessoa do mesmo sexo.

Peggy, ao contrário, crê na possibilidade do casamento fiel e monogâmico para os homossexuais cristãos. Ela defendeu seu ponto de vista citando estudos e contextualizando textos bíblicos a respeito da prática homossexual. “Não podemos permitir que essa questão nos divida, mas devemos continuar conversando, com grande respeito. Peggy e eu discordamos, mas não vamos nos divorciar por causa disso. E é assim que tem de ser com a Igreja”, disse Campolo.⁹⁸

Ele acredita que, ao menos nos Estados Unidos, um dos pontos em jogo quando a discussão esquenta, não é realmente a homossexualidade ou o bem-estar dos gays, mas sim uma disputa de poder dentro das denominações. Em sua opinião, isso se deve a uma tentativa de manipulação do sofrimento de pessoas que não escolheram sua orientação sexual. “E eu acho abominável travar disputas de poder em torno de uma questão que causa tanto sofrimento.”

Em outra ocasião, o pastor contou a uma jornalista americana a história de uma mulher que certa noite ligou para a sua casa e lhe fez uma pergunta. Ela queria saber se, quando as pessoas morrem, são julgadas imediatamente após a morte ou esperam até que um juízo coletivo seja feito pelo Senhor.

Era tarde, e Campolo estava exausto. Além disso, nem sabia quem era aquela senhora ou como tinha o número de seu telefone. Ele devolveu: “É uma resposta complexa. Sim, segundo a Bíblia, seremos julgados pelo Senhor, todos juntos, no grande dia do julgamento”.

Ao final da explicação, ele quis saber o que a levava a telefonar tão tarde para sua casa, com uma pergunta tão profunda quanto aquela. E ouviu: “Três semanas atrás, meu filho homossexual cometeu suicídio. No dia desse grande julgamento quero estar ao lado dele, diante do Senhor, para lhe dizer como ele era um filho bom e amoroso”.⁹⁹

94 Disponível em: <<http://rachelheldevans.com/win-culture-war-lose-generation-amendment-one-north-carolina>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

95 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=gWYtkn_8D-g>. Acesso em: 5 jul. 2013.

96 Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5761573-EI8141,00-Pesquisa+aponta+que+dos+americanos+apoiam+casamento+gay.html>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

97 Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/leia-o-discurso-de-obama-na-integra-em-ingles.html>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

98 Disponível em: <<http://www.gaychristian.net/campolos.php>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

99 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=gWYtkn_8D-g>. Acesso em: 5 jul. 2013.

Reflexões finais

Em busca de maturidade

Que palavras poderiam consolar o coração daquela mãe? Que respostas nós, cristãos, podemos oferecer a pessoas que experimentam um nível de rejeição tamanho a ponto de, por vezes, terminarem suas vidas tragicamente, como foi relatado nestas páginas?

Um episódio talvez mais perturbador ocorreu na cidade de São Paulo, na ocasião em que eu concluía a pesquisa para este livro. Um amigo enviou-me um e-mail em confidência. Ele continha o lamento de um pastor que acabara de perder uma de suas ovelhas. O rapaz lutava interiormente com sua homoafetividade, e esse pastor acompanhava-o em aconselhamentos espirituais nos últimos meses. O pastor relatava no e-mail a tragédia humana em que se transformara a vida daquele jovem. Sem saber como lidar com o conflito, ele havia cometido suicídio na frente de seu pai, atirando-se da janela de seu prédio, depois de ouvir dele: “Prefiro ver um filho morto a ter um filho gay”. O pai do jovem morto também era pastor.

Em seu livro *Decepcionado com Deus*, o escritor Philip Yancey faz uma reflexão contundente:

Com mais frequência, os cristãos reagem à injustiça da vida não por negá-la totalmente, mas por minimizá-la. Eles, como os amigos de Jó, buscam alguma razão oculta por trás do sofrimento:

“Deus está tentando ensinar alguma coisa para você, que deveria se sentir privilegiado, não amargurado, pois esta é uma oportunidade de depender dele pela fé.”

“Medite sobre as bênçãos de que você ainda desfruta – pelo menos, está vivo. Será que você é cristão só quando tudo vai bem?”

“Você está submetendo-se a um treinamento, uma oportunidade de exercitar novos músculos da fé. Não se preocupe – Deus não vai testá-lo além daquilo que você consegue suportar.”

“Não se queixe tanto! Você vai perder esta oportunidade de demonstrar sua fidelidade para os não-crentes.”

“Sempre existe alguém em pior situação do que você. Agradeça, apesar das suas circunstâncias.”¹⁰⁰

Seriam tais palavras de “sabedoria” o remédio certo para esse tipo de dor?

Vendo de uma outra perspectiva, qual terá sido a reação de um pai em batalha para aceitar a homossexualidade de seu filho, ao ver o pastor de sua igreja afirmar, em uma entrevista em rede nacional de televisão: “Sim, eu amo os homossexuais, assim como amo os bandidos, os assassinos”?¹⁰¹ Será que foram palavras adequadas a um servo de Deus? Será que consolaram o coração do pai aflito?

É melhor fugir?

Eu ainda carregava um fardo de dúvidas à medida que me aproximava da conclusão do trabalho a que me propus. Algumas constatações e certa angústia me acompanharam quando decidi me refugiar em um pequeno hotel na cidade de São Paulo, a fim de encontrar o silêncio necessário para poder colocar no papel estas reflexões finais.

A paixão despertada pelo tema da homoafetividade entre os cristãos é um desafio enorme para a Igreja. O assunto ainda se perde em meio a muito preconceito, desinformação e, não raro, uma atitude de superioridade moral, também conhecida como farisaísmo. Como escreveu John Stott: “Muitas pessoas têm zelo sem sabedoria; entusiasmo sem inspiração. Em outras

palavras, elas têm boa vontade, mas não fazem ideia do que está acontecendo”.¹⁰²

Em minhas conversas com outros cristãos, encontrei sintomas de um mal que defini como “a convicção própria da ignorância”: a capacidade que, tristemente, muitos de nós possuímos de emitir pesados julgamentos de valor a respeito daquilo que não conhecemos.

Em minhas andanças, também percebi que, frequentemente, muitos evangélicos ainda associam a homoafetividade à depravação e à falta de caráter. “É caixão e vela preta”, sintetiza, com ironia, um amigo da Assembleia de Deus, ao tratar do destino eterno dos gays e lésbicas. Não há negociações possíveis.

É realmente muito difícil ser empático e compreender em profundidade aqueles que são tão diferentes de nós. Apenas a ideia do tipo de relacionamento físico praticado entre os iguais é repulsiva para muitos. É inaceitável. Não se trata de um assunto ameno e não sem razão muitos preferem fugir dele.

Uma igreja que pretenda cumprir um papel mais relevante em seus dias, entretanto, precisa estar bem preparada para enfrentar esta que se tornou uma questão nevrálgica da contemporaneidade. E cujos reflexos se espalham pelo mundo todo. Enquanto escrevo, ainda me vêm imagens e a fala do Papa Bento XVI, que no dia 28 de fevereiro de 2013 renunciou oficialmente ao cargo de autoridade máxima da Igreja Católica, deixando perplexa uma multidão de fiéis ao redor do planeta. Entre as razões apontadas para sua saída, cogitou-se do escândalo causado por um relatório interno, feito por três arcebispos da Igreja, e que tratava da existência de um forte *lobby* gay dentro do Vaticano.

Em um terreno politicamente pedregoso e teologicamente instigante como o da homoafetividade vista à luz do evangelho, a tarefa tanto de pastores quanto das ovelhas exige mansidão e uma postura humilde. O zelo deve vir repleto de sabedoria e maturidade.

Há que se reconhecer que ninguém, em nenhum lugar do mundo, até hoje descobriu o que leva uma pessoa a ser homossexual. Tudo o que existe são teorias e correntes de pensamento. Nenhum cientista encontrou o gene da homoafetividade. Os que afirmaram que o cérebro dos gays é diferente do cérebro dos heterossexuais foram severamente contestados por seus pares, que garantem que o estilo de vida de uma pessoa também pode exercer um impacto sobre a anatomia cerebral, dada sua plasticidade.

Afirmar categoricamente que todos os homossexuais escolheram ser assim, como prega a maioria cristã, é subestimar a quantidade de ódio e desprezo que podem estar reservados para aqueles que trafegam nesta via da sexualidade. É como bem lembra Ricardo Alexandre na apresentação deste livro, ao referir-se a um sermão do pastor André Fontana, da Igreja Batista Água Viva, de Vinhedo-SP. Ele conta a história de um cego de nascença curado por Jesus, narrada no capítulo 9 do evangelho de João.

A cultura da época dizia que as deficiências físicas eram um castigo divino pelo pecado praticado pela pessoa ou por seus antepassados. Uma espécie de “carma”. Os discípulos, então, querem saber o que Jesus pensa sobre isso. “Rabi, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?” (Jo 9,1).¹⁰³ Jesus lhes responde: “Vocês estão fazendo a pergunta errada, procurando a quem culpar. Não há nenhuma relação de causa e efeito aqui. Em vez disso, olhem para o que Deus pode fazer” (Jo 9,1).¹⁰⁴

Enquanto a igreja perde tempo procurando os “culpados”, as obras de Deus permanecem ocultas.

A falta de sabedoria não é exclusiva dos evangélicos. Ao politizar um assunto que envolve uma dimensão pastoral e que leva em conta muitos dramas pessoais, os ativistas gays elevam os decibéis, exibindo uma postura tão agressiva quanto a daqueles que lhes fazem oposição.

Despolitizar e tirar da homoafetividade seu conteúdo ideológico são desafios tão grandes quanto o de levar a Igreja a uma abordagem madura sobre a sexualidade.

Precisamos amadurecer. E orar por um coração mais compassivo. É difícil crer que Jesus tomasse atitudes como as descritas a seguir.

Pastor pede que homossexuais sejam presos e morram, nos EUA

Um pastor americano causou indignação na internet nesta terça-feira depois de sugerir às pessoas que prendam homossexuais em um cercado elétrico como gado e esperem que morram. O reverendo Charles Worley manifestou essas ideias dia 13 de maio, em um culto que comemorava o Dia das Mães, em sua Igreja Batista de Maiden, na Carolina do Norte. Nesse mês, o estado proibiu o casamento homossexual, por referendo. “Construam um grande cercado. Ponham todas as lésbicas dentro, voem acima delas e atirem-lhes comida. Façam o mesmo com os homossexuais e garantam que a cerca seja elétrica, para que não possam sair, e em alguns anos morrerão, pois não podem se reproduzir”, diz o pastor em um vídeo, postado no YouTube.¹⁰⁵

Ou esta:

Pastor convoca fiéis para “guerra” entre Marcha para Jesus e Parada Gay. População LGBT rebate, dizendo que não quer conflito com ninguém

O presidente da Ordem dos Pastores de Maringá, Paulo Klingelfus, pediu em seu perfil no Facebook que os cristãos da cidade fizessem “uma guerra” contra a Parada LGBT de Maringá, programada para o próximo domingo (20). Ele usou o versículo da Bíblia de Efésios 6,12, “Nossa luta não é contra carne nem sangue, mas contra principados”. Também comentou: “O versículo nos chama para uma guerra, não contra os homossexuais, mas contra tudo o que está por trás desse movimento. Nós, cristãos, amamos os homossexuais, mas não podemos nos calar diante do pecado, a guerra está travada”.¹⁰⁶

O bom cristão não manda lésbicas para cercadinhos eletrificados nem incita o ódio, conclamando guerras. E o bom pastor apascenta. Ele sai à procura das ovelhas que se perderam do caminho para trazê-las de volta.

Vocês não fortalecem as fracas, não curam as doentes, não procuram as perdidas. Vocês as ameaçam e atormentam. E agora elas estão espalhadas por todos os cantos, porque não há pastor. Estão espalhadas e são presas fáceis para os lobos. Espalhadas, minhas ovelhas, sem proteção alguma nas montanhas e colinas. Minhas ovelhas estão espalhadas por todo o mundo, e ninguém está procurando por elas (Ezequiel 34,3-6).

O bom pastor vai além: ele abraça os “leprosos”, os rejeitados sociais de nossos dias, e seu exemplo leva as ovelhas a abrir os braços em direção a eles. Ele ensina que as pessoas não são justificadas diante de Deus por aquilo que deixam de fazer. Pelos prazeres dos quais, em sacrifício, abrem mão. E mostra que o convite para a grande festa não é uma recompensa pelos desejos que heroicamente conseguem refrear. O apóstolo Paulo nos lembra disso quando diz:

Se você dá duro e faz um bom trabalho, merece o pagamento. Ninguém pode dizer que seu pagamento é um presente. Mas, se você percebe que a tarefa está muito além da sua capacidade, algo que só Deus pode fazer, e confia que ele o fará (volto a dizer: algo que você jamais conseguirá fazer, não importa como e quanto trabalhe), essa confiança em Deus é que o deixa numa situação aceitável diante dele, por causa de Deus. Pura graça (Rm 4,4-5).¹⁰⁷

O bom pastor prega esse evangelho reconciliador. Ele entende que um discurso que coloque a Lei adiante da graça só servirá para afugentar os vacilantes. Com mansidão, seu chamado vai mostrar a revolução que o amor gracioso de Deus por todos pode causar na vida de quem o recebe. O que parecia imutável muda. Quem parecia desprezível pode virar um irmão.

Muitos podem contestar, lembrando que esse mesmo evangelho nos ensina a viver uma vida de autonegação e sacrifício. Uma vida consciente da constante batalha travada entre a carne e o espírito. Que se esforça e diz não às paixões que tenazmente nos assediam. No caminho até o arco-íris existe uma cruz. O próprio Jesus nos desafiou:

Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, a encontrará (Mt 16:24 – NVI).

Ocorre que, para levar a cruz, é preciso ser atraído até ela, chegar tão perto a ponto de ser invadido por uma paixão maior que todas as outras. Pois essa é mesmo a paixão que vence todas as outras. É como disse aquele monge quando uma moça lhe perguntou se já havia se apaixonado alguma vez. “Sim, muitas vezes, até que encontrei um amor maior.”

Todos os gays entrevistados por mim que afirmaram ter deixado a prática homossexual só o fizeram por terem experimentado um sentimento avassalador e místico, tão forte que os habilitou a negar até a própria natureza. Eles vivenciaram esse poder e descobriram que valia a pena deixar tudo para conhecê-lo melhor. Ninguém os forçou. Ágape simplesmente sobrepujou Eros.

Muitos de nossos líderes espirituais, contudo, insistem em martelar o código da Lei, reforçando o poder da maldade, como se na batalha entre a maldade humana e a graça de Deus, a primeira levasse a melhor. Não é o que está escrito:

Na disputa entre o pecado e a graça, a graça vence com facilidade. Tudo o que o pecado pode fazer é nos ameaçar com a morte. Já a graça, uma vez que Deus está consertando as coisas por meio do Messias, nos convida à vida, uma vida que continua para sempre, que jamais terá fim (Rm 5,21).¹⁰⁸

Ao longo da pesquisa que gerou este livro, constatei que a resposta que milhares de homossexuais deram àquela cruz do Calvário foi um alto e sonoro SIM. Esse ato de entrega e devoção teve consequências. Muitos abriram mão da prática homossexual e se tornaram celibatários. Outros se casaram, tiveram filhos e lutam, como todos os casais, para se adaptar a um convívio que em todos os casos exige uma atitude perdoadora e de renúncia. Outros assumiram a orientação sexual e formaram casais homoafetivos,

convictos de que Deus julgará a pureza de suas intenções e sua sinceridade de culto.

Aos que perseveraram no Caminho e não desistiram de lutar por uma comunhão fraterna, na qual ideias divergentes são respeitadas, a boa notícia é que sempre haverá referências inspiradoras. Para todos os que enfrentam a dor da rejeição, é importante ficar de olhos fixos naquele que sabe o que é ser rejeitado, pois suas mãos feridas estão cheias de poder. São pessoas que almejam, sem saber, o caráter aprovado de Aliócha Karamázov, o jovem sacerdote descrito em *Os Irmãos Karamázov*, de Fiódor Dostoiévski:

[...] Amava os homens: parecia ter vivido a vida inteira acreditando plenamente neles, e entretanto nunca ninguém o considerava simplório, nem ingênuo. Nele havia qualquer coisa que dizia e infundia (aliás, foi assim pelo resto da vida) que ele não queria ser juiz dos homens, que não queria assumir sua condenação e por nada os condenaria. Parecia até que admitia tudo, sem qualquer condenação, embora tomado amiúde de uma tristeza muito amarga. Nesse sentido, chegou mesmo a tal ponto que ninguém poderia surpreendê-lo nem assustá-lo, e isso acontecera até em sua mais tenra juventude. Chegando aos 19 anos à casa do pai, um antro de sórdida depravação na plena acepção da palavra, ele, casto e pudico, apenas se afastava em silêncio quando era insuportável contemplar, mas sem o mínimo sinal de desprezo ou condenação de quem quer que fosse.¹⁰⁹

Ao se deparar com a índole mansa de Aliócha, o *stárietz*, o grande sacerdote, ordena que ele deixe o isolamento do mosteiro e siga sua vida fora dali: “Eu te abençoo para o grande noviciato do mundo”.¹¹⁰

- 100 YANCEY, P. *Decepcionado com Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 191.
- 101 A frase é do pastor Silas Malafaia, entrevistado por Marília Gabriela, no programa *De Frente com Gabi*, no canal de televisão SBT, no dia 3/2/2013. A entrevista teve grande repercussão na mídia secular e evangélica. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QaJa2tki_TM>. Acesso em: 5 jul. 2013.
- 102 STOTT, J. *Crer é também pensar*. São Paulo: ABU, 2012, p. 21.
- 103 PETERSON, E. *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*. São Paulo: Vida, 2011 p. 1519.
- 104 *Ibidem*.
- 105 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1094235-pastor-pede-que-homossexuais-sejam-presos-e-morram-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 5 jul. 2013.
- 106 Disponível em: <<http://noticias.gospelprime.com.br/pastor-convoca-fieis-para-guerra-entre-marcha-para-jesus-e-parada-gay/#ixzz1vhOSoq2i>>. Acesso em: 5 jul. 2013.
- 107 PETERSON, E. *A mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*. São Paulo: Vida, 2011.
- 108 *Ibidem*.
- 109 DOSTOIÉVSKI, F. M. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 33.
- 110 *Idem*, p. 121.

Série O Clube das Canthas - 4

SARAH MACLEAN

*Nunca julgue
uma dama pela
aparência*

GUTENBERG



Nunca julgue uma dama pela aparência

MacLean, Sarah

9788582353561

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Duncan West, assim como todos os homens, enxerga apenas o que quer...

Mas ele estava prestes a ver o que não queria.

Para a aristocracia, Lady Georgiana é a pobre irmã de um duque, rejeitada pela família após ter sido arruinada no pior tipo de escândalo possível: uma mulher que fez escolhas infelizes ao entregar-se de corpo e alma para um rapaz que todos desconhecem.


Mas a verdade é sempre muito mais chocante! Nos recônditos mais obscuros de Londres, Lady Georgiana é a mulher mais poderosa da Grã-Bretanha, a rainha do submundo londrino, e atende pelo nome de Chase, o lendário e temido fundador do cassino mais exclusivo da cidade, o Anjo Caído.

Circulando disfarçada pelos corredores de seu império, Chase sabe dos piores segredos dos figurões da sociedade e tem todos os poderosos na palma de sua mão, mas durante anos os seus próprios

mistérios nunca foram descobertos... Até agora!

Brilhante, inteligente e bonito como o pecado, o jornalista Duncan West está intrigado com a linda mulher – que de alguma forma está ligada a um mundo de trevas e perdição. Ele sabe que Georgiana é muito mais do que parece e promete desvendar todos os seus segredos, expondo seu passado, ameaçando seu presente e arriscando tudo o que ela tem de mais precioso. Inclusive seu coração.

[Compre agora e leia](#)




MONICA SIFUENTES

ROMANCE

UM
POEMA
para
BÁRBARA

A história de amor
que ajudou a escrever
a História do Brasil

Apresentação de Mary del Priore

 GUTENBERG

Um poema para Bárbara

Sifuentes, Mônica

9788582353363

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

São João Del Rei, Minas Gerais, 1776. A cidade recebe o novo ouvidor da comarca, vindo de Portugal: o jovem intelectual e bon-vivant José Inácio de Alvarenga Peixoto. Pronto para assumir sua responsabilidade na próspera Colônia da Coroa, o caminho do magistrado se cruza com o de Bárbara Eliodora, moça de gosto apurado e ideias à frente de seu tempo, que encontra expressão na poesia, assim como Inácio. Do encontro dos dois nasce uma paixão repleta de sonhos de liberdade e revolução, e de um país livre dos grilhões da realeza. Retratando a jornada que culmina na turbulenta Inconfidência Mineira, Um poema para Bárbara é uma história de amor e coragem que jamais será apagada pelo tempo. Um legado de sangue e lutas, de ideais e heroísmo, que marca até hoje a História do Brasil.

[Compre agora e leia](#)


AUTORA BEST-SELLER N° 1 DO THE NEW YORK TIMES

MAYA
BANKS



SALVE-ME

Trilogia Slow Burn - Volume 2

 GUTENBERG

Salve-me

Banks, Maya

9788582353004

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

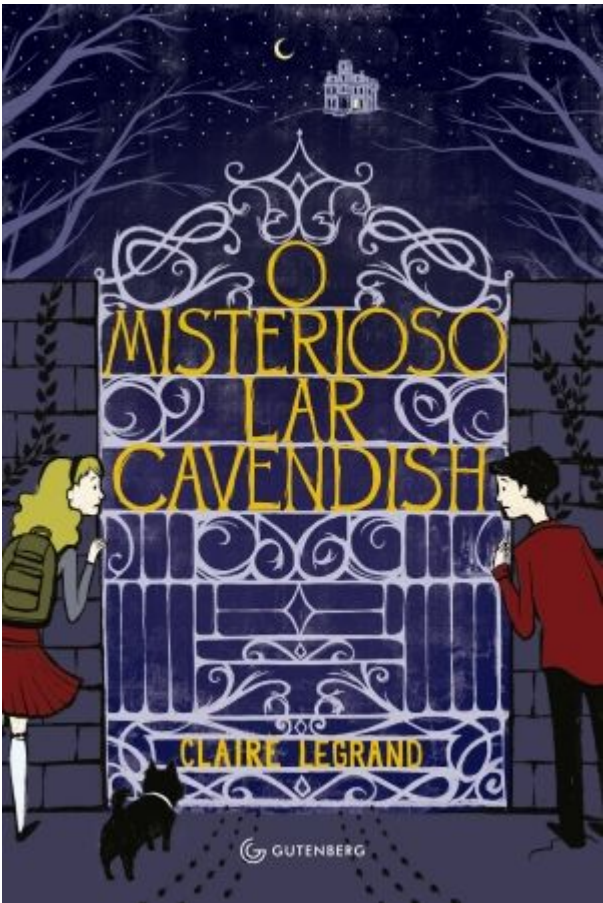
O que pode acontecer quando uma heroína determinada encontra um herói alfa sexy?

Abandonada quando bebê e adotada pelo jovem e rico casal Gavin e Ginger Rochester, Ariel cresceu em um mundo de privilégios. Sua única ligação com o passado é algo que a distingue de todos os outros: seus poderes telecinéticos. Protegida por seus pais adotivos para manter seu dom em segredo, Ari cresce no colo do luxo, mas também do isolamento. Até que, quando jovem, alguém começa a ameaçar sua vida...

Beau Devereaux é um homem frio, rico e poderoso, C.E.O. da DSS, empresa de segurança criada pela família após todos os sinistros acontecimentos com o irmão Caleb e a cunhada Ramie. Beau é mais que familiarizado com as realidades de poderes psíquicos. Assim, quando Ari o procura, dizendo que seus pais haviam desaparecido e que ela precisa de proteção, ele se prontifica a ajudar. O que Beau não está preparado é para a extensão de sua atração por sua bela e poderosa cliente.

O que começou apenas como mais um trabalho, rapidamente se transforma em algo pessoal, e Beau descobre que é capaz de qualquer coisa para proteger Ari. Mesmo que isso lhe custe a vida.

[Compre agora e leia](#)



O misterioso Lar Cavendish

Legrand, Claire

9788582351802

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Victoria é sempre impecável. Seus cabelos e unhas brilham, seu quarto não tem nada fora do lugar, sua rotina é precisa. Se há algo que ela pode considerar como um defeito em sua vida é Lawrence, que parece seu oposto: é preguiçoso, desorganizado, anda com a roupa desgrenhada e vive sonhando no mundo da música. Ela nem entende como eles vieram a se tornar amigos. Mas, exceto por isso, sua vida é perfeita na cidade de Belleville.

Até que Lawrence desaparece. Ela começa a investigar, e percebe que ele não é o único a sumir na pequena cidade. Por trás de suas ruas tranquilas, há segredos sombrios e assustadores, e as pistas que Victoria encontra parecem apontar para um lugar em especial: o Lar Cavendish. As pessoas entram lá mas saem... diferentes. Ou então não saem.

Ignorada pelos adultos, ela se vê como a única capaz de tentar resolver o mistério e trazer seu amigo de volta. Mas, para isso, terá de abrir mão de sua vida perfeita.

[Compre agora e leia](#)



Ela está em todo lugar

Priest, Cherie

9788582353240

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

May e Libby criaram a Princess X no dia em que se conheceram, e desde então tornaram-se inseparáveis. Através da personagem, as garotas mataram todos os dragões e escalaram todas as montanhas que a imaginação delas pôde criar.

Até Libby e sua mãe morrerem em um acidente de carro.

Três anos depois, May começa a ver imagens da Princess X em adesivos e pôsteres por toda a cidade.

Isso só pode significar uma coisa: Libby está viva. E May não vai parar enquanto não encontrá-la.

[Compre agora e leia](#)